



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

CAMILLA RASTELY DA SILVA

EVIDÊNCIAS PARA AQUISIÇÃO DO EFEITO V2 NO ESPANHOL MEDIEVAL

Salvador  
2021

CAMILLA RASTELY DA SILVA

EVIDÊNCIAS PARA AQUISIÇÃO DO EFEITO V2 NO ESPANHOL MEDIEVAL

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia para defesa no curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto.

Coorientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Samara de Souza Almeida Ruas

SALVADOR  
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rastely da Silva, Camilla  
EVIDÊNCIAS PARA AQUISIÇÃO DO EFEITO V2 NO ESPANHOL  
MEDIEVAL / Camilla Rastely da Silva. -- Salvador,  
2021.

131 f. : il

Orientador: Carlos Felipe da Conceção Pinto.  
Coorientadora: Samara de Souza Almeida Ruas.  
Dissertação (Mestrado - Mestrado em Língua e  
Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,  
Universidade Federal da Bahia, 2021.

1. Aquisição. 2. Efeito V2. 3. Ordem de palavras.  
4. Movimento do verbo. 5. Espanhol medieval. I. da  
Conceção Pinto, Carlos Felipe. II. de Souza Almeida  
Ruas, Samara. III. Título.

## BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto.  
(orientador - UFBA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Samara de Souza Almeida Ruas  
(co-orientadora - UFBA)

---

Prof. Dr. Andre Luis Antonelli - UEM

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Torres Morais - USP

## AGRADECIMENTOS

Deus infinitamente bom, que o teu nome seja bendito pelos benefícios que me hás concedido. Indigno eu seria, se os atribuísse ao acaso dos acontecimentos ou ao meu próprio mérito. Gratidão por estar viva e ter permitido que eu chegasse até aqui. Foram dois anos de dor, angústias, perdas e sofrimento. Estar viva e ter sobrevivido a esse vírus já é o maior agradecimento.

Agradeço à Universidade Federal da Bahia, onde realizei todos os meus estudos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, coordenação e funcionários. Em especial quero agradecer a Tatiana, funcionária que sempre me acolheu.

Também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia por ter financiado essa dissertação.

Agradeço ao Professor Dr. Carlos Felipe Pinto por ter me orientado, pela paciência e carinho.

À minha família: minha Sueli, meu pai Genaro, meus avós, minha madrinha, meus tios e tias, Isabelle e todos os familiares que estiveram ao meu lado nessa jornada.

Agradeço ainda a minha bisavó Cibelle (in memoriam), que sinto estar próxima a mim.

Tenho que agradecer de coração à professora Samara Ruas, quem sempre me apoiou, ajudou, incentivou. Samara esteve ao meu lado desde a graduação e nunca me deixou desistir: uma grande amiga.

À Lucas Oliveira, meu namorado, por ter virado noites tentando me ajudar, por toda paciência, carinho e cuidado.

A todos os meus amigos, em especial a Luana Dall'Agnol, Tiago Correia, Elian Luz, Piotr Stasiuk e Araceli Luna.

Agradeço às crianças e à equipe da evangelização da Casa do Caminho pelos momentos de divertimento, seguindo juntos nessa estrada que nos leva à paz e muita luz, é muito bom encontrar vocês.

Bons Espíritos, que fostes os executores das vontades de Deus, agradeço-vos e especialmente a ti, meu anjo guardião. Também ao irmão espiritual que me disse que esta jornada não seria fácil, obrigada por me preparar e por ter me acompanhado, sinto a tua presença.

Agradeço a todos que ajudaram em pensamento, em oração, emanando energia para que eu conseguisse superar esse desafio: gratidão.

Deus, afastai de mim a ideia de orgulhar-me do que recebi e de não o aproveitar somente para o bem.

*"¿Qué es la vida? Un frenesí. ¿Qué es la vida? Una ilusión, una sombra, una ficción; y el mayor bien es pequeño; que toda la vida es sueño, y los sueños, sueños son."*  
Calderon de la Barca (1635)

## RESUMO

O efeito V2 – o movimento do verbo flexionado para a segunda posição na oração – ocorre por meio do movimento do verbo para C° e o deslocamento do XP para uma posição de [spec, CP]. Autores como Pinto (2011), Fontana (1993, 1997), Fernández Ordóñez (2009), Rodríguez Molina (2010), Adams (1987), Antonelli (2011) e outros defendem que as línguas românicas medievais eram V2, enquanto outros negam esta hipótese. Partindo do pressuposto de que as línguas românicas medievais, em especial o espanhol, eram línguas [+V2], busca-se, neste trabalho, discutir hipóteses acerca da aquisição deste fenômeno no espanhol medieval. Para isso, analisaremos uma amostra constituída a partir do banco de dados de Pinto (2011), como objetivo de levantar evidências para aquisição de uma língua-I [+V2] no espanhol medieval considerando hipóteses acerca dos fatores internos e/ou externos que poderiam ter motivado a aquisição, considerando os contatos linguísticos entre os povos bárbaros e latinizados na história do espanhol. Procuramos responder as seguintes perguntas gerais: *(i) o que configura a aquisição de uma gramática [+V2] no espanhol medieval? (ii) qual seria o gatilho para a criança adquirir essa gramática?*

**Palavras-chave:** aquisição; efeito V2; ordem de palavras; movimento do verbo; espanhol medieval.



## SUMMARY

The V-2 effect - the movement of the inflected verb to the second position in the clause - appears through a movement of the verb from T° to C° and a displacement of the XP to a [spec, CP] position. Authors such as Pinto (2011), Fontana (1993; 1997), Fernández Ordóñez (2009), Rodríguez Molina (2010), Adams (1987), Antonelli (2011) and many others argue that Romance languages from the Medieval epoch were V2-languages, while some others authors denies this hypothesis. Assuming that the medieval Romance languages, essentially including Spanish, were [+V2] languages, this dissertation seeks to analyze and discuss hypothesis about the acquisition of this phenomenon in medieval Spanish. To achieve this objective, we will analyze a sample included in the database of Pinto (2011), in order to gather evidence for the acquisition of an I-language [+V2] in medieval Spanish taking in consideration hypotheses about the internal and/or external factors that could have motivated the acquisition, as well as considering the linguistic contacts between the barbarian and Latinized peoples in the history of Spanish. We aim to answer the following questions: *(i) what configures the acquisition of a grammar [+V2] in medieval Spanish? (ii) what would trigger a child to acquire this grammar?*

**Keywords:** acquisition; V2 effect; word order; verb movement; medieval Spanish.

## RESUMEN

El efecto V2 - el movimiento del verbo flexionado a la segunda posición de la oración - ocurre por medio del movimiento del verbo a C° y el desplazamiento del XP a una posición de [spec, CP] . Autores como Pinto (2011), Fontana (1993, 1997), Fernández Ordóñez (2009), Rodríguez Molina (2010), Adams (1987), Antonelli (2011) entre otros defienden que las lenguas románicas medievales eran V2, mientras que otros niegan esta hipótesis. Partiendo de la suposición de que las lenguas románicas medievales, en especial el español, eran lenguas [+V2], se busca, en este trabajo, discutir hipótesis acerca de la adquisición de este fenómeno en el español medieval. Para eso, analizaremos una muestra constituida a partir del banco de datos de Pinto (2011), teniendo como objetivo encontrar evidencias de adquisición de una lengua-I [+V2] en el español medieval considerando hipótesis acerca de los factores internos y/o externos que podrían haber motivado la adquisición, considerando los contactos lingüísticos entre los pueblos bárbaros y latinizados en la historia del español. Pretendemos responder las siguientes preguntas generales: (i) *¿qué configura la adquisición de una gramática [+V2] en el español medieval?* (ii) *¿cuál sería el disparador para que los niños adquirieran esa gramática?*

**Palabras-clave:** adquisición; efecto V2; orden de palabras; movimiento del verbo; español medieval.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Projeção de Adams.....	27
Figura 2- Sintaxe V2 em posição de sujeito .....	38
Figura 3- Representação para o movimento do verbo no espanhol medieval	39
Figura 4- Divisão da Hispânia em províncias romanas.....	55

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Divisão das línguas V2 .....	20
Tabela 2- Tipos de V2 .....	26
Tabela 3- Distribuição geral da posição do verbo nas duas fases do espanhol	41
Tabela 4- Distribuição posição do verbo em orações matrizes nas duas fases do espanhol.....	42
Tabela 5- Distribuição posição do verbo em orações subordinadas nas duas fases do espanhol .....	42
Tabela 6 - Posição do verbo em orações matrizes.....	43
Tabela 7- Constituinte em posição pré-verbal no português do século XIX e XX .....	87
Tabela 8- Ordem SV/VS no português do século XIX e XX.....	88
Tabela 9- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências por ordem ...	103
Tabela 10- teste qui-quadrado da distribuição de frequências das ordens em cada século.....	104
Tabela 11- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V2 por cada padrão .....	106
Tabela 12- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V2 nos padrões 2 e 3.....	106
Tabela 13- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V2 nos padrões 1 e 4.....	106
Tabela 14- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V2 por padrão em cada século .....	108
Tabela 15- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V1 por padrão.....	109
Tabela 16- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V1 nos padrões 5, 6 e 8 .....	110
Tabela 17- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V1 nos padrões 5 e 6.....	110
Tabela 18- Teste qui-quadrado: padrão x século .....	112

Tabela 19- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem $V > 2$ nos padrões 9, 10 e 11.....	113
Tabela 20- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências nos padrões 4 e 8.....	115
Tabela 21- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos objetos com e sem clítico em função do século. ....	116
Tabela 22-Teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos objetos com e sem clítico século X padrão .....	117

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Deslocamento do verbo com advérbios ou topicalizados com objeto em posição inicial.....	89
Gráfico 2- distribuição de frequência dos dados observados por século.....	101
Gráfico 3- distribuição de frequência das ordens no banco de dados.....	102
Gráfico 4- distribuição de frequência das ordens em cada século.....	103
Gráfico 5- Frequência dos dados por padrão na amostra de V2.....	105
Gráfico 6- Distribuição de frequências da ordem V2 por padrão em cada século.....	107
Gráfico 7- Distribuição de frequências da ordem V1 por padrão em cada século.....	111
Gráfico 8- Frequência de dados por padrão da amostra $V > 2$ .....	113
Gráfico 9- Distribuição de frequências de P4 e P8 em cada século.....	114

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	18
0.1 PARA COMPREENDER: .....	18
0.2 O EFEITO V2 .....	19
0.3 AQUISIÇÃO DE L1/L2: .....	21
0.4 PROBLEMA E OBJETIVO: .....	21
0.5 DIVISÃO DO TRABALHO: .....	22
CAPÍTULO I - O EFEITO V2 .....	24
1. PARA COMEÇO DE CONVERSA .....	24
1.1 O EFEITO V2 .....	24
1.1.1 O efeito V2 nas línguas românicas medievais .....	26
1.2 V2 NO ESPANHOL MEDIEVAL .....	33
1.2.1 Fontana (1993, 1997) .....	33
1.2.2 Fernández Ordóñez (2009) .....	34
1.2.3 Rodríguez Molina (2010) .....	36
1.2.4 Pinto (2011) .....	38
1.2.5 Wolf (2015) .....	42
1.3 ESPANHOL MEDIEVAL NÃO-V2 .....	44
1.3.1 Sitaridou (2006, 2011, 2012, 2019) .....	44
1.4 EM SUMA .....	47
CAPÍTULO II - CONTATOS NA PENÍNSULA IBÉRICA: O CONTEXTO HISTÓRICO .....	48
2.1 A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGUÍSTICA-HISTÓRICA .....	48
2.2 A PRINCÍPIO .....	49
2.3 OS PRÉ-ROMANOS .....	50
2.4 ROMANIZAÇÃO .....	52

2.5 POVOS GERMÂNICOS.....	56
2.6 POVOS ÁRABES.....	58
2.7 A RECONQUISTA.....	60
2.8 O CASTELHANO.....	63
2.9 POR FIM.....	64
CAPÍTULO III - LÍNGUAS EM CONTATO.....	66
3.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	66
3.1.1 O indivíduo e a mudança.....	71
3.2 CONTATO LINGUÍSTICO.....	72
3.3 O PROBLEMA LÓGICO DA AQUISIÇÃO:.....	73
3.4 AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA (L2).....	75
3.4 POR FIM.....	82
CAPÍTULO IV - AQUISIÇÃO DE V2.....	83
4.1 AQUISIÇÃO DE PRIMEIRA LÍNGUA (LM).....	83
4.2 AQUISIÇÃO DE V2.....	86
CAPÍTULO V - OS DADOS.....	95
5. METODOLOGIA.....	95
5.1 AMOSTRA.....	96
5.2 PERGUNTAS E HIPÓTESE.....	99
5.3 RESULTADOS.....	100
5.3.1 Distribuição de frequência na amostra.....	100
5.3.2 Distribuição de frequência na amostra V2.....	104
5.3.3 Distribuição de frequência na amostra V1.....	109
5.3.4 Distribuição de frequência na amostra V>2.....	112
5.3.5 Outras análises.....	114
5.2 RESULTADOS.....	117



CONCLUSÃO.....	122
REFERÊNCIAS.....	125

# Introdução

---

## 0.1 Para compreender:

O efeito V2 refere-se às línguas nas quais o verbo flexionado ocupa a segunda posição na sentença, independente do constituinte que esteja ocupando a primeira posição. Esse fenômeno está relacionado ao movimento do verbo finito para C° e o movimento de outro constituinte para a posição de [spec, CP] (VIKNER, 1995). A literatura sobre V2 defende que o fenômeno não é restrito às línguas germânicas e que as línguas românicas medievais – a exemplo do francês, português e espanhol – apresentaram o efeito. A hipótese de que o espanhol medieval, assim como as outras línguas românicas, era uma língua V2 é questionada. Autores como Sitaridou (2006, 2011, 2012, 2019), Rinke (2009) e Kaiser (1999) acreditam que essas línguas não eram V2. Os fatores externos à língua que defendem as línguas românicas medievais como V2 é a relação histórica estabelecida entre os povos germânicos e os povos romanos.

A história apresenta evidência de contatos estabelecidos entre esses povos desde o século I, já que os romanos contratavam os bárbaros para lutarem e necessitavam de mão-de-obra, muito antes da expansão romana para a Península Ibérica.

No século III os povos germânicos invadem e saqueiam a Península, dando início a este novo período: a invasão bárbara. Esses povos se estabelecem no território por séculos, o que mostra uma situação de contato social e linguístico com uma língua [+V2]. Depois da invasão bárbara, veio a invasão árabe, que possibilitou novos contatos linguísticos e durou séculos. Com a reconquista, novamente os germânicos voltam a cruzar a história da Espanha. Devido à mudança da rota do Caminho de Santiago, os francos foram atraídos a se instalarem no norte da Península Ibérica, ocupando terras despovoadas. Apoiados pelos católicos, criaram a nova burguesia.

O contato entre os povos germânicos e românicos é intensificado com a vinda dos francos, o que possivelmente forneceu *input* para a competição entre as estruturas gramaticais [+V2] do germânico e [-V2] das línguas românicas, o que resultou em um processo de aquisição de V2.

Um dos problemas de investigação em aquisição do efeito V2 nas línguas diz respeito a qual o gatilho para a aquisição de V2. Uma das questões que tem sido amplamente debatidas se refere ao que configuraria evidência da aquisição do efeito V2 pela criança, para isso, autores buscam encontrar qual constituinte ocupava a primeira posição. Dessa discussão são levantadas duas hipóteses: a primeira defende que as crianças são capazes de adquirir frases V2 que começam com XP arbitrário (Kroch (2002), Lightfoot (1997) e outros); a segunda defende que as crianças são capazes de adquirir frases V2 que começam com XP específico (Unsworth (2016), Moura e Martins (2014) e outros).

Tendo em vista os dados mencionados acima, assumimos a hipótese de que havia um processo de competição de gramáticas [+V2] e [-V2] no espanhol medieval, e que os povos passaram a adquirir o efeito [+V2] como segunda língua (L2), e o fenômeno passou a ser *input* durante a aquisição das novas gerações, já que elas estavam expostas a dados de uma gramática [+V2].

## 0.2 O efeito V2:

O efeito V2 faz referência ao movimento do verbo flexionado para a segunda posição na oração. Sua formação ocorre por meio do movimento do verbo de T° para C° e o deslocamento do XP para uma posição de [spec, CP]. Como já dito acima, o efeito V2 é encontrado em todas as línguas germânicas, com exceção do inglês (que é considerado V2-residual<sup>1</sup>), mas não se limita a elas.

As línguas V2 são divididas por Vikner (2001) em residuais (inglês), simétricas (ídiche e islandês), “limitadas” (dinamarquês e norueguês) e

---

<sup>1</sup>Como afirma Vikner (1995), línguas V2 residuais são línguas em que o efeito V2 só ocorre em contextos específicos, a exemplo do inglês que apresenta, obrigatoriamente, o V2 em interrogativas e negativas topicalizadas.

assimétricas (alemão e holandês). Há autores, a exemplo de Biberauer (2002), que dividem as línguas em três grupos: simétricas, assimétricas e residuais. As línguas simétricas e “limitadas” não seriam V2 genuínos, portanto, as engloba em um único grupo: simétricas, pois o que as difere é a presença fonológica do complementizador.

Tabela 1- Divisão das línguas V2

Residuais	Simétricas	Assimétricas
<i>Inglês</i>	<i>lídiche</i>	<i>Alemão</i>
Apresenta o V2 em interrogativas e orações marcadas	Apresentam o V2 em todas as orações (matrizes e encaixadas).	Apresentam o V2 em todas as orações matrizes, porém não ocorre em encaixadas.
Ex.: Is he <b>coming</b> ? Está ele vindo? (DEN BESTEN, 1989, p.21)	Ex: Er <b>leient</b> a bux. Ele lê um livro (DEN BESTEN e MOED-VAN WALRAVEN, 1986, p.112, 114, 115)	Ex: Das Buch <b>kauft</b> Hans <b>gestern</b> . O livro comprou Hans ontem. (TORRES MORAIS, 1995, p.64)

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

É importante salientar a diferença entre V2 e o movimento de V° para I°, pois, neste movimento, a primeira posição pode ser ocupada por um sujeito e a segunda pelo verbo, enquanto na posição V2 o primeiro elemento pode ser qualquer constituinte.

Acerca do efeito V2 nas línguas românicas medievais, a hipótese ainda é bastante discutida na literatura. As línguas românicas medievais foram analisadas por diversos autores, a saber: Fontana (1993, 1997) e Pinto (2011) com o espanhol; Ribeiro (1995), Torres Morais (1995), Antonelli (2011), acerca do português; Adams (1987) para o francês. Para esses autores, as línguas românicas medievais eram consideradas línguas de efeito V2.

Em contrapartida, Sitaridou (2006, 2011, 2012, 2019), Rinke (2009), Kaiser (1999) e Martins (2019), consideram que as línguas românicas medievais não eram V2; como argumento, apresentam evidências de ordem V1 e V3, o que não desqualifica uma análise V2, já que línguas como alemão também apresentam estas ordens.

### 0.3 Aquisição de L1 e L2:

De acordo com o modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria Gerativa (Chomsky 1981, 1986) a aquisição ocorre via parâmetros. Durante o processo de aquisição, a criança fixa o valor paramétrico de sua língua com base no *input* recebido, mas limitada às opções possíveis das línguas humanas (os princípios).

Yang (2000, 2002) propõe o modelo variacional. Esse modelo teve seus pressupostos inspirados na Seleção Natural, e nele é possível coexistir valores paramétricos, refutando a ideia de que a linguagem infantil teria apenas uma gramática. Em sua teoria ele assume que as gramáticas estão associadas a probabilidades no espaço de hipótese da criança.

Na aquisição de L2 acredita-se que o aprendiz não alcance o mesmo estado de aquisição da L1. Por isso há o questionamento se ocorre ou não reconfiguração paramétrica. Conforme White (1985), o aprendiz de L2 tem como papel selecionar os parâmetros que estão disponíveis na GU e configurá-los a fim de alcançar a gramática da língua alvo. Tsimpli e Roussou (1991) afirmam que os parâmetros não estariam disponíveis na aquisição de L2. O que se sabe é que os aprendizes de L2 constroem, desde o início da aquisição, sistemas linguísticos intermediários entre sua L1 e sua L2 em processo de aprendizagem. Nesse sistema eles são capazes de testar, avançar, regredir ou estagnar no processo de aquisição. Com base nessas evidências propusemos o problema deste trabalho.

### 0.4 Problema e objetivo:

Portanto, indaga-se: (i) *o que configura a aquisição de uma gramática [+V2] no espanhol medieval?* (ii) *qual seria o gatilho para a criança adquirir essa gramática?*

O objeto geral da presente pesquisa é averiguar evidências para a aquisição de uma língua-I [+V2] no espanhol medieval. Para isso, se faz necessário compreender os fenômenos que envolvem a aquisição de primeira e segunda língua, considerando que o V2 tenha sido adquirido mediante

contatos linguísticos entre os românicos e germânicos que estiveram em contato na Península Ibérica desde sua formação.

Para isso, analisaremos uma amostra constituída a partir do banco de dados de Pinto (2011), foram analisadas 1.173 e reorganizadas em um novo banco de dados. Por questões metodológicas, as orações foram reorganizadas e agrupadas em um novo banco de dados. Como resultado encontramos uma distribuição de frequências não similar entre os padrões, o que poderia evidenciar uma gramática V2 [+/- consistente], já que a natureza do XP em posição pré-verbal parece ser relevante.

Portanto, podemos levantar a hipótese de que o espanhol medieval foi formado por um processo de Koineização, por meio de transmissão linguística irregular fruto de uma competição de gramáticas, o que fez com que a gramática não tenha sido [+V2] nem [-V2], mas [+/-V2]; assim, também é possível afirmarmos que a motivação para a aquisição de V2 se deu tanto por fatores internos como externos à língua.

## 0.5 Divisão do trabalho:

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. **No capítulo I** trataremos do efeito V2, hipóteses V2 e não-V2 em línguas românicas e para o espanhol medieval; veremos pesquisas já realizadas e hipóteses levantadas, todavia deixo claro que estou assumindo, nesta dissertação, a hipótese de que o espanhol medieval era uma língua em que se apresentou, pelo menos em determinado momento da história, o efeito V2, concordando com Pinto (2011).

**No capítulo II** apresentaremos um panorama histórico acerca dos contatos linguísticos que ocorreram dentro da Península Ibérica, desde os povos pré-romanos até a reconquista, buscando traçar um apanhado histórico que possa nos dar embasamento para as hipóteses de aquisição que serão apresentadas/levantadas **no capítulo III**.

**No capítulo III** abordaremos os contatos linguísticos sob o viés da sociolinguística histórica e a aquisição de segunda língua (L2), buscando compreender os primeiros passos para que a mudança linguística se efetive.

No capítulo IV apresentaremos pesquisas em aquisição de L1 e aquisição do efeito V2 para compreendermos como, possivelmente, ocorreu a aquisição deste fenômeno.

No capítulo V, com base nas hipóteses discutidas realizaremos a análise de dados e discutiremos como o fenômeno pode ter sido adquirido, considerando o cenário linguístico da Península Ibérica entre os séculos 12 a 15 d.C.

# Capítulo I – O efeito V2

---

## 1. Para começo de conversa

O efeito V2 está relacionado ao movimento do verbo finito para C° ou o movimento de outro constituinte para a posição de [spec, CP] (VIKNER, 1995).

Este fenômeno é comumente encontrado nas línguas germânicas atuais, a exemplo do alemão e holandês. Além do efeito V2 ser encontrado nas línguas germânicas (seja atuais ou medievais), a sua aparição nas línguas românicas medievais é objeto de estudos linguísticos, sendo o foco desta pesquisa o espanhol medieval.

Vale mencionar que na literatura acerca do efeito V2 ainda há uma discordância entre considerar o espanhol – objeto desta pesquisa – medieval como uma língua [+V2] ou [-V2], como veremos neste capítulo.

### 1.1 O efeito V2

Como vimos acima, o efeito V2 refere-se às línguas nas quais o verbo flexionado ocupa a segunda posição na sentença, independentemente da função sintática do elemento que esteja ocupando a primeira posição. Para a sua formação há o deslocamento do verbo e do constituinte que o acompanha para fora do sintagma no qual foi gerado. Esse deslocamento tem como direção uma posição superior na hierarquia, o que mostra como o verbo está relacionado com o constituinte que o acompanha, não podendo, esse constituinte, ser movido separadamente.

É interessante diferenciarmos o efeito V2 do movimento de V° para I°. Vikner (2001) salienta essa diferença afirmando que no movimento de V° para I° a ordem necessita ser constituída de *sujeito* + verbo finito, enquanto no efeito V2 a primeira posição pode ser preenchida por qualquer constituinte, não sendo restringida ao sujeito, em um movimento de dois constituintes: o XP se move para spec-CP° e V° para C°, passando por I°. Em outras palavras, a diferença é o fato de que no V° para I° o primeiro elemento deverá ser um



sujeito, enquanto no V2 essa posição pode ser assumida por qualquer constituinte.

Em uma cláusula onde o movimento V<sup>o</sup>- para -I<sup>o</sup> foi aplicado e onde V2 não foi aplicado, o primeiro elemento é o sujeito e o segundo elemento é o verbo finito. Em uma cláusula onde V2 foi aplicado, o segundo elemento também é o verbo finito, mas o primeiro elemento pode ser qualquer constituinte (desde que seja uma projeção máxima) (VIKNER, 2001, p. 6, tradução nossa).

Essa semelhança entre as estruturas nos leva a conclusão de que só é possível constatar se uma língua é V2 caso a primeira posição não esteja preenchida por sujeito. Vejamos exemplos abaixo:

- (1) a. Dinamarquês: \*Denne bog Peter **har** last  
Este livro Peter tem lido
- b. Dinamarquês: Denne bog **har** Peter last  
Este livro tem Peter lido
- c. Islandês: \*Pessa bók Pétur **hefur** lesiÓ  
Este livro Peter tem lido
- d. Islandês: Pessa bók **hefur** Pétur lesiÓ  
Este livro tem Peter lido
- e. Alemão: \*Dieses Buch Peter **gelesen hat**  
Este livro Peter lido tem
- f. Alemão: Dieses Buch **hat** Peter **gelesen**  
Este livro tem Peter lido
- g. Inglês: This book Peter **has** read  
Este livro Peter tem lido
- h. Inglês: \*This book **has** Peter read  
Este livro tem Peter lido

(VIKNER, 2001, p.6)

Nos exemplos acima temos o efeito V2 representado nas letras *b*, *d* e *f*, dinamarquês, islandês e alemão, respectivamente. Podemos confirmar a afirmação acima, pois o primeiro elemento nestas orações não é um sujeito. Nesses exemplos, o efeito V2 ocorre mediante dois movimentos: projeção máxima (com o deslocamento para spec-CP) e deslocamento do verbo para C<sup>o</sup>.

Vikner (1995) divide as línguas que apresentam o efeito V2 em: residuais, assimétricas, "limitadas" e simétricas.

Tabela 2- Tipos de V2

Residuais	Assimétricas	“Limitadas”	Simétricas
Ocorre em <b>contextos específicos</b>	Ocorre em todas as <b>orações matrizes</b> , mas não em encaixadas porque a posição já está preenchida por complementizador.	São semelhantes às assimétricas, mas <b>apresentam o V2 em verbos-pontes.</b>	Apresentam o V2 <b>tanto em orações matrizes como em encaixadas.</b>
Ex.: Inglês – apresenta o V2 em interrogativas e negativas topicalizadas.	Ex.: alemão e holandês.	Ex.: dinamarquês e norueguês	Ex.: islandês e o iídiche

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Vikner (1995)

Como já vimos anteriormente, a divisão entre as línguas V2 assimétricas e “limitadas” não é um consenso, o que leva alguns autores a considerarem as “limitadas” como assimétricas, por não a considerarem como uma língua V2 genuína. A única distinção entre as duas se dá pela presença do complementizador nas assimétricas.

A exemplo de autores que fazem outras classificações, temos Pinto (2011). O autor apenas faz a divisão entre simétricas e assimétricas, o que facilita a classificação, tendo em vista que nas simétricas o efeito V2 aparece tanto em matrizes como em subordinadas. As simétricas incluiriam as “limitadas”, pois acontecem apenas em situações restritas, assim como as residuais. Esta diferença (simétrica X assimétrica) se dá devido à movimentação do verbo na oração.

Como dito anteriormente, o efeito V2 se encontra não só nas línguas germânicas, mas nas línguas românicas medievais. Nas subseções abaixo abordaremos o efeito V2 nas línguas românicas medievais e no espanhol, mais precisamente.

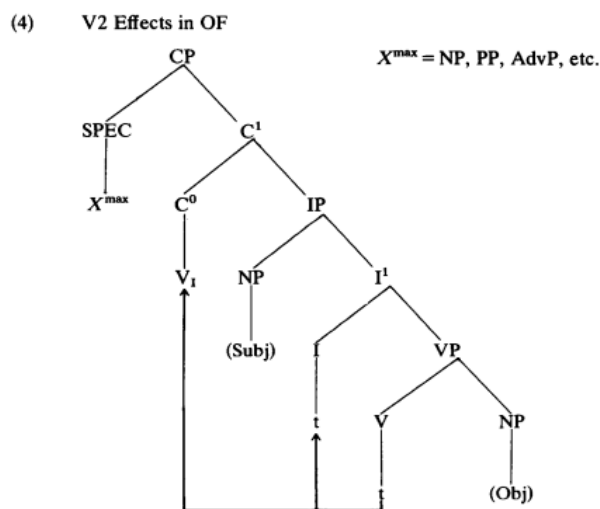
### 1.1.1 O efeito V2 nas línguas românicas medievais

Muito já se discute acerca das línguas românicas medievais terem sido línguas de efeito V2. Autores como Bauer (2009) defendem que o efeito V2

seria uma etapa intermediária entre a ordem de palavras SOV do latim para SVO das línguas românicas atuais. O que não se pode negar é a evidência de que línguas como o francês, português e o espanhol (nosso objeto de estudo) apresentaram em determinado momento de sua história a ordem V2.

Um exemplo desse fenômeno nas línguas românicas é apresentado por Adams (1987), que em sua pesquisa afirma que o francês medieval era uma língua V2 semelhante às germânicas, em que há uma assimetria entre as orações matrizes e subordinadas com sujeito vazio. Assim como proposto no modelo de Chomsky (1986), os núcleos se movem para posição de núcleo de CP, C° e as projeções máximas para Spec-CP. Adams ressalta que a derivação precisa começar com uma ordem SVO subjacente, o que no alemão atual não ocorre já que sua ordem é SOV.

Figura 1- Projeção de Adams



Fonte: Adams (1987)

Na representação observa-se o deslocamento do verbo para INFL, onde recebe flexão. Posteriormente, a forma já flexionada  $V_1$  se desloca para  $C^\circ$ .

Adams (1987) vai justificar o efeito V2 no francês antigo afirmando que em qualquer projeção máxima (NP, PP, oração adjetiva, oração adverbial, interrogativas QU e outras) o verbo é precedido de um constituinte independente. Afirma também que o francês antigo fornece evidência para todas essas possibilidades e o assemelha ao alemão, pois defende que o

constituente inicial assume a função de tema da oração. Caso nada seja tematizado esse espaço é preenchido por um advérbio, satisfazendo o efeito V2. Assim, pode-se afirmar que o movimento de V para C° e fronteamto de XP para [spec-CP] são evidências de que o francês antigo se comportava como uma língua V2 semelhante ao alemão.

Assim como Adams, Ribeiro (1995), acerca do português arcaico, afirma que o V2 apresentava movimento de V para C° e uma posição AGRc responsável por hospedar os clíticos, relacionando o V2 no português arcaico ao uso do pronome clítico. Divide as línguas românicas em dois blocos: (i) línguas v2: línguas as quais os clíticos se hospedam em AGRc, núcleo mais alto nas representações; (ii) línguas não-V2: línguas as quais o AGRc não é projetado e a alocação do clítico se dá em AGRs; além de diferenciar o português arcaico das línguas germânicas afirmando que o movimento para [spec-CP] é opcional no português arcaico.

Torres Morais (1995), acerca do português europeu clássico, analisou duas novelas, uma peça de teatro e cartas do século XVIII. Como ordens mais frequentes, encontrou SV(X), V(X) e XV(S). Também encontrou as ordens SXV, XSV, VS(X), (X)VXS e XXV, em menor frequência que as anteriores, o que nos mostra que a posição que precede o verbo pode ser preenchida com diversos tipos de constituintes, o que é evidências de uma gramática V2.

- (2) a. Eu lhe **tenho** devido mil atenções. - SV(X)  
 b. Esse **chamo** eu um mesquinho, um miserável. - XV(S)  
 c. **Acho** muito conveniente que escrevas a outro caturra. - VX  
 d. **Aceitou** o mariola o contrato. - VS(X)  
 e. Aqui me **entregou** quarta-feira de trevas o D.I.M. hua carta. - (X)VXS  
 f. Finalmente nem o toldo da minha patente **recebo**. - XXV

(TORRES MORAIS, 1995, p. 234 a 254.)

Como vemos nos exemplos acima, Torres Morais comprova que a posição linearmente pré-verbal não é ocupada somente pelo sujeito, mas por outros constituintes, o que comprova ser o português europeu clássico uma língua V2.

Antonelli (2011), assim como Torres Morais (1995), afirma que o português clássico era uma língua V2. Todavia assemelha essa língua ao alemão, pois comprova que em sentenças com objeto direto fronteado o comportamento é semelhante, apresentando padrão da ordem OD-V-S. Vejamos os exemplos abaixo:

- (3) a. "Notavel informação **deu este Espirito** em poucas palavras." - Maria do Ceu.  
 b. "Tudo **entendia a Sobrinha**," - Maria do Ceu.  
 c. "poucas saudades teria **este predistinado espirito** de taes grandezas," - Maria do Ceu.  
 d. "Tudo isto **continha o papel** daquele nobre Senado," - André de Barros.  
 e. "Muito, do que se tem dito das gentes, que por aquele Sertão demoram, e bebem em tão dilatado rio, **avaliam algumas Histórias** por fabuloso." - André de Barros.

(ANTONELLI, 2011, p.507)

Além da ordem OD-V-S, o autor apresenta mais dois argumentos para afirmar que o português clássico era uma língua V2, a saber: a possibilidade de o sujeito ser licenciado pós-verbal e a assimetria matriz/subordinada, argumentos que justificam o movimento do verbo finito para C°. Este argumento também é válido para o espanhol e intensifica o fato de a ordem OVS e AdvVS serem consideradas, como afirmam Yang & Roeper (2010), Yang (2002), Sopata (2010) e Unsworth (2014), evidências para a aquisição de V2.

Ainda sobre o português, em contrapartida, Rinke (2009) defende que o português clássico não era uma língua V2. Como evidências para sustentar a sua teoria, a autora apresenta dados que comprovam números muito mais elevados para as ordens V1 e V3 em comparação a V2. Mas a mesma autora assume que é possível encontrar estruturas em que a primeira posição esteja ocupada por qualquer constituinte que não o verbo ou sujeito. Isso evidencia que mesmo que o português não tenha sido uma língua V2, ele teve um contato com a variante [+V2], já que apresenta orações V2, mesmo em baixa frequência. Para a autora essas construções são padrões que induzem ao erro de considerar o português antigo uma língua V2, o que discordamos, pois a

própria definição do efeito V2 afirma que são línguas em que a posição pré-verbal está preenchida por um constituinte qualquer, independentemente de sua função sintática, o que ocorre nos dados encontrados pela autora, não justificando sua análise. Além disso, V1 e V3 também são estruturas que aparecem nas línguas germânicas V2, o que não as desqualifica como V2, inclusive há estruturas V1 e V3 que, como veremos nos nossos dados, são evidências para a aquisição de V2.

Outro ponto a ser comentado é Rinke (2009)<sup>2</sup> afirmar que o galego-português não sofreu influência de línguas germânicas e questiona como seria possível que o português tenha desenvolvido e perdido o V2, já que o latim não era uma língua V2.

Do ponto de vista histórico não podemos levar essa afirmação ao pé da letra, já que os próprios povos germânicos estavam em contato com os povos românicos desde as legiões romanas, o que já coloca as duas línguas em contato. Outra questão é que se o latim não era V2, ou não tinha vestígios de V2, possivelmente o V2 foi adquirido mediante contato com povos [+V2], a exemplo da invasão bárbara. Assim, considerando que a história portuguesa de contato entre povos é semelhante à do território espanhol, nos questionamos acerca dessa afirmação, já que o território da Península Ibérica foi invadido pelos povos germânicos a partir do século III d.c. Além disso, seu corpus de análise foi de orações oriundas da Galícia, e sabemos que os Francos migraram com a nova rota do Caminho de Santiago que termina na Galícia, ou seja, essa região esteve em contato com os povos germânicos em diversos momentos.

Rinke (2009) examinou 93 documentos jurídicos, originais, da segunda metade do século XIII e a primeira metade do século XIV, oriundos da Galícia (região espanhola localizada no norte de Portugal) e Lisboa (centro de Portugal) e foram excluídas “fórmulas jurídicas” da análise. Para esta, utilizou sujeitos nominais, pronominais e vazios; separou as frases XP-V das XP-V-S já que não são casos claros de V2.

---

<sup>2</sup> Pinto (2021) também mostra que os suevos foram para a galícia, o que não justificaria a argumentação de Rinke.

Como resultado da análise de seus dados encontrou que todos os padrões apresentados para o português antigo, acerca do V2, podem ser encontrados no português moderno, com exceção das orações adjuntas iniciais. Para ela, a variação na ordem das palavras é esperada em relação à posição do sujeito, porque a variação é determinada pela estrutura da oração.

Propõe a análise de que “o sujeito ocupa a posição básica do VP-interno e o verbo se move para a posição mais alta de T<sup>o</sup>” (RINKE, 2009). Para a autora o sujeito pós-verbal é interpretado como focalizado, assim como no português atual. Sendo assim, não é fornecida evidências suficientes para comprovar a ordem V2.

Assim como Rinke (2009), Kaiser (1999) acredita que o português antigo não foi uma língua V2. Para ele, o português antigo não apresentava evidências de ser uma língua V2, tampouco não-V2. Todavia, para o autor, é muito mais provável que não tenha sido uma língua V2 do que ter sofrido uma mudança paramétrica e ter perdido o V2 ao longo do tempo.

Em seu estudo analisou os três primeiros capítulos do livro de Samuel (velho testamento), datado do século XIV, e diferenciou o português antigo do francês antigo e alemão atual. Segundo seus dados, no português antigo a ordem V1 é a mais produtiva, a V2 relativamente baixa e a V3 rara. Em sua análise excluiu a ordem SV por se tratar da ordem canônica do português.

[...] as sentenças que tem ordem XV e ao mesmo tempo o sujeito não-realizado não evidenciam uma sintaxe V2 porque a análise destas sentenças depende da própria análise da língua, ou seja, da suposição que se trata de uma análise V2” (KAISER, 1999, p.254).

Kaiser (1999) conclui que 2,7% de sentenças do português antigo apresentam o efeito V2, sendo XVS a única ordem que poderia comprovar o efeito V2 nessa língua. Os dados apresentados por ele não comprovam que o português antigo era uma língua V2. Todavia, o fato de o autor encontrar 2,7% de sentenças V2 pode nos levar a considerar que esta ordem estava presente no português antigo, mesmo que não fosse a ordem principal.

Kaiser (1996) escreveu sobre o efeito V2 nas interrogativas do francês antigo. Conforme o autor o efeito V2 está associado ao movimento de V° para C°, semelhante ao ocorrido em línguas germânicas. Para Kaiser, o movimento de V° para C° é uma exigência das interrogativas QU, que em francês devem ser satisfeitas na estrutura superficial. No artigo citado, apresenta evidências de que a inversão de um sujeito nominal não é inconsistente com o movimento de V-para-C, assim, nos mostra que o francês antigos e atual apresenta as mesmas características, do ponto de vista sintático, e não sofreu mudanças sintática.

Martins (2019) acredita que o português antigo não teria sido uma língua V2. Em seu artigo defende que o aparecimento de estruturas V2 nos idiomas não torna aquela língua uma língua V2, mas que estruturas não-V2 são evidências contra a análise V2. Em sua pesquisa, Martins (2019) buscou analisar as ordens V>2 incompatíveis com uma gramática V2 no século XIII.

A autora questiona o motivo pelo qual o efeito V2 é tão raro atualmente nas línguas românicas, mas considerado presente em todas as línguas românicas medievais. Define três características para as línguas V2: (i) movimento para C; (ii) movimento de XP para CP; (iii) ordem V>2 possível apenas com tópicos; conforme a autora constituinte na esquerda são irrelevantes para V2. Argumenta que o português não era V2, pois não apresenta ordem V>2 em orações raízes onde verbo é precedido por tópico; isso é bastante interessante, já que ela utiliza orações não-V2 como argumento para V2, o que nos leva a observar a importância das orações V1 e V>2 como argumento para aquisição de V2.

Abaixo apresentamos as orações que a autora classifica como “claramente não V2” por apresentarem itens não tópicos:

(4) a. **la** uos **bē** sabēdes que amo meu irmão

Já vós bem sabes que amo meu irmão

b. des entō ouue nomē a marauilha de Galaaz e **ainda** [asy] e chamada

dede então ouve nome a maravilha de Galaz e ainda assim é chamada

c. **nūca** [nenhū omē] o oriaj a fallar...

nunca nenhum homem o ouvia a falar

(MARTINS, 2019, p.13)



No exemplo acima, letra a, observamos que o advérbio *já* e o marcador de ênfase *bem* estão separados pelo sujeito. Na letra b o item não tópico é um argumento interno do verbo, em d é externo. Portanto, como vimos acima, a sequência de dois itens não tópicos não permitia o efeito V2 nesta língua.

Como podemos observar, há autores que defendem o efeito V2 nas línguas românicas, assim como autores que acreditam que essas línguas não eram V2. O conflito se mantém no caso do espanhol e os argumentos são os mesmos. Após explanação acerca do efeito V2 nas línguas românicas, na próxima subseção veremos essa discussão acerca do espanhol medieval e seus argumentos para as análises V2 e não-V2.

## 1.2 V2 no espanhol medieval

Como vimos nas seções acima, não há consenso acerca das línguas românicas terem sido V2 ou não-V2. O mesmo ocorre com o caso do espanhol, inclusive os argumentos apresentados para o português podem ser utilizados para o espanhol, considerando que a história de contato vivenciada pelos dois povos é semelhante. Nos tópicos anteriores visualizamos pesquisas de Adams (1987) sobre o francês e Ribeiro (1995), Torres Morais (1995) e Antonelli (2011) acerca do português clássico que comprovavam o efeito V2 nessas línguas. Neste tópico buscaremos restringir às pesquisas acerca do efeito V2 no espanhol.

### 1.2.1 Fontana (1993, 1997)

Fontana defende que o espanhol medieval é uma língua V2 (XP-V-S). Ressalta que também apresentava ordem V1 e V3, justifica que línguas germânicas também apresentam essas ordens em alguns tipos de orações, o que não funcionaria como contra-argumento para descartar que o espanhol medieval era uma língua V2. A análise de Fontana é bastante interessante para nós, já que ressalta, assim como Martins (2019), a importância das ordens V1 e V<2 como evidências do efeito V2.

O efeito V2 no espanhol é causado por um movimento do verbo de INFL (V° para I°) e topicalização para especificador de IP (FONTANA, 1993, p. 63). O autor divide as Línguas V2 em simétricas e assimétrica. As simétricas são as em que o V2 aparece não só em orações matrizes, e as assimétricas as que alcançam o efeito V2 mediante deslocamento de V° para I° e I° para C°, e a topicalização para Spec-CP. Também argumenta que o espanhol antigo não apresentava ordem assimétrica, mas sim simétrica (em orações principais e subordinadas), sendo, então, o espanhol medieval uma língua V2 simétrica - diferente do espanhol atual, mas semelhante ao iídiche e o islandês - na qual o verbo desloca-se para I° e SpecIP, sendo uma posição A-Barra<sup>3</sup>.

### 1.2.2 Fernández Ordóñez (2009)

Em sua pesquisa, Fernández Ordóñez analisa a ordem de palavras do espanhol medieval registrada na prosa Alfonsi. Em sua análise, determina que nesta obra os elementos em primeira posição são completados por tópicos/focos e distingue os dois elementos, afirmando que o tópico seria um adjunto externo à estrutura oracional localizado à esquerda, realizado por constituintes enfáticos ou contrastivos que aparecem antepostos ao verbo. Exemplo para ele são: pronomes, sintagmas interrogativos e sintagmas exclamativos. Apresenta os constituintes que podem ocupar a posição de tópico, tais como: sujeito, objeto indireto, complemento preposicional, clausulas dependentes e absolutas, orações de gerúndio, orações finais, temporais e causais.

Com base em seus dados sobre o espanhol medieval, afirma que O-CL-V é uma estrutura de tópico, enquanto O-V é interpretada como foco, assim o efeito V2 seria formado em TopP e FOcP.

O verbo segue após a primeira posição, ou seja, ocupa a posição V2, afirmando que a primeira posição pode estar ocupada por constituintes de diversas naturezas (o que novamente reforça o efeito V2). O autor afirma

---

<sup>3</sup> As posições argumentais podem ser: posição A ou A-barra. A posição A é uma posição argumental, onde recebe papel temático, enquanto a posição A-barra é uma posição não argumental.

encontrar nos textos diversos elementos catafóricos e anafóricos e/ou dêiticos ocupando a primeira posição, e apresenta o seguinte esquema para exemplificar a ordem de palavras:

- (5) [Tópico adjunto o externo [O [Complementante [Foco [Negación [VSO]]]]]]  
 (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2009, p.3)

Em resumo, sua teoria é a de que o espanhol medieval apresentava o efeito V2 mediante a colocação de constituintes que possam ser topicalizados em primeira posição, o que leva o sujeito a se deslocar para a posição após o verbo, todavia sinaliza que em estruturas em que não ocorre a topicalização, o sujeito faria o mesmo movimento (V-S), ou seja, o sujeito tende a seguir o verbo.

Assim, apresenta exemplos da prosa Alfonsis, os quais comprovam o verbo em segunda posição, pós-verbal, tanto em orações principais como subordinadas:

- (6) E profetara Jeremías en Egipto en aquella sazón a los reis d'allí, segund **cuenta** maestre Pedro (GE4: 131).  
 (Fernández Ordóñez, 2009, p.5)

Essa ocupação da segunda posição do pronome anteposto ao verbo fica clara com quantificadores. Isso permanece no espanhol até os dias atuais, como podemos perceber com frases do tipo:

- (7) a. Siempre **celebra** Pedro esa fiesta  
 b. ¿Qué **quiere** Juan?

(FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2009, p.13)

Em resumo, para o autor, a ordem SP (sujeito pronominal) +V+S ocorre em situações de tópico e foco, em que esses constituintes irão ocupar a primeira posição. Além disso, afirma que o espanhol atual e o medieval, em relação a ordem O-V, se comportam da mesma maneira, o que exige um clítico retomando o objeto.

### 1.2.3 Rodríguez Molina (2010)

Rodríguez Molina, em sua tese de doutorado, afirma que o espanhol medieval era uma língua V2 com clíticos de segunda posição.

Define o efeito V2 como o resultado da inversão de sujeito/verbo, aparição do verbo na segunda posição da oração ou restrição do fenômeno nas orações principais; também não faz distinção entre línguas simétricas e assimétricas, assumindo que o V2 seria como uma classificação para uma “série de fenômenos sintáticos conexos que se manifestam com força e regularidade desigual em um bom número de línguas.” (RODRÍGUEZ MOLINA, 2010, p.1257, tradução nossa). Além disso, acredita que a perda dos fenômenos de anteposição e interpolação não é uma consequência inevitável da perda do fenômeno V2 no espanhol medieval.

Sendo assim, Rodríguez Molina (2010) aceita uma concepção menos rígida que a paramétrica - utilizada pela maioria dos autores -, o que permite às línguas apresentarem suas características e particularidades com maior liberdade. Porém, define critérios para definição de línguas V2, a saber:

- a) En estas lenguas el verbo finito debe moverse obligatoriamente desde su posición canónica (el SV) y aterrizar en una posición situada a la izquierda del SV (Flex o C, según los casos, dependiendo de si se trata de una lengua simétrica o asimétrica). Sin movimiento de núcleo (el verbo), no hay V2.
- b) En estas lenguas siempre existe una posición estructural jerárquicamente superior a la posición en la que aterriza el verbo finito tras haber sido movido fuera del SV: generalmente, esta posición se identifica con el Especificador del nudo sintáctico que contiene al verbo finito una vez desplazado fuera del SV ([Espec, SComp] en las lenguas asimétricas, [Espec, SFlex] en las simétricas). Esta posición puede alojar cualquier tipo de constituyente sintáctico.
- c) En estas lenguas un y solo un SX debe moverse obligatoriamente a esta posición inmediatamente antes del verbo para satisfacer el requisito — “verbo en segunda posición”.
- d) Siempre que un constituyente distinto del sujeto ocupe la posición inicial de la cláusula y esta contenga un sujeto realizado fonéticamente, estas lenguas manifiestan una fuerte

tendencia a la posposición del sujeto al verbo (esto es, el sujeto no se mueve para no violar la restricción de V2).

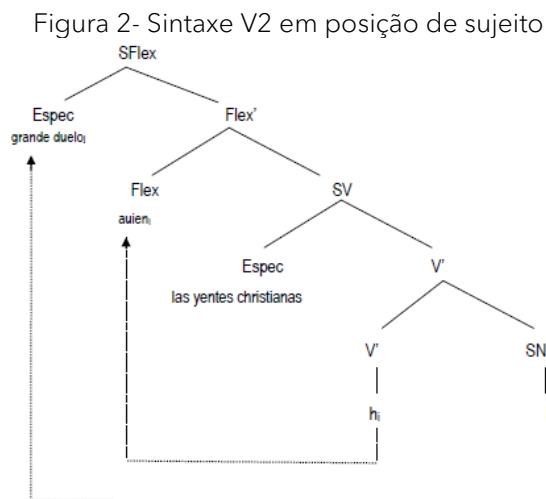
e) Dependiendo del carácter simétrico / asimétrico de la lengua en cuestión, la sintaxis V2 se manifestará en oraciones principales y subordinadas o solo en las principales.

(RODRÍGUEZ MOLINA, 2010, p.1264)

Conforme o autor, o efeito V2 é uma restrição sintática ocorrida na sintaxe superficial, mas que precisa ser explicada na sintaxe estrutural. Assume que há uma restrição hierárquica com base na teoria do efeito V2: *NonInitial (Vfin, S) >> LeftMost (Vfin, S)* e nos diz que “uma estrutura sintática onde as duas restrições se satisfaçam será preferível a uma onde não o façam” (RODRÍGUEZ MOLINA, 2010, p.1264, tradução nossa). Define que a ordem do espanhol medieval é V-S-O, de verbo em segunda posição simétrico (V2-IP), acompanhado de um sistema de clíticos em segunda posição (2P). Para ele, o efeito V2 deve ser entendido, no que tange ao romance medieval, como uma “generalização descritiva associada aos processos” de inversão do sujeito, movimento verbal (V<sup>o</sup>-para-Flex<sup>o</sup>), e restrições acerca dos elementos que ocupam a primeira posição (focalização de SX em 1P).

Assim, acredita que o espanhol medieval necessita da movimentação de um constituinte para a posição de [Spec, SFlex] – é possível presumir que constituintes argumentais e não argumentais podem anteceder o verbo e que a posição [Spec, SFlex] não pode estar ocupada por um objeto e um sujeito ao mesmo tempo.

Os dados do espanhol antigo apresentados pelo autor mostram evidências de que a inversão ocorre devido ao movimento de V<sup>o</sup> para Flex<sup>o</sup>; caso não ocorra um deslocamento do sujeito para [Spec, SFlex], faz com que o sujeito permaneça à direita do verbo. Vejamos a representação abaixo:



Fonte: Rodríguez Molina (2010)

Conforme a análise acima, podemos observar que o V2 no espanhol medieval se comportava como V2 simétrico, em que o V2 se manifesta com a focalização de SX em [Spec, SFlex] e movimento do verbo para flexão. Para o autor, todos os objetos pré-verbais encontram-se focalizados.

Por fim, Rodríguez Molina afirma que a caracterização do espanhol medieval como língua V2 “não deixa de ser uma abstração ou modelo idealizado” (2010, p.1290), já que o espanhol medieval apresenta ordem V1 e V3, além da V2, não tornando-o uma regra rígida.

#### 1.2.4 Pinto (2011)

Pinto (2011) analisa as mudanças entre espanhol medieval e atual, no que tange a ordem de palavras, e busca analisar se o espanhol medieval era uma língua V2 e como acontece a mudança. Os dados do espanhol foram coletados entre o século XII e XX de dois bancos de dados diferentes.

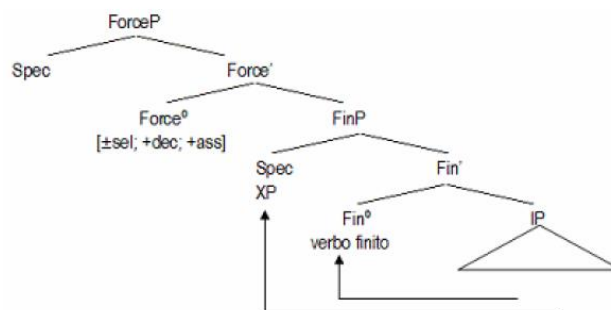
O autor assume a hipótese de que o espanhol medieval é uma língua V2 e defende que ocorre o movimento do verbo para CP tanto em línguas simétricas como em assimétricas; já nas orações subordinadas, se move para CP em línguas simétricas ou se mantém em IP ou VP nas assimétricas.

Baseia-se em Fontana (1993) e afirma que existem duas posições diferentes de movimentação do verbo: uma no espanhol atual e outra no medieval. Conforme Pinto (2011) o espanhol atual tem apenas um movimento

curto do verbo para IP em qualquer tipo de oração, enquanto o espanhol medieval apresentava variação na colocação pronominal, ordem O-V<sup>4</sup> sem retomada de clítico, maior flexibilidade na ordem Aux-V, complemento pronome tônico sem contraparte átona realizada e a inversão V-S obrigatória nas orações subordinadas fronteadas. Para explicar essas diferenças, Pinto (2011) assume que no espanhol medieval existiam duas gramáticas em competição e na gramática divergente o movimento do verbo era diferente do movimento realizado no espanhol atual. Nesta o verbo move-se somente até o IP, enquanto no espanhol antigo o movimento continua até CP.

De acordo com o autor, a diferença entre as duas fases do espanhol não é quantitativa e sim qualitativa, pois mesmo apresentando “mesma porcentagem de construções linearmente V2”, e o espanhol antigo apresentava um caso de competição de gramáticas e que o V2 que se apresentava naquela época não era um “V2 puro”.

Figura 3- Representação para o movimento do verbo no espanhol medieval



Fonte: Pinto (2011)

Conforme observa-se na representação acima, em orações matrizes force° é [-selecionado], enquanto em subordinadas é [+selecionado]. Também é possível observar que a primeira posição pode ser ocupada por qualquer constituinte, mas quando o constituinte for um sujeito esse deverá aparecer na posição pós-verbal, em SpecIP, se houver um XP precedendo.

<sup>4</sup> Conforme Pinto (2011) a ordem XP-V, apresentada no espanhol medieval ocorre por meio do movimento do verbo para Fin°, o que move um XP para SpecFinP; este movimento também está associado à ordem Aux-V.

O autor baseia-se na visão cartográfica de Rizzi (1997) para resolver o problema das análises V2-CP e V2-IP (V2- CP para línguas assimétrica, V2-IP para línguas simétricas, já que na primeira o verbo se move para C° e na segunda para I°), explicando o fenômeno por meio de variação paramétrica nos traços que atraem o verbo para CP nas orações subordinadas. Dessa forma, acerca do assunto, o autor propõe uma análise unificada: em qualquer língua V2 o verbo se moverá para C°, tanto em orações matrizes como em subordinadas. Para confirmar sua análise, afirma que existe um parâmetro [+V2] responsável por discutir se a língua apresentará V2 ou não. Línguas V2 apresentam Fin\*[-selecionado], assim relacionando os traços de finitude com o efeito V2. No caso das línguas V2 assimétricas, Fin\* poderia ser [+selecionado]: quando [-selecionado] resultaria em uma oração matriz default, quando [+selecionado] em uma subordinada em que a conjunção seria realizada por Fin\*. Nas simétricas, o traço Fin\* será [-selecionado], o que leva a ser obrigatória a movimentação do verbo. Porém, o autor afirma que apenas a análise de Fin\* não é capaz de dar conta dos dados que são apresentados, e ressalta a importância da força ilocucionária, que, aliada ao traço Fin\*, faz com que o verbo se mova para SpecFinP.

Pinto (2011) encontrou como resultado de sua pesquisa que o verbo pode aparecer na posição V2 e não-V2 em orações matrizes, e nas frases em que se encontra o efeito V2, o verbo poderá vir precedido de constituinte de vários tipos (6):

(8) a. **E esta carta otorga** la abatíssima Sancha Garcíez, e la priora doña María

e esta carta otorga a beata Sancha Garcíez e a própria dona María Fortúnez e tod el convento. (1206)

Fortúnez e todo o convento.

b. **Tal deve ser** el fiel, en el qual entramos confien [...] (1218)

tal deve ser o fiel, em o qual entramos confiem

c. **Lope juró e dixo** y que él moró con ell abade don Martino que non avié y

Lope jurou e disse e que o mouro com o abade don Martino que não havia e casa ninguna si non del abade de Oña.

casa nenhuma se não do abade de Oña

(PINTO, 2011, p.120)



Sobre as orações subordinadas, Pinto (2011) as dividiu em completivas, relativas e adverbiais; nelas o verbo também poderá vir precedido de vários constituintes na primeira posição. Assim, o mesmo que ocorre com orações matrizes, no que tange a ordem de palavras, ocorrerá com as subordinadas; concluindo, assim, que o espanhol medieval se comportava como uma língua simétrica em relação ao V2.

Para Pinto (2011), nas línguas V2 o traço [+asserção] em ForceP move o verbo para Fin<sup>o</sup> e a variação traço [+asserção] em Foce<sup>o</sup> é a responsável pela variação do efeito V2 em orações matrizes. Nas simétricas, não fazem distinção do traço [+asserção], manifestando o V2 em matrizes e subordinadas; nas assimétricas, está relacionado ao traço [-asserção], neste caso o V2 só aparece nas completivas de verbos-ponte se a conjunção não for realizada.

Como evidência para o espanhol medieval como língua V2, Pinto (2011), acerca dos clíticos, vai divergir de Fernández Ordóñez (2009) e afirmar que a ordem O-V não precisa de um clítico para ser realizada em contextos além da focalização. O autor apresenta dados que comprovam que objetos diretos e indiretos podem ser fronteados, mesmo sem a presença do clítico de retomada.

Acerca da ordem de palavras, o autor identificou que o sujeito não tem uma ordem fixa na oração, encontrando, por meio dos dados, as ordens S-XP-V, XP-S-V, V-S-(XP), V-XP-S. Todavia, é preferível os sujeitos pré-verbais. Dentre os pós-verbais, V-S-(XP) é uma ordem mais produtiva que V-XP-S, o que é mais uma evidência de que o espanhol medieval era uma língua V2.

Pinto apresenta dados comprobatórios de que o espanhol atual também apresenta outras ordens, além da V2:

Tabela 3- Distribuição geral da posição do verbo nas duas fases do espanhol

	<b>Século XII</b>	<b>Século XIII</b>	<b>Século XIV</b>	<b>Século XV</b>	<b>Século XIX</b>	<b>Século XX</b>
<b>V1</b>	44,77	55,88	51,61	47,89	53,28	51,96
<b>V2</b>	42,18	40,04	42,06	43,68	42,93	41,48
<b>V&gt;2</b>	12,93	3,74	5,55	8,70	6,64	6,12

Fonte: Pinto (2011)

Tabela 4- Distribuição posição do verbo em orações matrizes nas duas fases do espanhol

	<b>Século XII</b>	<b>Século XIII</b>	<b>Século XIV</b>	<b>Século XV</b>	<b>Século XIX</b>	<b>Século XX</b>
<b>V1</b>	31,62	40,92	36,01	38,40	38,99	41,93
<b>V2</b>	48,76	53,63	54,88	49,50	52,30	49,16
<b>V&gt;2</b>	19,43	5,27	8,91	12,00	8,55	8,67

Fonte: Pinto (2011)

Tabela 5- Distribuição posição do verbo em orações subordinadas nas duas fases do espanhol

	<b>Século XII</b>	<b>Século XIII</b>	<b>Século XIV</b>	<b>Século XV</b>	<b>Século XIX</b>	<b>Século XX</b>
<b>V1</b>	59,07	64,29	59,40	53,37	68,90	71,90
<b>V2</b>	34,94	32,66	36,13	40,25	26,44	27,48
<b>V&gt;2</b>	5,82	2,90	3,93	6,30	4,52	1,37

Fonte: Pinto (2011)

Conforme podemos observar nas tabelas acima, as ordens V2 e V1 aparecem tanto no espanhol medieval, quanto no atual, todavia observa-se que a preferência, nas orações subordinadas, é pela ordem V1 em ambas as épocas, mas a ordem V2 aparece de maneira produtiva nas orações matrizes (tabela 3).

Por fim, o autor acredita que o desaparecimento da ordem O-V sem retomada de clítico foi um fator que contribuiu fortemente para a perda do efeito V2, pois ao deixar de ser produzido deixou-se de fornecer *input* para as novas gerações, o que levou a perda do efeito V2.

### 1.2.5 Wolf (2015)

O autor analisa a obra de Conde Lucanor (século XIV) e, com base nela, defende que o espanhol antigo foi uma língua V2. Ao contrário de Fontana (1993, 1997), Wolf (2015) defende que o espanhol antigo não era V2 simétrico.

Uma das evidências para o verbo ser considerado V2 vem da colocação do verbo finito em orações matrizes. Como vemos na tabela abaixo, 92% das orações não coordenadas apresentam o verbo finito na posição de V2, enquanto a posição do verbo inicial apresenta apenas 0,84%.

Tabela 6 - Posição do verbo em orações matrizes

	V1	V2	V3	V4	V5	V6	V7	
Transitive/ Unergative	4	267	17	0	0	0	0	
Unaccusative	0	47	2	0	0	0	0	
Reflexive	0	17	2	0	0	0	0	
Impersonal	0	0	0	0	0	0	0	
Athematic	0	58	5	0	0	0	0	
Copula	0	49	6	1	0	0	0	
Raising	0	0	0	0	0	0	0	
Total	4	438	32	1	0	0	0	475
Percentage	0.84%	92.21%	6.74%	0.21%	0.00%	0.00%	0.00%	

Fonte: Wolf (2015)

Com base nessa porcentagem, Wolf (2015) afirma que no espanhol medieval o  $C^{\circ}$  carrega um *edge feature* que requer que o constituinte frasal seja deslocado para a posição mais alta do verbo finito. Assim, é possível perceber que a primeira posição pode ser ocupada por diversos constituintes, como podemos ver abaixo:

(9) El conde Lucanor **fablava** con Patronio, su consegero, en esta manera...

O Conde      Lucanor      falava      com      Patronio,      seu conselheiro,      de esta      maneira

(10) et eso mismo **fizo** a las arcas...

e isso      mesmo      fez a os      baús...

(WOLF, 2015, p.7)

Como vemos nos exemplos, o primeiro constituinte poderia ser ocupado por um sujeito em (9) e objeto direto em (10), mas também é possível que a primeira posição seja ocupada por outros tipos de constituintes, como: advérbios, frases adverbiais, orações temporais e outras. Apenas isso não é uma prova de que o espanhol antigo foi uma língua V2, todavia é evidência de que essa posição era bastante comum, o que nos leva a defender a hipótese [+V2].

Wolf (2015) ainda afirma que o espanhol antigo é uma língua nula e que isso deve ser levado em consideração nas análises quantitativas, pois o sujeito do discurso tende a receber realização nula, principalmente, devido à topicalização e focalização. Acredita que XPNon-Sujeito-VFinito são evidências

de um sistema V2 subjacente, assim como os sujeitos pós-verbais lexicais também são evidências de uma gramática V2.

Em resumo, para o autor, o espanhol medieval era caracterizado como uma língua V2 e é possível observar nos textos o fronteamo de objetos sem retomada de clítico, a inversão verbo-sujeito – quando a primeira posição é ocupada por um constituinte oracional que não seja o sujeito – e a existência de uma posição pré-verbal capaz de ser preenchida por outro constituinte que não o sujeito; elementos que são evidência de uma gramática V2 com movimento do verbo para C°. Além disso, problematiza o conceito de línguas V2 simétricas, como já apresentado em Fontana.

### 1.3 Espanhol medieval não-V2

Neste tópico apresentaremos os trabalhos de Sitaridou (2006, 2011, 2012, 2019), nos quais defende a hipótese de que o espanhol medieval não era uma língua V2. Estes trabalhos têm como principais argumentos o fato de o espanhol apresentar ordem V1 e V3, o que é incompatível com uma gramática V2, dados insuficientes para atestar uma ordem XP-V-SPronominal nos textos medievais e outros argumentos.

#### 1.3.1 Sitaridou (2006, 2011, 2012, 2019)

Sitaridou realiza um estudo comparativo entre línguas germânicas e românicas e apresenta argumentos qualitativos contra a análise V2 no espanhol antigo (2006, 2011, 2012).

Afirma que a busca de uma ordem inequívoca para definir o parâmetro V2 faz com que sejam excluídas ordens de palavras que seriam aceitas em gramáticas V2 e não-V2. Baseando-se nesse pensamento, não consegue dar conta das ordens S-V-O e XP-V-S com sujeitos lexicais, já que são encontradas em línguas V2 e não V2.

Sitaridou (2011) ressalta que as línguas romances não expressam comportamento uniforme e apresenta argumentos para demonstrar que o espanhol medieval não era uma língua V2 prototípica, para isso utiliza

exemplos da Glosas Emilianenses, em que apresentava ordem V-S-O. Esse fato nos leva a acreditar que o espanhol medieval, se de fato for uma língua V2, não é considerada uma V2 prototípica, pois a ordem prototípica XP-V-S é encontrada em baixa porcentagem no espanhol medieval, enquanto a ordem V-XP-S (sem sujeito/verbo restrito), como vemos em (11) para o espanhol antigo e (12) para o moderno, é encontrada com mais frequência. A autora afirma que isso é um argumento que torna o V2 impossível, exemplificando com o alemão em (13):

(11) a. e **començara** la a poblar un nieta dulixes ...

e começou a povoar um neto de Ulisses~

b. E depues que troya **fue** destroyda **salieron** ende dos hermanos.

E depois que Tróia foi destruída, saíram onde dos irmãos

(12) Ayer **presentó** su renuncia María

ontem apresentou sua renúncia Maria

(13) \*Am Morgen **liest** Bücher Johan.

pela manhã leu livro Johan.

(SITARIDOU, 2011, p.166)

Em resumo, Sitaridou (2011) acredita que ainda não é possível explicar a inversão em contextos com XP inicial.

[...] inversão não pode ser devido a uma sintaxe V2 residual (à la germânica), uma vez que a última exigiria adjacência de sujeito-verbo estrita, o que não é o caso no espanhol antigo[...] (SITARIDOU, 2011, p. 166, tradução nossa).

Sitaridou (2019) mantém sua tese de que o espanhol medieval não é uma língua V2, afirmando que o espanhol antigo não é: "(i) como qualquer outro V2 conhecido sistema; ou (ii) um novo tipo de V2; ou (iii) um V2 envolvendo movimento formal do verbo para algum núcleo de C". (SITARIDOU, 2019, p.132). Nesta obra, analisa como corpus *General Estoria* e reafirma, com base nos dados obtidos, que a ordem V1 é a mais frequente no espanhol medieval, obtendo para V1 48.5%, V2 42.9% e V3 8.5% no conjunto do total dos dados analisados. Com base nesses dados, questionamos a

análise da autora, já que o V2 aparece com 42,9% de frequência, o que é uma evidência de que estava presente na gramática do espanhol medieval em uma porcentagem próxima a de aparição de V1, o que parece indicar muito mais uma concorrência dentre as duas ordens.

Nesta mesma obra, apresenta contextos associados às línguas V2 e afirma que o espanhol medieval não preenchia esses contextos, a saber: as orações adverbiais não teriam importância para o V2 no espanhol medieval; que a ordem V3 não poderia ser sempre caracterizada como tópico, já que não se pode afirmar que os elementos apresentados nas sequências V3 são todos extra-clausais; a ordem V1 no espanhol antigo difere do alto alemão antigo, sendo a única atestada no espanhol antigo V-XP-S pronominal; a ordem V3 no espanhol antigo difere do alto alemão antigo, já que no alto alemão antigo o verbo não pode ser precedido por dois XPs ou pronome sujeito e XP, mas no espanhol antigo ambas ordens são permitidas; em ordens V2 lineares no espanhol antigo, o primeiro elemento não é um constituinte e isso nunca poderá ser possível em gramáticas V2; e, por fim, o domínio das orações encaixadas no espanhol antigo não é como nenhum outro domínio V2 integrado já conhecido, pois V2 em orações encaixadas não é uma regra comum.

Em resumo, enumera diversos argumentos atestando que o espanhol não é uma língua V2, como o fronteamo de participio. A autora afirma que o movimento ocorre para focalizar, não como um movimento de TP para CP. Além disso, a movimentação de TP para CP não pode ocorrer, pois se o sujeito aparece em uma posição abaixo de C° – visto que deveria estar à direita do clítico – pode-se considerar que o sujeito pré-verbal não está em spec-CP, logo o verbo não estará em C°.

Afirma que o espanhol antigo não tem movimento para força ou finitude e que o movimento do núcleo para a periferia esquerda se dá por motivações relacionadas ao discurso. Sua proposta é a de uma periferia esquerda modificada para receber foco.

## 1.4 Em suma

Neste capítulo compreendemos que o efeito V2 refere-se às línguas nas quais o verbo flexionado ocupa a segunda posição na sentença, independentemente da função sintática do constituinte que esteja ocupando a primeira posição, para isso, é necessário o deslocamento do verbo e do constituinte que o acompanha para fora do sintagma onde foi gerado, rumo a uma posição mais alta na hierarquia - Flex/Comp.

Além de compreender de que se trata o fenômeno, apresentamos autores que defendem hipóteses V2 e não-V2, considerando que a hipótese de que as línguas românicas medievais eram línguas de efeito V2 ainda não é um consenso. Se faz relevante mencionar que os argumentos utilizados para o português medieval são compatíveis com o espanhol medieval, tendo em vista a história de contatos vivenciada pelos dois povos e a semelhança entre as duas línguas. Nesta dissertação assumimos como hipótese que o espanhol medieval era uma língua V2 não prototípica.

## Capítulo II - Contatos na Península Ibérica: o contexto histórico

---

### 2.1 A importância da Sociolinguística-histórica

Da união entre a gramática gerativa, a sociolinguística laboviana e os estudos em aquisição de segunda língua, surge a sociolinguística-histórica, em 1980. Este campo de estudo tem como objetivo, por meio dos dados do passado, compreender a mudança linguística de determinada língua. Nesta perspectiva são utilizados os princípios da sociolinguística nos materiais históricos, além de estudar a mudança correlacionando fatores sociais e linguísticos.

Partindo do princípio básico de que as mesmas forças que operam hoje operaram no passado (LABOV, 1972), podemos supor que os mesmos mecanismos que provocam mudanças linguísticas hoje são os que provocaram no passado. No caso deste trabalho, compreender a história de contatos ocorrida na Península Ibérica se torna mister para discutirmos os possíveis *inputs* que a criança possa ter recebido para a aquisição do efeito V2.

Assim, neste trabalho temos como objetivo pensar a mudança linguística dentro do contexto social, a partir dos fragmentos deixados nos textos. Sabe-se que as novas formas linguísticas geralmente começam por meio da oralidade e posteriormente são passadas para os textos, onde são registradas. Os registros que temos são apenas um fragmento, logo não é possível afirmar com precisão como ocorreu a aquisição do efeito V2 ao longo da história apenas considerando os registros escritos. Sendo assim, nos propusemos a realizar um levantamento de hipóteses de evidências acerca da aquisição do efeito V2, considerando a história e o que se sabe sobre a aquisição de línguas.

Especialmente neste trabalho, a sociolinguística-histórica assume um importante papel em recuperar a história da mudança do V2 no espanhol medieval. Assim, como já dito, é preciso levar em conta que os dados analisados neste trabalho são um recorte da sociedade da época, não



mostrando toda a variação que ocorria naquele período. Isso não desqualifica o trabalho, tendo em vista que já sabemos que a mudança foi ocorrida e os dados validam a mudança aqui trabalhada; pois, como afirma Paixão de Souza (2006), compreender a história falada por meio da história escrita é uma difícil tarefa, já que é preciso trabalhar “com o que o tempo deixou, não com o que aconteceu” (p.29).

Assim, é de suma importância considerar a mudança dentro da comunidade na qual está inserida, por isso torna-se necessário introduzir um panorama histórico de contatos linguísticos na península, para que possamos compreender o cenário de multilinguismo ao qual estavam expostos, contexto que pode ter motivado externamente a aquisição do efeito V2. Por isso é preciso ressaltar que, como afirma Vasco da Gama (1979)<sup>5</sup>, o falante é o ponto inicial da mudança, e ele faz parte da sociedade em que está inserido.

## 2.2 A princípio

Partindo do pressuposto de que o espanhol medieval era V2, nos questionamos como essa língua foi adquirida e quais contatos levaram à aquisição. Para isso levantamos duas hipóteses, onde em ambas o *input* para a aquisição se deu entre o contato dos povos bárbaros com os povos romanos, o que, posteriormente, foi transmitido às novas gerações, consolidando a mudança linguística. Desta maneira, podemos pensar em dois momentos: (i) durante a invasão dos povos bárbaros à península; (ii) o latim tardio já apresentava o efeito V2 (fruto de contato entre os povos germânicos e romanos em período anterior à invasão bárbara na península ibérica), que permaneceu nos romances medievais<sup>6</sup>. Esses contatos foram intensificados durante a

---

<sup>5</sup> “[...] produz-se de início numa célula menor do que o grupo comunitário, daí expandindo-se para toda a comunidade superior, numa sequência lógica de que o elemento-primeiro será sempre o indivíduo falante.” (VASCO DA GAMA, 1979, p.126).

<sup>6</sup> Quero deixar claro que partimos do pressuposto de que o contato ocorreu entre povos germânicos e românicos. É inegável que os povos árabes também contribuíram para a formação do espanhol, todavia, conforme os autores em que nos baseamos, não foi o caminho escolhido para essa dissertação. Seria interessante o desenvolvimento de uma pesquisa que se dedicasse a compreender a influência dos povos árabes nesse processo, deixo para trabalhos futuros.

migração franca, em que os germânicos assumem condição de prestígio na sociedade da época. Desta forma, este capítulo tem como objetivo traçar uma linha histórica que possa ter influenciado linguisticamente no espanhol medieval e que posteriormente tenha gerado *input* para a aquisição do efeito V2.

### 2.3 Os pré-romanos

Desde os povos pré-romanos a Península Ibérica tem sua história marcada por contatos; tartesianos, fenícios, cartaginenses, iberos e celtas conviviam entre si na península que leva o nome de Ibérica em homenagem aos iberos. O cenário era de diversidade de línguas e povos. Os povos fenícios e gregos fundaram Málaga, Cádiz, Alicante e Ampurias, o que influenciou no desenvolvimento cultural dos povos que habitaram a península.

Até onde se sabe, a história deste território começa na fronteira entre a França e Espanha, nas cadeias montanhosas dos Pirineus, onde se estabeleceram os povos Bascos.

Os Iberos se estabeleceram na Costa do Levante. Acredita-se que eram povos originários da África, mas sua origem ainda é questionada devida à prática de cremação praticada por esses povos, o que dificultou a identificação.

Os Tartesios ocuparam a região que hoje é o sul de Andaluzia e Portugal, mantiveram intenso contato com os povos persas resultante dos negócios com a prata, o que introduziu diversos aspectos em sua cultura e alfabeto.

Os Celtas invadiram a península no século VII a.C. e se estabeleceram na região que hoje corresponde a Galicia e Sul de Portugal. Hoje há evidências que mostram que os celtas apresentavam características culturais dos povos Hallstatt, originários da Europa central (CURCHÍN, 1996). Os Celtas logo se misturaram aos Iberos, e passaram a ser chamados de Celtiberos. Introduziram muitas palavras formadas com elementos bélicos, a exemplo de Coimbra, que tem seu significado de 'fortaleza'.

Afirma Curchín (1996) que os povos também viviam em conflitos tribais, eles podiam se unir, formando coligações, contra seus inimigos, o que tornava a demarcação de terras variáveis, pois dependia do vencedor do conflito. As tribos possuíam suas nobrezas (hereditárias), moedas e cavalaria, e as famílias eram separadas por Clãs. A situação linguística desse território era de multilinguismo, pois não havia uma unidade linguística. Cada povo adotava a sua língua e o seu alfabeto.

Durante esse período, o território espanhol já estava dividido em duas grandes zonas: ibérica e indo-europeu. A zona ibérica era constituída pelo Sudoeste (de Andaluzia à Valência e Catalunha). Apresentavam um maior desenvolvimento cultural. Já a zona indo-europeu localizava-se no centro, oeste e noroeste da península. A cerca da situação linguística dessas zonas, não se sabe se dentro delas se falavam a mesma língua ou várias línguas diferentes.

As línguas pré-romanas, ainda assim, influenciaram no processo de latinização. Lapesa (1981) cita a história de um discurso realizado pelo imperador Adriano (117 a 138) em Roma. Adriano, durante a leitura de seu discurso, provocou risos aos romanos por causa de seu sotaque, o que mostra que o latim não se apresentava como uma identidade homogênea, além de o latim falado na Hispânia apresentar suas próprias "peculiaridades", mais uma evidência comum em situações de bilinguismo.

O autor atribui o carácter heterogêneo aos substratos primitivos, às línguas pré-romana. Como afirma Aquilar (1992, p. 20):

Certamente, a permanência dos elementos pré-romanos parece garantida pelo feiro de que os romanos realizaram a divisão administrativa da Espanha, respeitando as fronteiras étnicas existentes, é possível que assim se transformam as diferenças linguísticas primitivas em diferenças dialetais dentro do latim adquirido. (Tradução nossa)

Assim, o substrato teve seu papel na formação do romance devido ao processo de contato linguístico entre os povos pré-romanos e os romanos. Nesse processo de contato não se sabe se a permanência de características linguísticas provenientes do substrato foi um processo linguístico vivo, o que se

sabe é que muitos traços dessas línguas foram preservados (principalmente no léxico, com topônimos e antropônimos).

## 2.4 Romanização

A cidade de Cartago foi fundada no norte da África pelos povos fenícios. Prosperou e passou a dominar outros povos, logo obtendo grande controle das cidades ao redor do mar mediterrâneo - zona de comércio - o que dificultava os avanços dos romanos, que buscavam expandir o seu império. Assim, deu-se início às guerras púnicas.

A primeira guerra púnica teve duração entre 264 a 241 a.C., com vitória dos Romanos que obrigaram os cartagineses a aceitarem um tratado de paz dando direitos à Roma de comandar os mares mediterrâneos, além do pagamento de uma indenização e a perda da região da Sicília. Não conformados com a situação, os povos cartagineses, sob o comando do general Amilcar Barca, invadiram a península ibérica e utilizaram o território como um campo de treinamento, munindo o ódio e revolta contra os povos romanos. Os romanos, ao se sentirem ameaçados pela ocupação cartaginense na península, resolvem dominar a cidade de Sagunto, localizada na atual Espanha. O território não constava no tratado de guerra firmado entre Roma e Cartago, o que deixou os cartagineses extremamente ofendidos, e com o comando de Anibal Barca deu-se início a segunda guerra púnica (CHURCHÍN, 1996).

Em 218 a.C., ao fim da segunda guerra púnica, com a vitória dos romanos, inicia-se o processo de latinização na península ibérica. Neste período, Roma ocupa a posição de maior destaque na Europa e expande seu território, conquistando novas terras.

Roma simbolizava os conceitos de lei e cidadania, o progresso com grandes construções. Conforme Lapesa (1981, p.54):

ao conquistar novos países, Roma acabava com as lutas de tribos, os deslocamentos de povos, os combates entre as cidades: impunha aos demais a ordem que constituía a sua própria força (Tradução nossa).

Ao ocupar os territórios, Roma não obrigava os povos a adotarem sua língua e religião, ela permitia que eles utilizassem suas próprias línguas, pelo menos entre si. Por isso, o latim convivia em situação de bilinguismo com os substratos, mas Roma era considerada a visão do futuro, o latim era a língua de Roma, portanto, a língua do progresso, a língua de prestígio. Conforme Curchín (1996, p.14) “La gente, segun los lugares, podia hablar latin, griego, iberico, punico o un dialecto céltico.”, o que ressalta o cenário multilíngue e a não imposição linguística de Roma aos territórios conquistados.

Ainda sobre a situação entre o latim e as línguas pré-romanas, Vasco da Gama (1979) afirma que esses contatos deram origem ao *sermo hispaniensis*<sup>7</sup>, o conhecido latim hispânico, resultado desses contatos e dos contatos entre as gerações, originários da situação de bilinguismo.

Curchín (1996) ressalta que a conquista não ocorreu tão facilmente, e sim através de um longo e doloroso conflito bélico, no qual os romanos sofreram muitas derrotas até alcançar seus objetivos. O território da península ibérica configurava uma zona de guerra, um território que não favorecia, geograficamente, a invasão romana. Conforme o mesmo autor, a Hispânia foi a primeira região a ser invadida pelos romanos e a última a ser completamente dominada, os povos celtas e celtiberos resistiram bravamente à dominação dos povos romanos, além do longo período de guerra púnica. O mesmo afirma Lapesa (1981), quando sustenta que o desaparecimento das línguas nativas em substituição ao latim não foi imediato, mas que ocorreu um grande período de bilinguismo. A aceitação do latim se deu mais abertamente nas grandes cidades, enquanto nas pequenas houve um pouco mais de resistência durante esse processo.

---

<sup>7</sup> É essa variante que Vasco da Gama (1979) elucida que foi utilizada pelos povos invasores bárbaros no século V. Além disso, o mesmo autor defende que os germânicos que chegaram à península já estavam romanizados e possuíam a sua própria variante, fruto da situação de bilinguismo, todavia ele acredita que esta variante pouco contribuiu com a situação linguística da península, o que é possível se questionar tendo vista que essa variante entrou novamente em situação de bilinguismo com os povos romanizados que viviam na península durante a invasão bárbara, o que coloca duas variantes em contato e competição, sendo muito difícil afirmar que a pouca contribuição sendo que há uma situação de contato.

Mesmo com essa resistência, a Hispânia foi considerada o segundo país do império. A ela foi estendido o direito latino. Isso comprova que a romanização na Hispânia foi bem sucedida.

Roma conseguiu unificar juridicamente os povos Hispânicos, mas, para dominar completamente era necessário dominar também a religião. Assim, os romanos inseriram o cristianismo e concretizaram a unificação dos povos, por meio da fé. O cristianismo foi um propagador da língua, por meio dele foi possível inserir novas palavras e verbos, além de disseminar a língua latina por intermédio dos textos bíblicos aos fiéis.

Vale salientar, do ponto de vista linguísticos, os contatos ocorridos durante o período de romanização: os povos pré-romanos habitavam a Hispânia com suas línguas e diversidade cultural; em seguida os povos cartaginenses (que já mantinham forte relação com os povos hispânicos, contato que possivelmente já influenciava linguisticamente); e depois a chegada dos povos romanos (que durante o período de guerra púnica até a romanização). Tais contatos, com a vinda de diversos povos e de várias classes sociais, fizeram com que o latim que chegou à península viesse de diversas fontes diferentes, o que gera uma variação dialetal, além dos contatos com falantes variados.

Dentro da península a romanização se deu pelas províncias Baéticas e Tarraconenses, que foram zonas mais latinizadas que as demais e passaram a romanizar os outros territórios. A Baética foi colonizada por romanos de classes sociais mais altas, com maior nível cultural, apresentando um latim mais conservador, pois a população tinha acesso à escolarização, o que reforça as normas mais cultas do latim, aprendido via instrução formal. Já a Tarraconenses foi povoada por soldados, comerciantes, pessoas com nível cultural não tão elevado e com uma cultura de trânsito, de contatos, o que levou a um latim mais falado e aberto às inovações. Além disso, Aquilar (1992) afirma que muitos italianos, residentes do sul, emigraram para a península após as guerras civis que ocorriam no território italiano.

Tudo isso comprova que o latim que chegou à península não era unitário, os habitantes da península ibérica tiveram contato com, pelo menos,

duas variedades do latim: culta (Baetica) e falada (Tarraconenses), além de outros povos que fugiram de seu território e buscaram reconstruir suas vidas na península ibérica, influenciando linguisticamente.

Esse mix de contatos é responsável pelo espanhol como temos hoje, pois ao longo do tempo e interação, os povos que habitavam a Hispânia passaram a falar o latim, o que tornava seus descendentes, provavelmente, bilingues. O bilinguismo poderia causar transferências e interferências, o que possivelmente modificou o latim chegado à península, sem mencionar os contatos que já foram relatados acima.

Figura 4- Divisão da Hispânia em províncias romanas



Fonte: Aquilar (1992)

O latim falado não era a variedade literária, por isso torna-se mais difícil reconstruir essa língua, considerando que ela foi a responsável pelas mudanças linguísticas. O fato de não haver textos escritos, como encontramos em quantidade com o latim clássico, torna a pesquisa de reconstrução dessa variante mais difícil e interessante, já que os estudos acerca das mudanças linguísticas ocorrem do presente para o passado, em uma tentativa de reconstrução dessas línguas por meio de fragmentos deixados nos textos.

## 2.5 Povos germânicos

A partir do século III d.C. o império começa a entrar em decadência, os territórios passam a eleger seus próprios imperadores e se revoltam com a exacerbada cobrança de impostos. Os territórios estavam enfraquecidos e os povos Germânicos ameaçavam invadir as fronteiras.

Em 409, vândalos, suevos e alanos chegaram à península, após o rei visigodo dominar Roma.

O contato entre romanos e germânicos não se deu apenas nas guerras, os germânicos, desde o século I, já se alistavam nas legiões e se estabeleciam como colonos em terras romanas<sup>8</sup>. Guerras (1995) afirma já ser possível falar em romanização dos povos germânicos desde o século I, o que se sucedeu nos séculos II com o auxílio dos germanos nos limes<sup>9</sup>.

Em meados do século II, Roma tinha a necessidade de contratar soldados "bárbaros", que custavam dinheiro, o que diminuía as vantagens até então conseguidas pelos romanos. [...] A necessidade de soldados e de mão-de-obra agrícola por parte de Roma acarretou, portanto, uma infiltração pacífica dos germanos nos limes. (GUERRAS, 1995, p.30).

No século III esses povos se agruparam em subgrupos e se dividiram. Alguns eram contra Roma, enquanto outros aproveitavam para manter boas relações e aumentar lucros. Com essa divisão os povos foram obrigados a marchar ao ocidente. Os francos e alanos invadem e saqueiam a península dando início a esse novo período.

Os primeiros povos germânicos a invadirem o território foram os alanos, vândalos e suevos. Os alanos não permaneceram muito tempo, logo foram

---

<sup>8</sup> O fato de esses povos já estarem em contato desde o século I é argumento para a nossa hipótese de que o efeito V2 poderia ter entrado no espanhol medieval via contatos entre os povos germânicos e romanos, antes do período medieval. Ledgeway (2017) defende que os germânicos já invadiram a península ibérica romanizados, portanto, podemos considerar que tais características das línguas germânicas, como o efeito V2, poderiam ter sido transferidas para o latim e posteriormente transmitidas às línguas românicas.

<sup>9</sup> Os limes eram estruturas semelhantes a torres de madeira que funcionavam como muralhas onde os romanos vigiavam as entradas de inimigos.



exterminados. Os vândalos continuaram sua jornada na África, descendo pelo estreito de Gibraltar. Os suevos ocuparam a região norte.

Também ocuparam o território peninsular os visigodos. Vieram em pequeno número, mas significaram uma parcela mais civilizada entre esses povos. Sua convivência se deu, a princípio, com uma tentativa de não se misturar com os hispânicos, proibindo os casamentos entre visigodos e hispânicos. Permaneciam adorando seus deuses e mantendo sua cultura, isolada dos povos que ali viviam.

Conforme Vasco da Gama (1979)<sup>10</sup>, os visigodos ocuparam o território em que hoje compreendemos como Espanha por convite dos povos romanos como uma tentativa de aliança para reaver as suas terras, na esperança de que eles fossem derrotar os outros povos que ali ocuparam. O fim dessa história é que o território acabou dividido entre dos povos bárbaros: suevos e visigodos. Por fim, os visigodos assimilaram os suevos.

Assim, é possível concluir que: após as invasões bárbaras, os germânicos como novos senhores do território romano, conservaram suas línguas e os latinos, estando em um longo período de contatos linguísticos, aprenderam com eles novas palavras e costumes. Isso mostra que os bárbaros podem ter influenciado diretamente nas línguas daqueles povos, o que é comprovado pelo léxico, a exemplo temos a palavra guerra, introduzida pelos germânicos em lugar de bélico, do latim.

Com a renúncia do rei visigodo Recaredo (586-601) esse cenário mudou. Os nobres visigodos aderiram à teocracia toledana, o que resultou na unificação no território de Hispânia e uma romanização dos visigodos, que passaram a abandonar sua língua.

Lapesa (1981) sustenta que na Hispânia não houve um período de bilinguismo longo, como ocorreu na França, afirmação que é confirmada pelas características linguísticas herdadas pelo francês, que se aproximam das línguas germânicas. Ainda conforme o mesmo autor, as invasões germânicas

---

<sup>10</sup> É importante lembrar que Vasco da Gama (1979) acredita que os povos germânicos que ocuparam a península já vieram romanizados e tinham a sua variante latina, fruto de bilinguismo.

provocaram uma mudança tão grande no espanhol peninsular a ponto de a comunicação com o resto da România ser dificultada.

## 2.6 Povos árabes

Em 711 os árabes cruzaram o estreito de Gibraltar e venceram Rodrigo, o último rei visigodo, dando início ao período de ocupação dos árabes na península e o fim do reinado visigótico. Este período gerou grandes efeitos linguísticos.

O longo período entre a invasão árabe e a reconquista marcou a história linguística dos povos da península ibérica e modificou o cenário político do território, fazendo com que as províncias que tinham maior prestígio perdessem o seu poder.

Os árabes invadiram a península apenas em grupos de homens, nesse processo casaram-se com as mulheres hispano-godas e tomaram os povos galegos e bascos como escravos. Impuseram sua língua como a oficial e de cultura. Denominaram as terras conquistadas como Al-Andalus e governaram o território por quase 800 anos.

Durante a ocupação dos árabes o cenário linguístico era marcado pelo bilinguismo. Como afirma Tuten (2003), o latim/romance se estabeleceu no Norte (Galícia, Asturias e Cantábrias) antes mesmo da invasão, mas se consolida após a invasão como meio de comunicação entre os povos do Norte com os refugiados do Sul, esta intensificação levou ao fim das línguas pré-romanas que ainda existiam, com exceção do basco.

Nem todo território foi conquistado pelos árabes, os povos que resistiram e não se submeteram aos árabes se refugiaram no norte e noroeste da península, montando uma resistência formada por católicos e hispano-godos. Dessa resistência surgiram novos reinos (León, Oviedo, Barcelona, Burgos, etc.) que tinham como língua esse latim falado que com influência dos substratos resultou nos romances.

Os povos que se mantiveram sob domínio dos árabes tiveram que se submeter à política, cultura e ao islamismo. Ainda assim, muitos

permaneceram fiéis ao catolicismo, mesmo com a pressão exercida pelos invasores. Esses povos foram chamados de Moçárabes.

A língua árabe estava exposta aos diversos povos e contatos dentro da península. Assim como ocorreu com o latim, os contatos modificaram o árabe que chegou à península, o que resultou em um árabe falado, já muito diferente do que havia chegado.

Apesar do árabe ser a língua oficial em A-Andalus, a língua popularmente utilizada era o romance (Moçárabe), que vinha tomando força. O Moçárabe era considerado “pedra angular para a reconstrução do romance[...] pois era a língua testemunha do íbero-romance falado na Hispânia gótica[...]” (CATALÁN, 1974, p.82).

A situação de bilinguismo<sup>11</sup> persiste por um longo período de convívio entre o árabe e o Moçárabe. Na literatura é possível encontrar textos em que os poetas mesclam o romance com o árabe. Esse fato, juntamente aos diversos vocábulos árabes introduzidos no espanhol (e no português), nos mostram um cenário bilingue e de transferências linguísticas entre os povos.

Acerca do Moçárabe, não se encontram materiais escritos em grande quantidade, a maioria dos textos eram escritos em latim. O que se sabe do Moçárabe é parte de seu léxico, portanto não é possível discutir até que ponto o Moçárabe contribuiu para a formação sintática do espanhol que temos hoje.

No século X os árabes passam a perder força e suas terras a se tornarem independentes, o que enfraquece o califado. Os reis dos povos independentes, chamados de Talifas<sup>12</sup>, brigaram entre si, o que os levou a ter a necessidade de negociar com os reinos católicos. Fizeram acordos financeiros e passaram a pagar impostos a esses. Esses impostos eram repassados para a população, que se revoltava com a cobrança excessiva, o que resultou em revoltas populares. Com a perda de sua união e revoltas

---

<sup>11</sup> Como dito anteriormente, é inegável que os árabes tiveram um papel importante na formação da língua espanhola, todavia esse não foi o caminho escolhido para abordarmos a aquisição do efeito V2, devido aos trabalhos acerca desse fenômeno. Seria extremamente interessante compreender qual a contribuição dos povos árabes na aquisição do efeito V2, todavia isso caberia uma investigação específica, o que não nos cabe nessa dissertação.

<sup>12</sup> Vale ressaltar que a tradução de Talifas seria Facções.

internas, os árabes foram perdendo os seus territórios durante a reconquista (PIÑEIRO VALVERDE, 1997).

## 2.7 A reconquista

A reconquista foi um período de retomada por parte dos reis católicos das terras que haviam sido tomadas pelos povos árabes. Esse combate durou diversos anos, o que leva a mais uma situação de bilinguismo.

Durante a invasão árabe e a reconquista, o território espanhol vivia entre cristãos e muçulmanos. O romance era a língua mais falada, mesmo não sendo considerada a oficial. Os povos cultos optavam por usar o árabe, enquanto o restante da população adotava o Moçárabe. A situação de bilinguismo continuava e os árabes tinham consciência das diferenças entre o latim e o romance. Mesmo cientes da diferença, quando necessário, optavam por utilizar o latim, ignorando o romance que era falado no território.

A língua árabe atuou fortemente na formação do romance andaluz, como superstrato. As pessoas com a necessidade de se comunicar foram obrigadas a dominar mais de um romance, ou seja, eram bilingues.

Enquanto a parcela do Sul falava o Moçárabe, a parcela do Norte tinha variedades linguísticas e apresentava formas diferentes do romance. No Norte as falas se misturavam, principalmente em regiões de fronteira, um exemplo disso é o catalão-aragonês que é falado até os dias de hoje.

Em 1002 a situação começa a mudar, o território ocupado pelos árabes perde força e os católicos passam a reconquistar seu território. Nesse período, os árabes deixaram de impor seus costumes e passaram a aceitar os costumes cristãos, novamente instaurando uma situação linguística de bilinguismo.

É em Asturias que se inicia esta reconquista com a formação do primeiro reino cristão, comandado por Afonso III. Este território se expande até a região da Galicia, tomando outros povos do norte. Assim, podemos traçar uma linha imaginária fracionando o território espanhol na metade: ao norte o domínio católico; ao sul o domínio árabe. Esta linha, conforme Piñeiro Valverde (1997, p.155), era considerada "terra de ninguém".

Ainda conforme Piñeiro Valverde (1997), durante este período de reconquista, no século XI, o reino de Navarra, teve um papel importante Sancho III, investiu na proteção dos reinos cristão, favoreceu a entrada dos monges cristãos vindos da França, intensificou as peregrinações pelo caminho de Santiago e dividiu os territórios de Navarra, Aragão e Castela entre os seus filhos.

As medidas intensificaram o cristianismo na região, e consolidou baixo seu domínio os reinos que vieram a concretizar esta reconquista. Navarra ficou sem rei, após a morte de Sancho, o que fez com que o rei de Aragão assumisse o trono, unificando os dois reinos, o que não durou muito tempo, todavia, passaram à margem da reconquista se voltando aos assuntos franceses. Aragão se une à Catalunha e prossegue com a reconquista. O Reino de Castela estava abandonado, e com sua posição estratégica passa a tomar o papel de protagonismo na reconquista.

Com a tomada de Toledo, Castela ocupa uma posição estratégica nesta longa batalha, pois está geograficamente localizada entre dois rios: Ebro e Douro.

Afonso VI, que comandava Castela durante este período, fez diversos acordos por meio do casamento. Tendo domínio das terras de Portugal, mantinha um bom relacionamento com os monges que vinham da França, pelas peregrinações pelo caminho de Santiago, o que o tornou tão poderoso e popular que passou a ser chamado de Imperador da Hispania.

Muitos outros conflitos familiares monárquicos ocorreram, o que levou a sucessões de trono durante o período, o que é mister nesta situação é o fato de que com a expansão dos povos de Castela, cada vez mais territórios árabes eram conquistados.

Acerca do movimento dos reinos do Norte em direção ao Sul, muitas línguas e dialetos estiveram em contatos, como afirma Aquilar (1992, p.49):

Certamente, é possível que os dialetos românicos do Norte se encontraram, em sua marcha ao Sul, com um substrato Moçárabe e que da junção de ambos surgiu o Leonês, Castelhana, Catalão, etc.; também poderia fazer-se remeter a

este momento as diferenças internas de cada uma dessas línguas.

O mesmo afirma Tuten (2003) ao dizer que a chegada de diversos povos à Castela, para a sua povoação, aumentou a variação social e linguística. Também nos chama atenção ao fato de que Castela se desenvolvia de maneira horizontal, sem monarquia, o que faz com que as relações sociais sejam mais estáveis, com um declínio para a servidão.

Em Castela surgem novas classes sociais, como os Caballeros Villanos, que defendiam as vilas, mas também faziam trabalhos camponeses. Além disso, vivem em conflitos com os Leones, quem mantinha um maior comando da região da península naquele momento. Os povos Castellanos tinham uma identidade regional, afastando as normas tradicionais.

Essa situação de fronteira em que se encontrava Castela, juntamente com a sua repovoação e a expansão ao Sul, faz com que haja em seu território um mix de falantes de diferentes regiões e romances.

Esse período de reconquista tem fim em 1492 com a expulsão dos últimos árabes do sul da península. O romance Moçárabe desaparece e as línguas do Norte competem com o árabe dos povos já conquistados.

Esse processo de contato entre os árabes, latim e romance Moçárabe, conforme Catalán (1974, p.80) “[...]tem sido cultivado sempre com menos profundidade e constância que outros aspectos da simbiose cultural hispano-semítica[...]”.

Os Francos tiveram um papel de destaque nesse contexto de multilinguismo e na aquisição do V2.

Como vimos acima, a mudança do Caminho de Santiago (a rota do caminho francês<sup>13</sup>) trouxe novamente a presença da cultura e língua franca na península, o que pode ter reforçado a variante [+V2]. O caminho atravessava os reinos cristãos do Norte, o que consolidou o catolicismo naquele trajeto, pois foram erguidos mosteiros, vindos peregrinos, monges e tudo isso demonstrava a força da religião católica.

---

<sup>13</sup> A rota do caminho francês começa a ser desenvolvida desde o século X.

Os Francos foram se instalando na península, ao largo do caminho francês e se consolidaram como a primeira burguesia. Povoaram as terras desocupadas pela reconquista, tiveram bairros e cidades especiais para eles.

Os eclesiásticos mantiveram esse fluxo entre França e Espanha durante um longo período e os católicos se consolidaram na península com a ajuda dos francos, sem contar a literatura trovadoresca, que teve sua origem com os francos e se consolidou pela península.

Castilla e León assumem a posição de reinos mais poderosos. Após a morte de Alfonso VI, Portugal se torna independente e Catalunha se une a Aragão (1137). A reconquista ganha força e os reis cristãos dividem o território reconquistado entre eles, Granada se mantém como um único resquício poderoso dos árabes.

Após a expulsão dos árabes, a península sofreu novamente um período de romanização com a expansão ao sul dos romances nascidos no território e a divisão e ocupação do território conquistado pelos católicos.

## 2.8 O Castelhana

Com a reconquista, estabeleceu-se uma divisão territorial em Hispania, assim como linguística. O Norte apresentava uma divisão linguística não tão delimitada, haviam línguas de fronteira. O Sul mantinha bem rígida sua divisão linguística.

O Castelhana, entre as variedades de dialetos falados na península, foi o que mais se destacou e expandiu sua língua territorialmente, principalmente pela posição de prestígio, política e cultural ocupada por Castilla.

Tuten (2003) mostra a importância de nos questionamos acerca do surgimento do castelhana; por um lado a expansão territorial, o que evidentemente impactou em sua consolidação, por outro apresenta autores (López García) que consideram o que castelhana foi uma koiné, mas apresenta problemas ao definir o que é uma koiné, equiparando ao conceito de Crioulo.

O que amplia o domínio do Castelhana é o projeto de expansão linguística aplicado por Castilla com o objetivo de fixar sua língua como língua

escrita, produzindo diversas obras literárias e se consolidando como o novo romance. Assim, o Castelhana passa a ser a língua oficial, o que está diretamente relacionado ao domínio e controle sob as outras regiões, considerando a premissa língua é poder.

Do latim para o Castelhana ocorreram algumas mudanças linguísticas, a exemplo da redução dos sistemas vocálicos latinos, perdendo as vogas longas e breves. Mudanças fonéticas e lexicais, eliminação do gênero neutro nos substantivos e o sistema de casos. Não houve criações gramaticais, mas ampliação dos tempos já existentes. Com a perda dos casos houve a necessidade de se estruturar uma ordem de palavras.

Como afirma Aquilar (1992, p.12), “o espanhol é o latim degenerado pelo contato com povos bárbaros”. Com os contatos relatados acima, podemos observar que o romance espanhol é uma nova língua gerada pelos contatos entre diversos povos que ocuparam o mesmo território em diferentes épocas e inseriram sua marca nessa nova língua. Essa história pôde ser resgatada por meio de documentos que registraram esses usos durante tantos séculos.

Os registros dos romances aparecem desde o século X, em textos jurídicos. No século XII o latim é encontrado apenas em fórmulas estereotipadas, ou seja, em dois séculos o romance aposentou o latim e tornou-se a língua de maior prestígio.

## 2.9 Por fim

Após observarmos a história de contato entre povos na península, podemos concordar com a hipótese de Pinto (2011 e 2021) de o Castelhana ter sido uma língua crioula, pois é fruto de situações de contatos linguísticos. Assim, as crianças nascidas nesse contexto poderiam ter tido como primeira língua o Koiné, fruto do contato entre as línguas que conviviam no território peninsular.

Tuten (2003) afirma que o crioulo, koiné e pidgins são novas variedades de língua resultado de uma mistura de variedades linguísticas em situações de



contato, em que o falante necessita negociar e adquirir novas estruturas. O crioulo é igualado ao Koiné por autores como López Garcia, como a etapa em se torna a L1 das crianças nascidas na comunidade, o que nos leva a associar à consolidação do Castelhana como a língua de prestígio.

O contexto histórico exposto acima, nos fornece argumentos para defender que a mudança linguística possa ter sido externamente motivada, devido ao contexto multilíngue vivenciado pelos povos que vivem na península ibérica entre os séculos XII e XV, como veremos nos capítulos a seguir.

## Capítulo III – Línguas em contato

---

Neste capítulo buscaremos compreender hipóteses acerca do processo de aquisição do efeito V2 no espanhol medieval. No capítulo anterior abordamos os contatos históricos sofridos pelos diversos povos dentro da península ibérica para que neste capítulo possamos dissertar acerca do processo de mudança e aquisição que possivelmente ocorreu mediante esses contatos.

Pré-romanos, romanos, bárbaros, árabes conviveram em diferentes momentos dentro do mesmo território, evidenciando situações de bilinguismo ou multilinguismo. Portanto, é inegável que os contatos entre povos, em especial os germânicos – ditos bárbaros –, que apresentavam [+V2] é o responsável pela aquisição do efeito V2, já que o efeito V2 é uma característica das línguas germânicas.

Assim, o capítulo está dividido em três partes. Na primeira abordaremos o conceito de variação e mudança, os associando ao cenário histórico relatado no capítulo II. Na segunda, compreenderemos como os contatos linguísticos influenciam no processo de mudança linguística. Na terceira abordaremos a aquisição de segunda língua, acreditando que ela tenha sido o primeiro estágio da mudança linguística: os povos em contato estão expostos às gramáticas [+V2] e [-V2] e adquirem uma gramática [+V2]. Dentro desse contexto, essa gramática adquirida como segunda língua é transmitida como L1 das próximas gerações.

### 3.1 Variação e Mudança

Com base em Roberts (2007) assumimos que a mudança linguística é externamente motivada, por isso se faz necessário analisarmos os fatores externos à língua, ou seja, os fatores sociais.

Weinreich, Labov e Herzog (1968) afirmam que teorias de mudanças linguísticas devem responder a cinco problemas:

- (i) Quais os fatores condicionantes à mudança? (Problema da restrição);
- (ii) Como ocorre a mudança de um estágio para outro? (Problema da transição);
- (iii) Como estão as mudanças encaixadas na estrutura linguística e social? (Problema do encaixamento);
- (iv) Como podem ser avaliados os efeitos desta mudança acerca da eficiência comunicativa do falante (Problema da avaliação);
- (v) Por que uma mudança ocorre em determinado momento, o que desencadeou esta mudança? (Problema da implementação).

Acerca do primeiro problema, o problema da restrição, levanta-se o questionamento sobre quais os conjuntos de mudanças possíveis e quais as condições para uma língua mudar. No caso de nossa pesquisa, temos uma gramática [+V2] competindo com uma [-V2], portanto o conjunto de mudança estudados é acerca do parâmetro V2.

O problema do encaixamento se associa ao de restrição, e questiona como o fenômeno se “encaixa” no sistema linguístico, além de ressaltar que o valor das variáveis linguísticas é determinado por fatores internos e externos à gramática. Weinreich, Labov e Herzog (1968) dividem esse problema em duas partes: encaixamento na estrutura linguística e encaixamento na estrutura social. Na estrutura linguística afirmam que “um conjunto limitado de variáveis num sistema altera seus valores modais gradualmente de um polo para outro” (2006, p.123, versão traduzida). Ou seja, a mudança ocorre por meio de parâmetros variáveis dentro de um mesmo sistema, e esse sistema não se modifica durante a mudança, elas se encaixam a ele, pois estão inseridas na comunidade de fala. No caso da mudança abordada nesta dissertação, a criança poderá acionar o parâmetro [+V2] ou [-V2], durante o processo de aquisição, dentro do sistema V2, sendo [-/+ ] as opções a serem selecionadas durante a aquisição, essa seleção se dará pelos fatores sociais.

Os mesmos autores defendem que “os fatores sociais pesam sobre o sistema como um todo” (p.123), pensando no fenômeno estudado neste trabalho, podemos observar que os fatores sociais foram o desencadeante da

mudança, ou seja, o contato entre os povos, intensificado com a vinda dos francos (que assumiam papel do prestígio na sociedade), forneceu *input* para a competição entre as estruturas gramaticais – [+V2] do germânico e [-V2] das línguas românicas – o que levou à aquisição do [+V2]. Em contrapartida, Weinreich, Labov e Herzog (1968) afirmam que os estágios de mudança não têm muita relação com os fatores sociais, todavia isso não se sustenta, pois há evidências de que a mudança linguística é externamente motivada, o que se associa ao Problema da implementação, proposto pelos mesmos, que busca discutir quais fatores influenciaram a mudança. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.124, versão traduzida):

Sugere-se que uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Este traço linguístico então assume uma certa significação social[...].

Portanto, a mudança começa pela fala. No caso desta pesquisa, não é possível analisar a fala dos povos que viviam na península medieval, pois não existiam gravações, a única fonte de estudo possível são os textos que foram deixados e o contexto histórico que apresenta os contatos sofridos por esses povos fornecendo evidências.

Já o problema da avaliação diz respeito a avaliação social. Variantes de maior ou menor prestígio social. Um falante tem competência para usar diversas variantes, de acordo com o contexto de uso. É possível adequar a variante conforme a situação de fala. Além disso, é a avaliação que determina se uma mudança será acelerada ou rejeitada, à medida que a sociedade se identifica com ela. Portanto, uma mudança ocorre mais rapidamente quando a sociedade a aceita, tornando o contexto favorável e incorporando ao contexto linguístico. No caso do efeito V2, subentende-se que a variante [+V2] teve maior aceitação em relação a variante [-V2], isso pode ser comprovado se assumirmos que os francos influenciaram nessa aquisição, já que ocupavam as posições mais nobres da sociedade e estavam associados à igreja católica, ou seja, a posição de prestígio.

É o problema da transição que vai abordar como uma mudança é propagada ao longo do tempo e suas gerações. Isso está diretamente relacionado à aquisição da linguagem, pois as crianças adquirem a língua a qual estão expostas, portanto a transmissão via aquisição seria a consolidação da mudança, onde as novas gerações irão adquirir esta mudança como língua vernácula.

Assim, considerando o contexto de multilinguismo em que se encontrava a Hispania, Pinto (2011) assume que havia um processo de competição de gramáticas [+V2] e [-V2]. Os povos passaram a adquirir o efeito [+V2] como segunda língua (L2), e o fenômeno passou a ser *input* durante a aquisição das novas gerações, por estarem expostas ao *input*.

Desta forma, como reforça Auer e Voeste (2012) a variação é causada por fatores externos e internos à língua. São esses fatores que determinam a escolha de determinada variante, as chamadas restrições à variabilidade.

Kroch (2001) defende que a mudança linguística ocorre por meio da competição de gramáticas, que disputam se substituindo durante as gerações. Weinreich, Labov e Herzog (1968) também afirmam que há uma disputa entre as variantes durante determinado momento, e que este momento é uma etapa para a mudança linguística. Portanto, pensar em mudança e variação, dentro do ponto de vista da sintaxe, compreende pensar em competição de gramáticas.

No caso do espanhol medieval, como já mencionado acima, temos uma gramática V2 (germânica) competindo com uma não-V2 românica, o que resultou em uma mudança linguística. Assim, podemos supor que a forma mais inovadora [+V2] aparece, inicialmente, com menor frequência em relação à forma tradicional [-V2]. A forma [+V2] vai se expandindo até que supere a forma tradicional [-V2], essa expansão depende de fatores sociais, pois a mudança é externamente motivada.

Romaine (1982) acerca de Weinreich, Labov e Herzog (1968) afirma que o modelo proposto pelos autores apresenta falhas, mas reforça que a mudança linguística ocorre com base na variação síncrona de uma comunidade de fala. A autora reforça que para investigar as mudanças linguísticas sociais é preciso

observar o idioleto, o individual. Para isso ela defende uma amostragem em dois níveis, sendo o primeiro individual e o segundo acerca do comportamento linguístico da amostragem individual. Reforça a importância de uma “investigação histórica” (o que foi realizado em nosso capítulo anterior) para compreender e recuperar as informações que foram perdidas durante a mudança linguística. Para isso, Romaine apresenta o princípio uniformitarista. Este princípio assume que as forças linguísticas que hoje operam não são diferentes das que operaram nas gerações anteriores (classe social, formalidade). Esse conceito é relevante em nossa pesquisa, pois podemos supor que os mesmos elementos que operam durante o processo de aquisição de L1 e L2 nos dias atuais são os que ocorreram no espanhol medieval, o que licencia as hipóteses levantadas neste trabalho.

Outro tema a ser levantado é a motivação interna/externa. Durante o processo de mudança linguística, a motivação ocorre por fatores internos ou externos? Respondendo a essa pergunta, seria muito mais interessante pensarmos que a mudança linguística é interna e externamente motivada, considerando que os fatores sociais e históricos influenciam externamente essa mudança, além dos fatores linguísticos que a podem motivar.

De acordo com o Hickey (2012), as mudanças que são internamente motivadas devem ser rastreáveis às propriedades do sistema, pois geralmente aparecem na primeira infância, quando as crianças estão estabelecendo seus sistemas linguísticos. Todavia o autor considera ser difícil discutir mudanças linguísticas motivadas internamente.

Tudo isso se resume ao problema da implantação de Weinreich, Labov e Herzog (1968): *por que uma mudança ocorre em determinado momento, o que desencadeou esta mudança?*

Hickey (2012) afirma que parece haver variações que são preferidas para serem estabelecidas como mudanças linguísticas, que se os fatores externos não são os responsáveis por essa preferência, portanto deve estar associada a fatores internos. Se apenas considerarmos os fatores internos, não é possível responder a essa questão, é necessário que um fator externo motive essa mudança. Assim, assumimos que a mudança é externamente motivada, mas

que só ocorre caso haja a predisposição interna para que ela possa ocorrer, o que nos leva a afirmar que a mudança é externa e internamente motivada.

### 3.1.1 O indivíduo e a mudança

É inegável que uma mudança gramatical ocorra é preciso uma mudança individual. O indivíduo é a primeira etapa para uma mudança em curso.

Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012) dividem os indivíduos em três grupos de acordo com sua participação nas mudanças: (i) progressivos, (ii) intermediários, (iii) inovadores. Afirma que a grande massa da população está localizada no grupo intermediário, e que poucos ocupam as posições de inovadores (que participam ativamente da mudança) e progressivos (levam mais tempo para realizar a mudança). Que durante o processo de mudança as pessoas costumam ter gramáticas variáveis.

Além disso, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006) as crianças e os adultos têm participações diferentes no processo de mudança linguística. As crianças (até os dezessete anos) apresentam mais facilidade para aceitar mudanças. Os adultos adquirirem a gramática quando crianças e são capazes de modificá-la as alternativas possíveis ao decorrer dos anos.

Considerando o que foi exposto por esses autores, reforçamos a hipótese de que a aquisição de L1 tenha sido o principal fator para a mudança [-V2] para [+V2], pois as crianças estão mais propensas a aceitarem essas mudanças, já que adquirem os traços que estão expostos no ambiente para selecionarem os parâmetros.

Conforme Roberge (2012), os falantes aproximam seu comportamento verbal de forma a se distanciar ou aproximar dos indivíduos com os quais interagem. Nesta ação eles exibem os efeitos identitários individuais e coletivos, refletindo em sua linguagem o que aprende no meio ao qual estão inseridos. Isso mostra como os fatores linguísticos e sócio-históricos estão entrelaçados e precisam ser estudados em conjunto, o que reforça, no caso desta dissertação, a necessidade de conhecermos os contatos sofridos pelos povos que habitavam a península ibérica entre os séculos XII e XV, a fim de

compreendermos os possíveis *inputs* que a criança possa ter recebido durante o processo de aquisição de sua língua materna.

### 3.2 Contato linguístico

O território hispânico sofreu diversos contatos entre povos, sejam por meio bélico, migrações e invasões. Esses contatos entre povos resultaram em contatos entre línguas, e foram peça determinante na mudança linguística. Todavia, essa mudança não ocorre de forma repentina, há etapas que ocorrem durante o processo, é acerca dessas etapas que abordaremos neste subcapítulo.

Koinés, Pidgins e Crioulos são fruto de situações de contato, resultados do processo de mudança linguística e a distinção entre eles, historicamente, não foi bem realizada devido às semelhanças entre os processos.

Tuten (2003) define o Pidgin dizendo surgir rapidamente em situação de “emergência”, sendo seu uso limitado. Já o crioulo, conforme o autor, se desenvolve quando não há interesse em adquirir a língua de nenhum dos integrantes da situação de contato, mas é necessário um meio de comunicação, o que diferencia o pidgin do crioulo é o fato de o crioulo ser adquirido como língua nativa, podendo ser o pidgin uma etapa na formação do crioulo. Já a Koiné ocorre em uma situação um pouco diferente, a Koiné ocorre como uma transmissão linguística de sistemas interligados, basta um precedente para que determinada característica possa ser adquirida. Na Koiné as línguas em contato se modificam ao mesmo tempo até que cheguem a um denominador comum: o Koiné.

No caso estudado nesta dissertação, as línguas em contato se modificaram até chegar ao que seria o espanhol. Considerando a história de contatos e o processo de formação de um Koiné e trabalhos como o de Pinto (2011 e 2021), chegamos à conclusão de que o processo de formação do espanhol se assemelha a um “koiné” que se torna um koiné expandido e depois um koiné nativizado, ao ser a L1 das novas gerações, etapa em que se estabiliza a nova língua.



### 3.3 O Problema lógico da aquisição:

Para discutirmos as evidências acerca do processo de aquisição do efeito V2 no espanhol medieval, faz-se necessário compreender os pressupostos da teoria gerativa, na qual o presente trabalho está fundamentado.

Chomsky (1986) afirma que apenas os seres humanos possuem dotação genética para aquisição da linguagem. Essa dotação (ou dispositivo) é conhecido como DAL – Dispositivo inato de aquisição de linguagem –, e tal mecanismo concretiza a **Faculdade da Linguagem (FL)**. Conforme Chomsky (1986), o estado inicial da FL é a própria Gramática Universal (GU)<sup>14</sup> e o seu estado final é a gramática do indivíduo adulto. A faculdade da linguagem realiza computações digitais de caráter altamente restrito, com princípios simples que interagem para produzir resultados complexos, por isso as nossas línguas são diferentes da linguagem das abelhas e dos macacos, por exemplo.

Chomsky (1981) apresenta três argumentos:

- a) apenas a espécie humana adquire a língua;
- b) a linguagem humana tem por base a propriedade da infinitude discreta;
- c) há uma “pobreza de estímulos” ambiental durante o processo de aquisição.

Com a Teoria de Princípios e Parâmetros, proposta por Chomsky (1981, 1986), o problema de aquisição da linguagem passou a ser compreendido como uma fixação paramétrica. Em sua teoria, Chomsky (1981) propõe que a faculdade da linguagem é composta de princípios universais e parâmetros. Os princípios são invariáveis, enquanto os parâmetros são variáveis e responsáveis pela variação entre as línguas. Os princípios são invioláveis, ou seja, todas as gramáticas devem satisfazer a esses princípios. Porém, os parâmetros são determinados conforme o *input* recebido por determinada língua.

Portanto, é a GU a responsável por explicar como os aprendizes conhecem propriedades da gramática que vão além do *input*, conhecimentos

---

<sup>14</sup> A GU é um sistema de princípios que especifica as propriedades de uma língua humana.

que muitas vezes não sabem explicar, mas estão presentes na mente do falante. Para responder ao questionamento de como esse conhecimento é adquirido, Chomsky (1981) propõe o argumento da Pobreza de Estimulo, afirmando que a criança recebe estímulos finitos durante o período crítico de aquisição da linguagem (geralmente até os quatro anos). No entanto, esses estímulos geram sentenças infinitas que serão produzidas ao longo da vida, o que está relacionado ao problema de Platão: *como é possível que um número finito de estímulos dê origem a um número infinito de sentenças?*

Chomsky (1981) propõe que a criança tenha uma espécie de “filtro” que transforma o *input* finito em um *output* infinito. Tal questionamento se resolve com a proposta inatista, já que a FL faz parte de nosso DNA e estamos predispostos a gerar sentenças gramaticais. Portanto, a FL possibilita a construção de uma competência linguística, fruto da relação entre Língua-E (língua externa) e o ambiente. A competência é a própria Língua-I (língua interna à mente).

Tudo isso se torna bastante visível na aquisição, pois é via dados recebidos no ambiente (*input*) obtidos pela experiência que a criança, durante período de aquisição, irá fixar determinado parâmetro.

Ao pensar a aquisição de ordem V2 (movimento do verbo flexionado para a segunda posição na oração), se faz necessário compreender que o parâmetro só será ativado se o aprendiz tiver dados disponíveis no ambiente – *input* – para a aquisição, ou seja, o *input* levará à fixação de determinado parâmetro. Assim, o aprendiz tem como papel fixar parâmetros conforme os dados obtidos pela sua comunidade de fala. Dessa forma, será necessário recuperar os dados por meio dos fatos históricos e registros materiais que permaneceram com o passar do tempo. Para isso, nos embasaremos, juntamente com a teoria gerativa, na sociolinguística-histórica. Essa área de estudo se dedica a mostrar a mudança linguística com base nos contatos sociais entre falantes, o que resultaria em uma mudança social e, conseqüentemente, uma mudança no *input* de uma nova geração, ocasionando assim a mudança linguística.

### 3.4 Aquisição de segunda língua (L2)

Como vimos acima, o contexto multilíngue em que se encontrava a península ibérica medieval favorecia a criação de uma Koiné. Portanto, a primeira etapa para levantarmos a hipótese da aquisição do efeito V2 no espanhol medieval se dá com a aquisição de L2, tendo em vista que há o contato entre as línguas e a necessidade de se comunicar.

Ao investigar a aquisição de L2 temos que considerar que este processo não ocorre da mesma maneira como a aquisição de L1.

A pesquisa em aquisição de segunda língua (ASL) surge buscando investigar se a representação mental da interlíngua é restringida pela GU<sup>15</sup>. Na aquisição de L2, como afirma White (1985), o papel do aprendiz é reconfigurar os valores paramétricos da L1 para a L2. Em contrapartida, Tsimpli e Roussou (1991) afirmam que os parâmetros não estariam disponíveis na aquisição de L2, apenas na aquisição de L1.

Ruas (2018) apresenta um panorama acerca da aquisição de segunda língua e sintetiza os problemas acerca da aquisição:

“a GU está disponível?; a GU está presente nos estágios iniciais da aquisição de uma segunda língua?; e a GU opera apenas nos estágio subsequentes?” Como desdobramento das questões anteriores: há transferência dos valores paramétricos da L1?; e em quais estágios ocorre a transferência? Quanto à natureza dos estágios inicial e final: o estágio inicial corresponde à GU ou à gramática da L1?; e no estágio final, há convergência com a gramática da língua alvo?” (RUAS, 2018, p.163).

Os estudos em aquisição de segunda língua afirmam que durante a aquisição de L2 há a construção de um sistema linguístico intermediário: a interlíngua, conceito desenvolvido por Selinker (1972). Selinker (1972) postula que aprendizes de L2 constroem sistemas linguísticos intermediários entre sua L1 e sua L2 durante o processo de aprendizagem. Para o autor, a interlíngua é “[...] um sistema linguístico separado com base no resultado observável que

---

<sup>15</sup> Para uma explanação mais detalhadas ver Ruas (2017 e 2018).

resulta da tentativa de um aluno de produzir uma norma. Esse sistema linguístico que chamaremos de interlíngua (IL).” (SELINKER, 1972, p.214).

Determinar onde se inicia e finaliza o processo de aquisição não é uma tarefa fácil, Sauter (2002) propôs cinco perspectivas para o estágio inicial da aquisição de L2, são elas: (i) nenhuma transferência/ nenhum acesso: nesta perspectiva a L2 é adquirida por meio de outras capacidades cognitivas, que não a GU; (ii) nenhuma transferência / acesso total: L1 e L2 são adquiridas similarmente; (iii) transferência parcial/nenhum acesso: o estágio inicial da L2 apresenta propriedades da L1; (iv) transferência parcial/acesso total: há transferência parcial da L, mas a GU está disponível e é restringível; (v) transferência total/acesso total: há transferência nos estados iniciais, mas a GU é acessada durante todo o processo; (vi) transferência total/nenhum acesso: não há acesso à GU nem na L1, tampouco na L2, assim, só o que está na L1 pode funcionar a aquisição da L2. Dentre as seis, para este trabalho, optaremos por considerar a Transferência total/ acesso total, a qual defende que o aprendiz transfere a L1 nos estados iniciais e durante todo o processo a GU é acessada. Esta opção foi escolhida por observar diversos trabalhos, como o de White (1995), Macwhinney (2005) e Schwartz and Sprouse (1996), em que comprovam que os aprendizes de L2 transferem características de sua L1 para L2 durante o período inicial e que a GU sempre está acessível aos aprendizes.

Gargallo (1999) afirma que a interlíngua pode ser compreendida como um sistema que possui traços da língua materna e outros propriamente idiossincráticos, cuja complexidade vai se incrementando em um processo criativo que atravessa sucessivas etapas marcadas pelos novos elementos que o falante interioriza. É na interlíngua que o aprendiz vai expressar os significados de sua língua estrangeira, o que nos dá indícios para afirmar que ela está presente desde o princípio do processo de aprendizagem.

Para Gass & Selinker (1992) apud Ortiz Alvarez (2002) a IL é um processo de testagem de hipóteses. Nele é possível criar um *corpus* de conhecimentos extraídos dos dados da L2 que avaliam sendo utilizados para o conhecimento da L1 ou de outras línguas conhecidas pelos aprendizes. Portanto, é neste local

que se permite ao aprendiz realizar avanços, regressões e estagnações com a língua. Por isso, a interlíngua é o degrau para a fossilização<sup>16</sup> e transferência.

Siegel (2012) descreve dois tipos de transferência em situações de contato linguístico:

a) Tipo 1: com o contato entre as línguas, cria-se uma gramática nova na língua receptora. Essa gramática seria o resultado da utilização do morfema lexical da língua receptora + propriedades semântico/sintáticas da língua de origem.

b) Tipo 2: resultado de uma transferência que resulta em um morfema já existente na língua receptora.

No caso do efeito V2, podemos levantar a hipótese de que ocorreu uma transferência tipo 1, em que o contato entre as gramáticas [+V2] e [-V2] tenha criado uma nova gramática.

Siegel (2012) defende que existem restrições que se aplicam acerca da diferença estrutural entre as línguas que estão em contato. Assim, argumenta que para que uma estrutura possa ser transferida, é necessário que haja um local para “recebê-la” na língua alvo. Mais precisamente sobre a transferência<sup>17</sup> durante a aquisição de segunda língua, argumenta que há influências das propriedades da L1 na L2. Na aquisição bilíngue, afirma que a criança realiza a transferência da língua a qual é mais proficiente para a menos proficiente. Assim, a hipótese que levantamos aqui é a de que quando os aprendizes de

---

<sup>16</sup> Fenômenos linguísticos fossilizáveis são itens, regras e subsistemas linguísticos que os falantes de uma determinada língua nativa tenderão a manter em sua IL em relação a uma TL específica, independentemente da idade do aluno ou da quantidade de explicação e instrução que receber na IL. (SELINKER, 1972, p.215, tradução nossa). Ou seja, diz respeito ao fato de um falante alcançar a língua-alvo com estabilidade, porém, determinada forma pode não corresponder à norma encontrada nesta língua-alvo. Refere-se à um “desvio” ou “falha” que aparece persistente no desempenho desse falante. Weinreich (1953), considera a fossilização como a permanência de um processo de transferência, todavia há uma grande dificuldade em determinar se uma forma está fossilizada, ou não, tendo em vista que estudos para essa comprovação demandam um longo período de investigação. Selinker (1972) nos diz que para ser considerado fossilização é necessário que o fenômeno ocorra no mínimo entre dois a cinco anos em um contexto no qual ocorra interação com nativos e em ambiente onde a língua é falada como primeiro idioma, ou seja, um contexto ideal seria o de imersão. No entanto, tamanhas restrições dificultam a determinação de processos como esses.

<sup>17</sup> Vale salientar que há estudos que questionam se a transferência da L1 desempenha um papel significativo na aquisição de segunda língua, como por exemplo a hipótese de acesso total/transferência total, a qual determina que o estado inicial da L2 compreende a totalidade da gramática da L1 e a GU, restringindo a interlíngua.

L2 fornecem o *input* para aquisição de língua materna, esse *input* introduzirá mudanças resultantes do contato entre línguas, ou seja: os aprendizes de L2 ao adquirirem o efeito [+V2] irão fornecer *input* para as novas gerações, que irão adquirir [+V2] como língua materna<sup>18</sup>.

Outro fenômeno recorrente no processo de aquisição de segunda língua é a opcionalidade. Esta ocorre quando o falante alcança o estágio final da língua, porém, em determinados momentos de execução, pode escolher entre mais de uma opção.

Sorace (2003) afirma que os aprendizes atravessam estágios caracterizados pela opcionalidade<sup>19</sup> e difere a opcionalidade da L1 da opcionalidade da L2 em, pelo menos, três aspectos: (i) os aprendizes de L2 possuem a L1 como fonte inicial de opcionalidade; (ii) a opcionalidade na L2 tende a persistir mesmo em níveis avançados de competência; (iii) opcionalidade residual pode ser encontrada na realização final da L2.

[...] opcionalidade nunca desaparece porque não se trata de um fenômeno em desenvolvimento, mas ao invés disso, uma consequência de uma propriedade paramétrica da gramática da interlíngua. (SORACE, 2003, p.142)

Ruas (2018) também apresenta trabalhos que buscam investigar se traços funcionais poderiam ser adquiridos. Entre os trabalhos apresentados por Ruas (2018) está o de Robertson e Sorace (1999) que trata do V2. Nesse trabalho foi observada a aquisição da ordem oracional do inglês por falantes de alemão, como resultado observou-se desvios sobre a posição do verbo.

O alemão apresenta traços C [+forte], enquanto o inglês apresentava traços C [+fraco], durante o processo de aquisição de L2 o aprendiz compreende que há duas entradas [+fraco] e [+forte] para o traço C. Quando

---

<sup>18</sup> Desta forma, supõe-se que o inverso tenha acontecido na perda do efeito V2, tendo em vista que [+V2] tenha sido deixado de ser transferido às próximas gerações.

<sup>19</sup> O fato de coexistirem valores paramétricos também reforça a opcionalidade. Durante o processo de aquisição da L1 é natural que a criança passe por uma etapa na qual é permitida a coexistência de formas que posteriormente serão excluídas ao alcançar a idade adulta. "[...] no tempo certo, as crianças abandonam a opcionalidade e mantém a opção permitida pela gramática alvo, a não ser que a opcionalidade seja uma característica da gramática alvo; nesse caso, as crianças adquiririam as duas opções e o mesmo padrão de distribuição." (Sorace, 2003, p.139)

C é [+forte] ocorre o movimento do verbo, o que resulta em V2. Quando C é [+fraco] não ocorre o movimento do verbo o que não gera V2. Assim, observa-se que há uma opcionalidade.

Além disso, Ruas (2018) também apresenta trabalhos a fim de problematizar a ideia de reconfiguração paramétrica, por se tratar de uma mudança "tudo ou nada", ou reconfigura ou não reconfigura. Para isso, apresenta o trabalho de Lardiere (2018) em que afirma a remontagem de traços ser a principal dificuldade do aprendiz.

Como desdobramento do problema de aquisição, Ruas levanta algumas questões: (i) como explicar a opcionalidade? Se o parâmetro foi reconfigurado, não deveria haver opcionalidade; (ii) como explicar a assimetria entre produção e compreensão? Se o parâmetro foi reconfigurado, não deveria haver assimetria.

Para dar conta desses questionamentos, apresentamos Amaral e Roeper (2014) que defendem que o aprendiz acomoda as regras contraditórias em sub-gramáticas, o modelo das Gramáticas Múltiplas. Esta teoria afirma que a opcionalidade é uma característica da constituição de quaisquer gramáticas e é dividida em duas: (i) opcionalidade gramatical- assume status de regra; (ii) opcionalidade observável - produzida por um único falante. Exemplificam o caso do V2:

Argumentamos que existe uma regra V2 (2) que está disponível a partir da GU, mas que pode parecer ligeiramente diferente em várias línguas através de sua interação com restrições lexicais no domínio de CP (Discurso e movimento para IP são diferentes). Esta regra tem o XP no Spec-CP e movimento de V para C. Duas partes da regra exibem variação aparente entre gramáticas: o possível conteúdo do XP e as categorias léxicas que poderiam estar presentes em V.

(2) Regra V2:  $XP Z V \Rightarrow XP V Z$  (onde Z é qualquer sequência interveniência dentro de uma cláusula). (AMARAL e ROEPER, 2014, p.4)

Conforme apresentam os autores, a aquisição ocorre por meio da aquisição de um XP qualquer, que no caso do alemão se generaliza e substitui todas as classes, enquanto no inglês, por escutar apenas em contextos restritos, mantém o efeito V2 apenas nesses casos. Assim, para eles, durante aquisição de V2 a criança adquire o movimento do verbo cedo, mas a

generalização de XP ocorre posteriormente. O aprendiz de L2, conforme os autores, está mais sucessível a cometer erros de transferência.

Como podemos ver, a aquisição de segunda língua é processual. Geralmente não ocorre de maneira “perfeita” nos adultos, mesmo com um grande número de *input* e interação com nativos.

Tuten (2003) afirma que em uma comunidade Koineizante, em que há uma grande variedade e não se sabe qual o alvo a ser atingido, os aprendizes produzem mais erros e transferências, o que torna a correção mais difícil. Assim, essas formas podem se transformar em *input* para novos aprendizes, fazendo com que o erro se torne parte da gramática, uma transmissão linguística irregular.

Desta forma, Tuten (2003) apresenta o modelo Interlinguístico, em que essas formas, fruto da interlíngua, têm mais chance de sobreviver na Koiné. Acredita que o adulto, aprendiz de segunda língua, tende a simplificar formas mais complexas. Essa simplificação é fruto de uma aprendizagem imperfeita.

Nesse cenário de contatos linguísticos vivenciados no território espanhol medieval, pressupõe-se que, durante o processo de aquisição de L2, as gramáticas [+V2] e [-V2] compitam entre si.

Assim como Tuten (2003), Yang (2002) também apresentou um modelo de aquisição. Em seu modelo, à medida que evolui a aquisição da linguagem, as gramáticas que apresentam mais sucesso com os dados “serão representadas de forma mais proeminente no espaço de hipóteses do aprendiz” (YANG, 2002, p.32, tradução nossa). Abaixo veremos como funciona o modelo:

Um exemplo ilustra como o modelo funciona. Imagine que o aluno tem duas gramáticas: **G1**, a gramática-alvo usada no ambiente, e **G2**, a concorrente, com pesos associados de **p1** e **p2** respectivamente. Suponha que inicialmente as duas gramáticas sejam indiferenciadas, ou seja, com pesos comparáveis. O aprendiz terá então probabilidades comparáveis de selecionar as gramáticas tanto para a análise de entrada quanto para a produção de frases, seguindo a hipótese nula de que existe um único sistema gramatical responsável pela compreensão / aprendizagem e produção. (YANG, 2002, p.32, tradução nossa).



Durante a aquisição, G2 (incompatível com alguma parte dos dados de *input*) terá seu peso diminuído até ser eliminado e G1 se tornar a única gramática. O aprendiz realiza a eleição entre as gramáticas de maneira inconsciente, ele seleciona os dados conforme seu peso e probabilidade, mesmo que esses dados não sejam o esperado pela língua alvo. Essa seleção de dados está relacionada às “falhas de transmissões” durante o período de aquisição, por meio de uma assimetria entre a gramática alvo e a adquirida. Outrossim, está involucrado ao processo de fixação paramétrica, já que a falha gera uma nova análise na fixação de um parâmetro da gramática alvo, o que faz com que ela entre em conflito com a gramática adquirida.

Assim, quando surge uma falha de transmissão, os falantes nativos, em período de aquisição, terão novas evidências disponíveis e substituirão por novos usos da língua, isso faz com que, dentro de uma comunidade, existam gramáticas divergentes que competem entre si até que ocorra uma mudança na língua.

Mudança linguística é, por definição, uma falha na transmissão ao longo do tempo de características linguísticas. Tais falhas, em princípio, podem ocorrer dentro de grupos de falantes nativos adultos da língua, que por algum motivo substitui um recurso por outro em seu uso, como acontece quando novas palavras são criadas e substituídas para os mais velhos; mas no caso de recursos sintáticos e gramaticais, tal inovação por monolíngues adultos não é atestada. (KROCH, 2001, p.2, tradução nossa).

Essa competição entre gramáticas é gradual. O aprendiz se vê exposto a um ambiente com possibilidades e não consegue eleger um parâmetro, à medida que o parâmetro correto é eleito, o incorreto vai sendo substituído até que saia da gramática.

Isso nos diz muito acerca do processo de competição de gramáticas [+V2] no espanhol medieval, considerando que quanto mais exposto o aprendiz estiver a um dado linguístico a probabilidade de aquisição é maior. Portanto, o contato com povos francos aumenta a probabilidade de eleição do [+V2].

### 3.4 Por fim

Neste capítulo, compreendemos como os contatos linguísticos podem ter influenciado na aquisição do efeito V2 na L2 dos aprendizes no espanhol medieval.

Considerando que os falantes estavam expostos às gramáticas [+V2] e [-V2], mediante contato linguístico, acredita-se que adquiriram o [+V2] por meio de uma falha de transmissão na aquisição, o que os levou a adquirir novas características que não são parte de sua gramática.

O próximo passo para a mudança linguística é a aquisição de língua materna, tendo em vista que os aprendizes que adquiriram essa gramática conflituosa, por meio da aquisição de L2 via contatos linguísticos, transmitam às novas gerações a variante eleita, consolidando a mudança.

Assim, reiteramos a hipótese de que havia um processo de competição de gramáticas [+V2] e [-V2], e que os povos passaram a adquirir o efeito [+V2] como segunda língua (L2), o fenômeno passou a ser *input* durante a aquisição das novas gerações (já que elas estavam expostas a uma gramática [+V2]). No próximo capítulo veremos como as crianças podem ter lidado com os dados que receberam no processo de aquisição de língua materna.

## Capítulo IV – Aquisição de V2

---

### 4.1 Aquisição de primeira língua (L1)

Muito se discute sobre as diferenças entre a aquisição de L1 e a aquisição de L2, se essas diferenças são biológicas, se é o acesso/falta de acesso à GU durante a aquisição de L2 ou se são outros fatores.

Biologicamente, a criança está mais propensa a realizar “erros” de desempenho linguístico, pois seu corpo/mente ainda está em desenvolvimento. Ou seja, o desenvolvimento cognitivo infantil difere do adulto. Acerca dessa diferença, Yang (2002) postula dois argumentos: (i) crianças e adultos diferem no desempenho linguístico; (ii) crianças e adultos diferem em competência gramatical. Desta maneira, ele afirma que:

pode ser que algum princípio linguístico opere de maneira diferente em crianças e adultos, ou um pedaço de conhecimento gramatical está ausente em crianças mais novas, mas se torna disponível como uma questão de maturação biológica (YANG, 2000, p. 18).

A aquisição ocorre via parâmetros e a criança acessa (espontaneamente) e seleciona a opção de sua língua com base no *input* recebido, mas limitada às opções possíveis das línguas humanas.

Durante o processo de aquisição de língua materna, a criança é exposta a dados que se tornam língua-L. As crianças inferem dados do contexto/ambiente ao qual estão inseridos, ou seja, da língua-E, e assim, em meio aos dados ao qual estão expostas, fixam parâmetros.

Desta forma, pode-se deduzir do processo de aquisição de V2 no espanhol medieval, que havia um processo de aquisição de L2, mediante o contato entre os povos. Por isso, as crianças estavam expostas a um contexto multilíngue na península ibérica, em que ocorria uma competição de gramáticas.

Kroch (2001) defende que a mudança linguística ocorre por meio dessa competição de gramáticas, que se substituem durante as gerações:

Mudança linguística é, por definição, uma falha na transmissão ao longo do tempo de características linguísticas. Tais falhas, em princípio, podem ocorrer dentro de grupos de falantes nativos adultos da língua, que por algum motivo substitui um recurso por outro em seu uso, como acontece quando novas palavras são criadas e substituídas para os mais velhos; mas no caso de recursos sintáticos e gramaticais, tal inovação por monolíngues adultos não é atestada.” (KROCH, 2001, p.2, tradução nossa).

Assim, pode-se afirmar que a mudança linguística está diretamente relacionada à aquisição, pois as “falhas” são transmitidas durante o período de aquisição da linguagem para crianças, por meio de uma assimetria entre a gramática alvo e a adquirida pela criança. Outrossim, está involucrado ao processo de fixação paramétrica, já que a falha gera uma nova análise na fixação de um parâmetro da gramática alvo, o que faz com que ela entre em conflito com a gramática adquirida.

Podemos associar a afirmação de Kroch (2001) com Pinto (2011, 2021) ao defender que os povos germânicos por serem os povos de prestígio influenciaram os romanos a adquirirem sua variante, porém essa aquisição ocorre de maneira errônea:

Los romanos no tenían una gramática V2 y los germanos sí. Cuando entran en contacto, los germanos pasan a hablar latín, pero, como en todos los casos de adquisición de L2 sin contexto formal de aprendizaje, hablan un latín lexicalizado con una gramática germánica (es más fácil aprender el léxico que propiedades abstractas de la sintaxis).

Como los germanos tenían prestigio social, es posible que los romanos los hayan seguido en su forma de hablar (la acomodación es uno de los procesos de los contactos entre lenguas). Como los contextos de dislocación en la lengua germánica no eran tan claros para los romanos, generalizaron la regla, poniendo un constituyente a la izquierda independientemente de su función informativa. El español nace en medio de esa mezcla gramatical originada en el latín, y que pudo haberse reforzado en la Fase Toledo con la llegada de los francos. Esa gramática V2 convivió con la gramática no V2 hasta fines del siglo XV, cuando la gramática no V2 se convierte en la única opción.

(PINTO, 2021, p.19)

Desta maneira, podemos ver que a aquisição e a mudança linguística andam lado a lado. Quando surge uma falha de transmissão, os falantes nativos, em período de aquisição, terão novas evidências disponíveis (*input*) e substituirão novos usos da língua. Isso faz com que, dentro de uma comunidade, existam gramáticas divergentes que competem entre si até que ocorra uma mudança.

Yang (2000, 2002) apresenta um modelo para aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil: o modelo variacional. Este modelo é uma tentativa de mensurar quantitativamente dados linguísticos e o desenvolvimento gramatical via parâmetros. Teve seus pressupostos inspirados na Seleção Natural, e nele é possível coexistir valores paramétricos refutando a ideia de que a linguagem infantil teria apenas uma gramática. Nesta teoria "o modelo variacionista assume que as gramáticas, no espaço de hipóteses das crianças, estão associadas a probabilidades ou pesos" (YANG, 2018, p. 3), assim não ocorreria a mudança de uma gramática para outra, mas ocorreria uma mudança na "distribuição probabilística da gramática como resposta aos dados do *input*".

Para fins de ilustração, considere um aluno que tem acesso à duas gramáticas, o alvo A e uma concorrente B, que estão associadas às probabilidades  $p$  e  $q$ . Ao encontrar um item de input, o aluno seleciona uma gramática com sua probabilidade associada. Suponha que A é escolhido:

(1) a. Se A pode analisar  $s$  então  $p' = p + yq$  e  $q' = (1-y)q$

b. Se A não pode analisar  $s$  então  $p' = (1-y)p$  e  $q' = q + yp$

A gramática escolhida tem sua probabilidade aumentada se for bem-sucedida e diminuída se não: em um jogo de soma zero, o ajuste de probabilidade de seu concorrente é exatamente o oposto. (YANG, 2018, p. 3-4, tradução nossa).

Tomando como base o modelo variacionista, em que coexistem os valores paramétricos, reforçamos a hipótese de que a criança que foi exposta ao contexto em que a comunidade estava adquirindo o efeito V2 como L2, terá como *input* uma gramática [+V2], portanto há maior probabilidade de adquirir uma gramática [+V2] que [-V2].

## 4.2 Aquisição de V2

A aquisição de L1 infantil ocorre por meio dos parâmetros. O sistema paramétrico é visto como interativo, é possível alterar o valor do parâmetro para gerar uma outra gramática. Nesta pesquisa, analisar os fatores que influenciaram nesta reconfiguração paramétrica se torna uma tarefa mais difícil ainda. Com a ausência do falante é necessário realizar essa recuperação dos dados por meio de registros escritos.

Precisamente sobre a aquisição de V2 (seja em L1 ou L2), retomamos uma das questões levantadas no início deste trabalho: *(i) o que configura a aquisição de uma gramática [+V2] no espanhol medieval? (ii) qual seria o gatilho para a criança adquirir essa gramática?*

Para isso, veremos alguns trabalhos já realizados acerca da aquisição de V2, para que possamos levantar questões acerca da aquisição do V2 no espanhol medieval.

Assim como acreditamos que o efeito V2 no espanhol medieval ocorreu mediante processo de competição de gramáticas, Lightfoot (1997) explica a perda do efeito V2 no inglês mostrando que entre as gramáticas – V2 e não-V2 – que competiam no inglês medieval, uma delas foi perdida enquanto outra foi eleita: a não-V2. Para este autor essa mudança ocorreu de maneira brusca por meio do contato entre povos que vivam no Norte e Sul.

Os povos no Norte produziam frases XP-V com frequência, enquanto os povos do Sul não produziam com frequência e utilizavam os pronomes como clíticos, o que dificultava a ocupação da posição Spec-CP, algo que não é condizente com gramáticas V2. Ademais, o deslocamento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> estava se tornando escasso no inglês medieval. Se o verbo não se deslocasse para I<sup>o</sup>, os verbos finitos não poderiam ser deslocados para C<sup>o</sup>, o que impossibilita a formação do efeito V2.

Kroch (2002), ainda sobre a perda do V2 no inglês medieval, concorda com Lightfoot (1997) e afirma que no Sul as orações com sujeito pronominal tinham ordem XP-pro-V e esse comportamento não era encontrado no Norte,

onde a língua se aproximava das línguas germânicas com a inversão de sujeitos pronominais e nominais.

Kroch acredita que a competição entre gramáticas V2 e não-V2 ocorria no Sul. Ao entrar em contato com o Norte (que produzia V2 superficial) adquiriam uma gramática V2 com movimento de V-para-COMP e V-para-INFL, mas o autor não informa ao certo por qual motivo a opção não-V2 foi eleita.

Assim, ambos os autores defendem que as crianças são capazes de adquirir frases V2 que começam com XP arbitrário. Se o Spec-IP estiver relacionado ao sujeito, o XP deve estar em uma posição mais alta, como Spec-CP, o que leva a criança a adquirir o V2 com XP arbitrário. Como a posição do Spec-CP passou a estar ocupada, já que as línguas do Sul a preenchiam com o clítico, o efeito V2 não pôde ser adquirido pelas crianças.

Moura e Martins (2004) realizaram uma pesquisa buscando determinar qual constituinte ocupava a posição pré-verbal em orações principais finitas no português do século XIX e XX.

Tabela 7- Constituinte em posição pré-verbal no português do século XIX e XX

	<b>[XP]V</b>	<b>[XP][XP]V</b>	<b>Total</b>
<b>Nulo</b>	<b>500 (86%)</b>	80 (14%)	<b>580 (34%)</b>
<b>Preenchido</b>	730 (66%)	<b>380 (34%)</b>	<b>1110 (66%)</b>
<b>Total</b>	<b>1230 (73%)</b>	<b>460 (27%)</b>	<b>1690</b>

Fonte: Moura e Martins (2014)

Como resultado obtiveram 73% de construções [XP] V e 27% [XP][XP]V, o que mostra que as orações V2 se sobressaíram em relação a não-V2. Nas construções [XP][XP]V e o sujeito nulo prevalece em relação ao preenchido:

Tabela 8- Ordem SV/VS no português do século XIX e XX

	SV	VS	Total
Séc. 19	231 (85%)	41 (15%)	272
Séc. 20 - 1ª metade	399 (92%)	35 (8%)	434
Séc. 20 - 2ª metade	380 (94%)	24 (6%)	404
<b>Total</b>	<b>1010</b>	<b>100</b>	<b>1110</b>

Fonte: Moura e Martins (2014)

Como resultado, ao analisar o posicionamento do verbo junto à ordem do sujeito, pode-se observar que a ordem linear V2 sofreu uma grande redução com a passagem para o século XX. Esse resultado concorda com o trabalho de Torres Morais (1995), em que afirma que o V2 no português europeu foi perdido a partir do século XVIII.

Unsworth (2016) realiza uma pesquisa com crianças falantes de inglês como língua materna, aprendizes de holandês como L2. Essas crianças residiam nos países baixos e tinham contato com holandês nas creches ou escolas.

As crianças foram divididas em dois grupos: o primeiro em que tiveram o contato com o holandês entre 1 e 3 anos, e o segundo em que o contato ocorreu entre os 4 e 7 anos.

O tempo de exposição à língua holandesa se deu subtraindo a idade de início da aquisição das crianças da sua idade no momento do teste. As crianças tiveram mais exposição ao inglês do que holandês.

No grupo AO < 4, três crianças frequentaram creches em holandês, 24 frequentaram escolas onde o holandês era a principal ou única língua de instrução, e as restantes, 17 crianças deste grupo, frequentaram escolas onde o inglês era a principal ou única língua de instrução. No grupo AO ≥ 4, 13 crianças frequentaram escolas em que o neerlandês era a principal ou única língua de instrução e as restantes frequentaram (predominantemente) escolas de língua inglesa com aulas separadas de língua em neerlandês. (UNSWORTH, 2016, p.616, tradução nossa)

Foram realizadas duas tarefas de produção para analisar a morfologia e a colocação dos verbos.



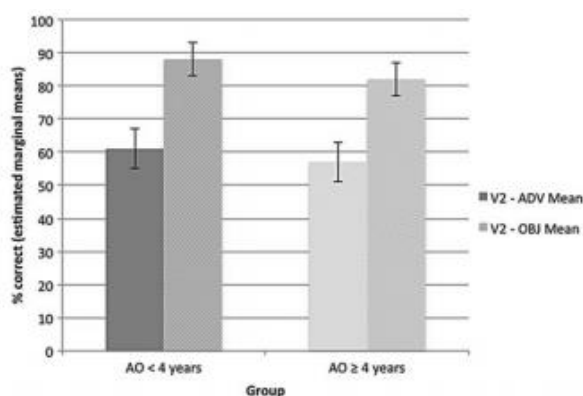
Na primeira tarefa, as crianças foram apresentadas a quadros com pessoas realizando a mesma atividade, mas com objetos diferentes, elas deveriam contar o que estava acontecendo. Foram coletadas três ordens de palavras diferentes: orações principais com sujeito inicial, orações principais sem sujeito inicial e orações subordinadas. Para análise V2 foram consideradas apenas as respostas com orações principais não-subjetivas.

Na segunda tarefa, o V2 foi analisado em orações com objeto tópico ocupando a posição inicial. Nesta tarefa, foram apresentados às crianças objetos em cartões e fantoches que dialogavam com as crianças fazendo perguntas como “o que é isso?” e “O que se pode fazer com X?”, não houve restrições acerca do verbo elegido pelas crianças na resposta.

Como resultado, pôde-se perceber que não havia muitas diferenças significativas entre os dois grupos, independente do constituinte que ocupasse a posição inicial.

Observou-se que as crianças com mais de 4 anos já não produziam erros, além disso, as crianças produziram erros semelhantes, colocando formas finitas/ não finitas na posição V3. Assim, comprovou-se 43% da variância para a colocação do verbo com um advérbio na posição inicial e 16% da variância para a colocação do verbo com um objeto na posição inicial.

Gráfico 1- Deslocamento do verbo com advérbios ou topicalizados com objeto em posição inicial



Fonte: Unsworth (2016)

O autor acredita que o uso da ordem V3 é causado por uma transferência do inglês para o holandês. Outro fator que poderia causar o uso dessa ordem seria uma proficiência limitada ou pouca exposição ao holandês.

Conforme o autor, o uso de V2 foi mais frequente nos dados em que estava precedido por um objeto em posição inicial do que quando o verbo finito estava precedido por advérbio. Essa informação nos remete ao questionamento acerca do que configura a aquisição em relação ao constituinte que ocupa a primeira posição. Neste trabalho pode-se observar que a aquisição do V2 se dá por XP específico na posição inicial.

Assim, pode-se concluir que a quantidade de dados aos quais a crianças está em contato durante o período da aquisição é um dos fatores mais importantes para a aquisição do V2 nas crianças falantes de inglês aprendizes de holandês. Além disso, a transferência linguística foi um fator atuante nas respostas dos aprendizes, utilizando estruturas V3 em posições que deveriam ser ocupas pela V2.

Por fim, o tempo de exposição também foi um valor relevante, enquanto que a diferença de idade entre os grupos não resultou em diferenças significativas. Novamente retomo a questão do XP específico e levanto o questionamento acerca do trabalho do autor: seria possível que a confusão entre estruturas V3 e V2 tenha ocorrido devido ao constituinte que precedia o verbo? Se essa hipótese for verdadeira, podemos afirmar que as crianças não adquirem o V2 facilmente com qualquer constituinte encabeçando a oração.

Czinger (2017) apresenta dados sobre a aquisição tardia de alemão como L2. Argumenta que no início da aquisição de L1 e L2 há uma correlação entre a marcação morfológica da finitude e a ordem de palavras. "os verbos não finitos permanecem em VP, enquanto que os verbos finitos sobem de VP." Afirma que a inversão de sujeito/verbo é o ponto chave para a aquisição de V2 em alemão.

Acerca dos aprendizes tardios, afirma que adquirem a inversão primeiro em perguntas, depois com objetos tópicos e por último com advérbio.

Como corpus de sua pesquisa, utilizou o DaZ-AF, corpus que documentou o discurso de duas meias-irmãs russas durante seus 18 meses na

Alemanha. Uma com 8 anos e 7 meses, a outra com 14 anos e 2 meses. Nenhuma delas falava alemão, mas a mais velha falava inglês. As duas irmãs foram matriculadas no sistema escolar correspondente às suas idades e continuaram a falar russo com seus familiares. Elas eram gravadas semanalmente durante sessões em que interagiam com um falante nativo de alemão.

Foram analisadas 21 gravações durante todo o período de observação, algumas foram descartadas conforme a metodologia de seleção descrita pelo autor.

Como resultado, observa-se que a criança mais nova adquire o V2 após nove meses de exposição, enquanto a mais velha só atinge a mesma porcentagem após 16 meses, depois apresenta uma queda. Além disso, a aquisição parece ser impulsionada pelo uso de verbos funcionais.

Lohndal, Westergaard e Vangsnes (2020) analisam a aquisição do efeito V2 no norueguês<sup>20</sup>. Para esses autores, deve-se enxergar o fenômeno como uma série de regras em domínios locais que podem variar conforme orações, dialetos e contextos linguísticos.

Afirmam que o dialeto norueguês permite o V2 em orações com sujeito e em interrogativas-QU (ambas com deslocamento de V<sup>o</sup>-para-C<sup>o</sup>), mas defendem que o verbo não se move para a periferia esquerda por economia.

(15) Hva **leste** Paul på mandag?

o que leu Paul na segunda-feira?

(16) Hvem **spiste** Kake?

quem comeu o bolo?

(Lohndal, Westergaard e Vangsnes, 2020, p.8)

Acerca do período de aquisição, os autores defendem que as crianças adquirem o efeito V2 muito cedo, produzindo três estruturas diferentes:

---

<sup>20</sup> O norueguês é uma língua V2 assimétrica, portanto, em relação às orações subordinadas, comporta-se como tal. Ou seja, a oração principal exibe a ordem V2, enquanto as subordinadas não apresentam essa ordem.

- (a) verbo não finito + sujeito opcional (apenas na gramática infantil)
- (b) entonação + verbo finito + estrutura declarativa
- (c) perguntas sim/não (ordem inversa)

Outro ponto sobre este trabalho é o fato de mencionar que o norueguês pode também apresentar ordem não-V2:

(17) a. Kanskje bilen **leveres** i dag.

Talvez o carro entregar [PASS] hoje

b. Kanskje **leveres** bilen i dag

Talvez entregar [PASS] o carro hoje

(Lohndal, Westergaard e Vangsnes ,2020, p.8)

As frases acima, mostram que as crianças são capazes de entender que o V2 não se realiza com o advérbio *Kanskje* 'talvez', realizando um comportamento semelhante aos adultos (língua alvo). 95,1% dos adultos e 96,4% das crianças produziram ordem não-V2 neste contexto, o que prova que as crianças estão sensíveis a essas distinções desde o princípio da aquisição.

No caso de orações interrogativas-QU, o norueguês também pode apresentar ordem V2 ou não-V2. Em contexto de foco a ordem preferível é a V2. As crianças, expostas ao *input*, são capazes de diferenciar os tipos de interrogativas-QU, o mesmo ocorre em não-sujeitos:

(18) a. Kor **er** Ann sin dukke hen?

Onde está Ann [poss] boneca [loc]

b. ka du **gjør**?

O que você fez [pres]?

(Lohndal, Westergaard e Vangsnes ,2020, p.13)

De acordo com os autores, as crianças possuem 66,3% de sentenças V2 e 33,7% de não-V2 em contextos de foco, como apresentado acima. Quando a informação é conhecida a ordem escolhida é a não-V2. Isso prova que a criança é completamente capaz de adquirir a ordem V2 a depender do *input*

ao qual esteja exposta, podendo adquirir sistemas V2 e não-V2 em suas gramáticas, reforçando a hipótese da aquisição precoce.

Westergaard (2003) estuda a aquisição de S-V-O como L2 por crianças norueguesas, língua [+V2] e observa a transferência de L1 (inglês) para a L2.

Como participantes de sua pesquisa, seleciona crianças da 2ª série até a 7ª série do que corresponderia ao fundamental, aprendizes de inglês como L2 na escola - apesar de estarem na escola, devido à idade não são capazes de receber uma instrução formal robusta. As crianças são expostas à língua por cerca de uma hora por dia.

AS crianças realizaram uma prova escrita e uma oral. Argumenta que como S-V-O é a única ordem subjacente permitida pela GU e o inglês é uma língua S-V-O (V2 residual), ao apreender o norueguês (língua V2) as crianças compreendem que as características de C° são fortes e requer o movimento do verbo. Ao adquirir a ordem V2 a criança amplia a ordem para outras orações.

Observa que a criança realiza a transferência de sua L1 [+V2] para L2 [-V2]. Conforme os resultados o primeiro efeito adquirido é S-V, seguido pela posição do Advérbio.

O trabalho de Sopata (2010), apresenta a aquisição de V2 como L2 por crianças. Observa que as crianças até os quatro anos de idade são capazes de adquirir o efeito V2 semelhante à aquisição de L1. Crianças com mais de 4 anos já apresentam dificuldade nessa aquisição<sup>21</sup>.

Acerca da aquisição de V2 como L1, a autora aborda que está relacionada à aquisição da morfologia verbal, estágio que dura cerca de três meses. Assim que as formas finitas se tornam frequentes, a criança passa a colocar os verbos finitos na posição V2, além dos verbos não finitos não ocuparem essa posição.

---

<sup>21</sup>Isso nos remete a outro problema nos estudos em aquisição: o período crítico da aquisição. Acerca desse tema, Birdsong (1999) levanta a hipótese do período crítico questionando se existe ou não um momento no qual o ser humano torna o processo de aquisição de uma língua impossível. Porém, isso não chegou a ser um consenso, já que existem diversos trabalhos que comprovam que aprendizes conseguem adquirir uma L2 em idade adulta. Do ponto de vista biológico, se pode considerar que em determinada idade o aprendiz passa a ter dificuldades na aquisição de L2 por perda de plasticidade neural, um problema que afetaria de forma direta nesse processo, mas, não é pertinente afirmar que o fator biológico impeça que o aprendiz adquira a língua, mesmo que ele não alcance o nível esperado da língua alvo.

Difere a aquisição de V2 como L2 da aquisição de V2 como L1, pois na L2 o aprendiz apresenta grande dificuldade em identificar quais verbos são finitos, o que dificulta a aquisição do V2.

Conclui que na aquisição de L2 os problemas apresentados são a falta de relação entre a morfologia do verbo e a aquisição da colocação desse, a grande produção de sentenças V3 com advérbios em primeira posição antes da inversão sujeito-verbo, e a não colocação dos verbos finitos na posição V2. Ou seja, as dificuldades estão associadas a essa falha na identificação dos verbos finitos.

Para realizar sua pesquisa, a autora analisou o desenvolvimento da aquisição da linguagem em três crianças polonesas – língua de ordem S-V-O – que foram para Alemanha ainda bebês, mas estavam expostas aos seus familiares que falaram o polonês e também ao ambiente escolar alemão.

Como conclusão, compreende que a aquisição do V2 deve ser analisada junto a aquisição de concordância verbal do sujeito. Observa que crianças aprendizes de L2 têm mais dificuldades na aquisição da morfologia verbal que aprendizes de L1.

Outrossim, a ordem mais frequente pelas crianças é S-V-X. Quando a oração não apresentava verbo finito e não estava encabeçada por sujeito os aprendizes mostraram uma preferência pela ordem V3, até adquirirem V2 (o que só ocorre após a aquisição da concordância entre sujeito-verbo), o que ocorre até os quatro anos.

Isso fortalece a hipótese do período crítico. Considerando que as mesmas forças que operam hoje operaram no passado, nos dá evidências de que as crianças no espanhol medieval foram capazes de adquirir o efeito V2, tal qual são capazes de adquirir atualmente, mesmo durante o contato entre línguas [+V2] e [-V2], o que também se relaciona ao *input*.

## Capítulo V – Os dados

---

### 5. Metodologia

Como vimos acima, as mesmas forças que operam hoje operaram no passado, trabalhos em aquisição de segunda e primeira línguas, e trabalhos em aquisição de V2 fornecem evidências de que as crianças e adultos são capazes de adquirir [+V2] estando expostas à dados que forneçam *input* para aquisição. Os trabalhos também mostram que as ordens V1 e V3 também são evidências para a aquisição de V2, como por exemplo: o aparecimento da ordem V1 narrativo; V>2 só acontece quando o primeiro elemento é tópico ou marcador de cena; a diminuição de V3 está associada a aquisição do alvo V2 e outras evidências. Portanto, nesta dissertação analisamos as orações V1, V2 e V3 no espanhol medieval.

Para esta análise, analisaremos uma amostra constituída a partir do banco de dados de Pinto (2011), uma amostra estratificada, buscando encontrar nela (dados de língua-E) evidências para aquisição de uma língua-L V2, a fim de determinar o que configura aquisição do efeito V2.

De posse do banco de dados de Pinto (2011), foram selecionados os séculos XII ao XV, espaço geográfico em que, hipoteticamente, ocorreu a aquisição, esses dados foram reorganizados em um novo banco. O banco de Pinto (2011) tem em média 3.222 orações, dessas foram selecionadas as orações V1, V2 e V3 matrizes, o que corresponde ao total de **1.173** orações, compondo um novo banco.

Os dados, no novo banco, foram organizados por padrões. Os padrões de 1 a 4 correspondem às orações V2, os padrões de 5 a 8 correspondem às orações V1, os padrões de 9 a 11 correspondem às orações V>2, a saber:

- a) padrão 1 (P1) corresponde às ordens S-V;
- b) padrão 2 (P2) O-V;
- c) padrão 3 (P3) Adv-V-S;
- d) padrão 4 (P4) XP-V (sendo XP qualquer outro constituinte, a exemplo: adjetivos, locativos, sintagmas preposicionais etc.);

- e) padrão 5- V-S-X (inversão germânica);
- f) padrão 6- V-X-S (inversão românica);
- g) padrão 7- Todas as demais ordens que aparecem no banco de V1 (N-V-XP/ N-CL-V/ CL-V-S/ V-CL-XP);
- h) padrão 8- SN- V-X (sujeito nulo);
- i) padrão 9- Adv-S-V;
- j) padrão 10- Todas as demais ordens que aparecem no banco V>2;
- k) padrão 11- S-O-V (*object shift*).

Tomamos como decisão o descarte das orações subordinadas considerando o Lightfoot (2011), o qual defende que este tipo de oração não funcionaria como *input* para a aquisição; assim, nos concentramos nas orações matrizes.

Os dados foram submetidos a um tratamento estatístico por meio do software RStudio, para a observação da distribuição de frequência dos dados, considerando duas variáveis: padrão e século. Esse teste permite tomar decisões acerca da relevância estatística ou não das frequências observadas. O nível de significância adotado foi valor- $p < 0.05$ . Em outras palavras, assumimos 5% de chance de cometermos um dos dois tipos de erros a seguir:

Erro do tipo i: rejeitar  $H_0$  quando ela é verdadeira.

Erro do tipo ii: não rejeitar  $H_0$  quando ela é falsa.

Com base nos resultados discutiremos às perguntas lançadas no início deste trabalho: (i) *o que configura a aquisição de uma gramática [+V2] no espanhol medieval?* (ii) *qual seria o gatilho para a criança adquirir essa gramática?*

## 5.1 Amostra

Os dados que compõem o banco de Pinto (2011) foram coletados de dois bancos de dados diferentes. Alguns foram disponibilizados pelo Dr. Josep Maria Fontana ao Dr. Carlos Felipe Pinto e outros coletados a partir do *Corpus Diacrônico del Español* (CORDE), da Real Academia Espanhola. Esses



dados foram organizados e datados pelo Dr. Carlos Felipe Pinto. O banco de Pinto tem em média 3.222 orações, compostas por ordens V1, V2, V3 em orações matrizes e subordinadas.

De posse dos dados, filtramos e organizamos um novo banco de dados. Nossa organização se deu por séculos e padrões. De nosso banco de dados foi feita a seguinte consideração: as ordens encabeçadas por sujeito nulo seguidas de outro XP e depois o verbo (por exemplo: SN-XP-V) foram consideradas V2, seguindo a organização principal do banco de Pinto (2011).

Feita a consideração acima, foram analisadas um total de 1.173 orações V1, V2 e V<2 matrizes. Abaixo os exemplos dos padrões:

a) padrão 1 (P1) corresponde às ordens S-V

Ex.: La fija <b>dijo</b> .	Século XII
A filha <b>disse</b>	
El hombre bueno <b>respondio</b> luego.	Século XIII
o homem bom <b>respondeu</b> logo	
El enperador <b>mando</b> que le troxiesen vn leon	Século XIV
o imperado <b>mandou</b> que lhe trouxessem a leon	
e su alteza <b>mandó</b> que no le matasen,	Século XV
E sua alteza <b>mandou</b> que não lhe matassem	

b) padrão 2 (P2) O-V;

Ex.: y su cabeza <b>colgaban</b> sobre la puerta del palacio.	Século XII
e sua cabeça <b>colocaram</b> sobre a porta do palácio	
E esta carta <b>otorga</b> la abatíssima Sancha Garciez,	Século XIII
e esta carta <b>otorga</b> a beata Sancha Garciez	
Estas canonicas <b>hizo escribir</b> el Reueren en Jesoes cristo [...]	Século XIV
estas canônicas <b>fez escrever</b> o reuqueredor em Jesus cristo	

c) padrão 3 (P3) Adv-V-S;

Ex.: Siempre <b>sea</b> tu pensamiento en gozo sin acabamiento:	Século XII
sempre <b>seja</b> seu pensamento em gozo sem acabamiento:	
aqui <b>comienza</b> el libro de la flor de las historias de oriente	Século XIV
aqui <b>começa</b> o livro de a flor de as histórias do oriente	

E después **viene** el confessor,

Século XIV

E depois **vem** o confessor

d) padrão 4 (P4) XP-V (sendo XP qualquer outro constituinte, a exemplo: adjetivos, locativos<sup>22</sup>, sintagmas preposicionais etc.).

Ex.: en la mar **pario** la reina mi mujer a esta mi fija:

Século XII

No mar **pariu** a rainha minha mulher a esta minha filha

E de esto **nacen** grandes contiendas. y muchos otros males; por las tierras.

Século XIII

e de esto nascem grandes batalhas e muitos outros males por as terras

y por esto **puede** hombre entender que ellos tienen las otras gentes de

Século XIV

e por isto pode homem entender que eles tenham as outras gentes de

gros entendimiento

grosso entendimiento

a los simples **espanta** la multitud de los muchos

Século XV

a os simples **espanta** a multidão de os muitos

e) padrão 5- V-S-X (inversão germânica)

Ex.: **vino** el mancebo al cuerpo:

Século XII

veio o moço ao corpo

E **paso** Alejandro por una tierra em que reynaron siete reyes.

Século XIII

e passo Alejandro por uma terra em que reinaram sete reis

y **dixo** la enperatriz que nunca dios mandase que ella posase con

Século XIV

e disse a imperatriz que nunca Deus mandasse que ela colocasse com

ella ala mesa

ela a mesa.

e **conozca** nuestra intercession hauer le aprouechado;

Século XV

e conheça nossa intercessão haver o aproveitado

f) padrão 6- V-X-S (inversão românica)

Ex.: E supo por su compa-a que eran pasados tres a-os.:

Século XII

e soube por sua companhia que eram passados três anos

y **hubo a pechar** los dineros gil buhon quantos el Romero tomo

Século XIII

e houve a fechar os dinheiros gil buhon quantos o romeiro tomou

sobre su viage

sobre sua viagem

<sup>22</sup> Os locativos foram agrupados como XP e não como advérbios, por se tratar de uma classe de palavra com comportamento distinto, já que em línguas não-V2 o locativo pode evidenciar uma inversão VS, como no caso da inversão locativa no português brasileiro:

Ex.: Isabelle estudava naquela escola/ Naquela escola estudava Isabelle.

y **han** poca barba aquellas gentes Século XIV  
 e tem pouca barba aquelas pessoas

**Refuyen** de mi las grandes y abondosas razones. Século XV  
 fogem de mim as grandes e bondosas razões

g) padrão 7- Todas as demais ordens que aparecem no banco de V1 (N-V-XP/ N-CL-V/ CL-V-S/ V-CL-XP)

h) padrão 8- SN- V-X (sujeito nulo)

Ex.: e **sufrio** todas las cosas con gran paciencia Século XII  
 e sofreu todas as coisas com grande paciência

y no **pecho** nada por ella. Século XIII  
 e não fez nada por ela

ni **beben** vino Século XIV  
 nem bebem vinho

y **haze** vinagre. Século XV  
 e faz vinagre

i) padrão 9- Adv-S-V

Ex.: y as' aquella sangre que era coajada **fue** regalada Século XII  
 e assim aquele sangue que era coalhado foi presenteado

Y verdaderamen hombre **ve'a venir** de aquella tierra tantas cosas Século XIV  
 [...]   
 y verdadeiramente homem veja vir daquela terra tantas coisas

j) padrão 10- Todas as demais ordens que aparecem no banco V>2 (S-XP-XP-V-XP, SP-A-V-O, S-XP-V e outras ordens)

k) padrão 11- S-O-V (*object shift*)

Ex.: a ii e El Ant'oco Tales crueldades **usan** te: Século XII  
 aí em o Antoco tais crueldades usam se

## 5.2 Perguntas e hipótese

Conforme Yang & Roeper (2010), Yang (2002), Sopata (2010) e Unsworth (2014), o uso da ordem O-V (P2) e Adv-V-S (P3) são evidências para a aquisição de V2. V1 e V>2 também são evidências para a aquisição de V2 ao observarmos a relação entre o aparecimento da ordem V1 narrativo e estruturas V2, assim como a diminuição de V>2 se associar à aquisição V2

(SOPATA, 2010). Sendo assim, nos cabe analisar as orações V1 e V>2, além das V2, contrariando autores como Sitaridou (2006, 2011, 2012, 2019) que defendem V1 e V>2 como contra evidência da aquisição de V2.

Os dados do nosso banco foram submetidos a um tratamento estatístico buscando compreender se a distribuição de frequências é estatisticamente relevante na amostra. Assim, levantamos a seguinte pergunta geral:

- A distribuição de frequências por padrão é estatisticamente relevante na amostra?

Para responder à pergunta acima temos duas hipóteses (H0 e H1) que fazem referência à associação ou não associação de variáveis:

- 1) H0: não há efeito estatístico significativo, portanto não há associação de variáveis.
- 2) H1: há efeito estatístico significativo, portanto, há associação de variáveis.

### 5.3 Resultados

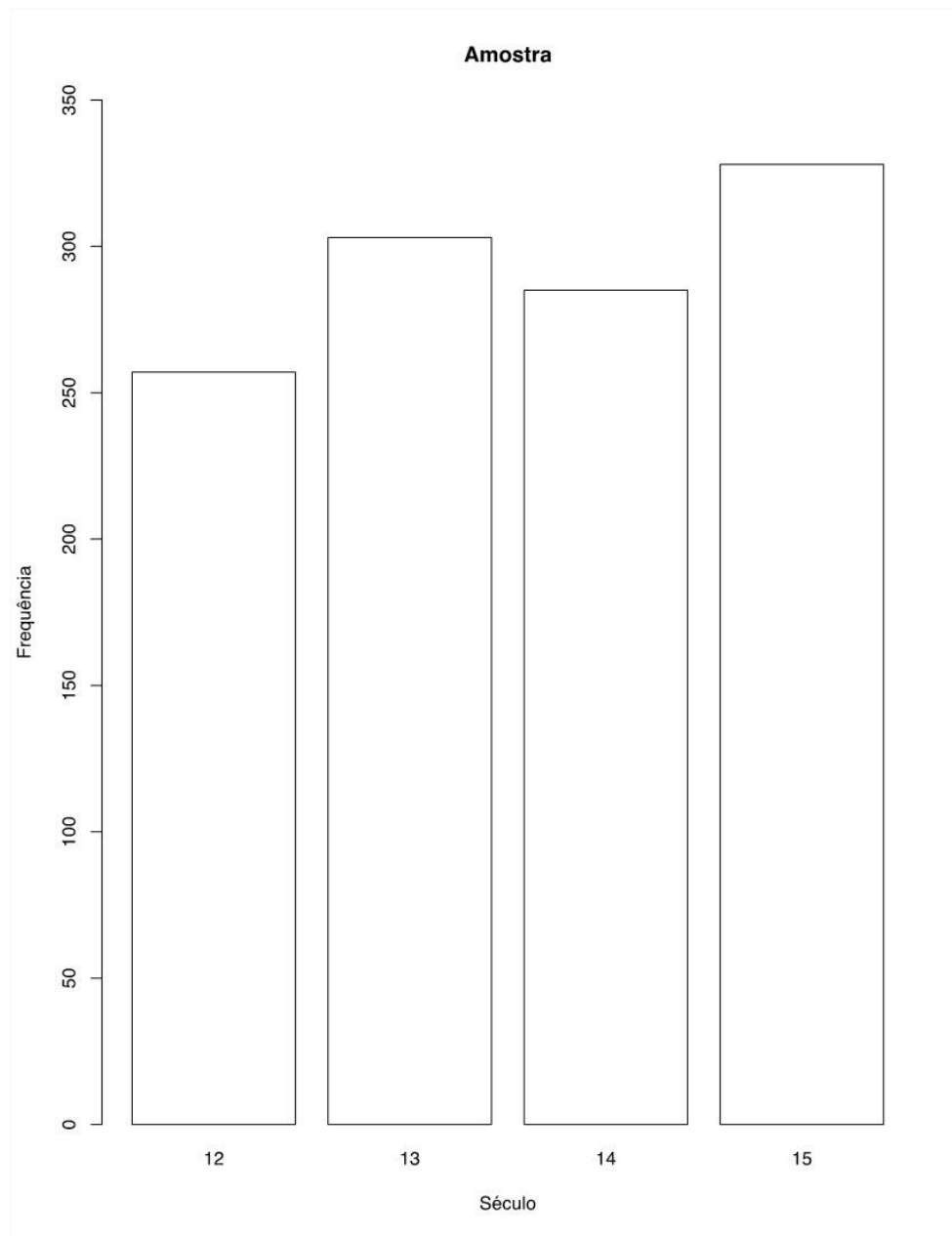
Nesta seção apresentaremos os resultados de nossa análise. Foram analisados um total de 1.173 orações V1, V2 e V>2 entre os séculos 12 e 15. Abaixo, nos subcapítulos, abordaremos cada tipo de oração e as análises que foram realizadas para elas.

Além da análise V1, V2 e V>2 também realizamos duas análises em paralelo: XP-V *versus* SN-V-XP e OV *versus* CLLD, que se encontram no subcapítulo intitulado como "Outras análises".

#### 5.3.1 Distribuição de frequência na amostra

Na sequência apresentaremos a distribuição de frequência dos dados observados por século:

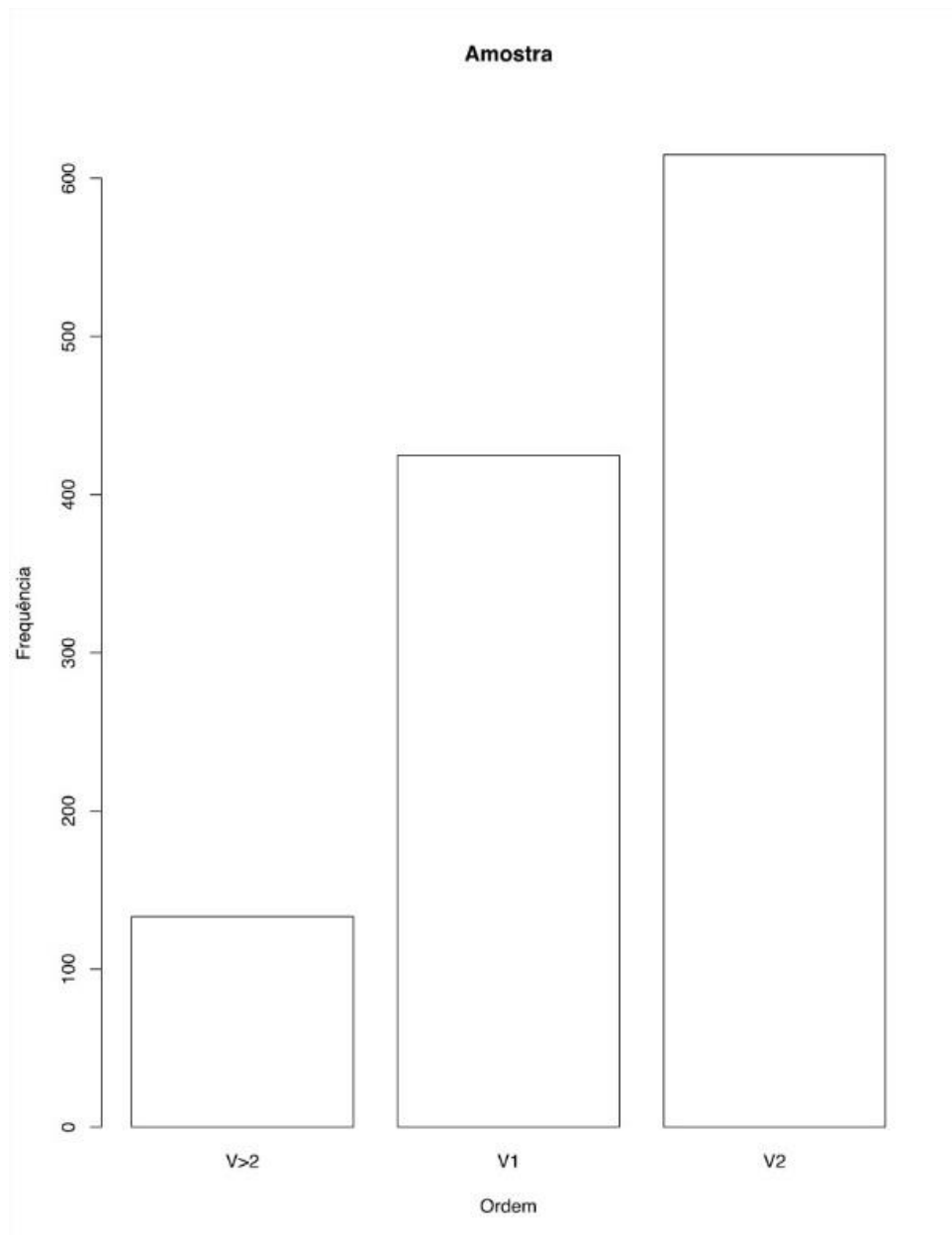
Gráfico 2- Distribuição de frequência dos dados observados por século.



É possível observar no gráfico acima que a maioria dos dados de nosso banco corresponde aos séculos 13 ( $n=303$ ) e 15 ( $n=328$ ). O século 12 ( $n=257$ ) apresenta o menor número de dados. Entre 13 ( $n=303$ ), 14 ( $n=285$ ) e 15 ( $n=328$ ) a amostra, apesar de oscilar, permanece relativamente estável.

Na sequência apresentaremos a distribuição de frequência das ordens na amostra:

Gráfico 3- Distribuição de frequência das ordens no banco de dados.



É possível observar no gráfico acima que a maioria das amostras do banco corresponde à ordem V2 ( $n=615$ ), seguida de V1 ( $n= 425$ ) e V>2 ( $n=133$ ) é a ordem menos frequente.

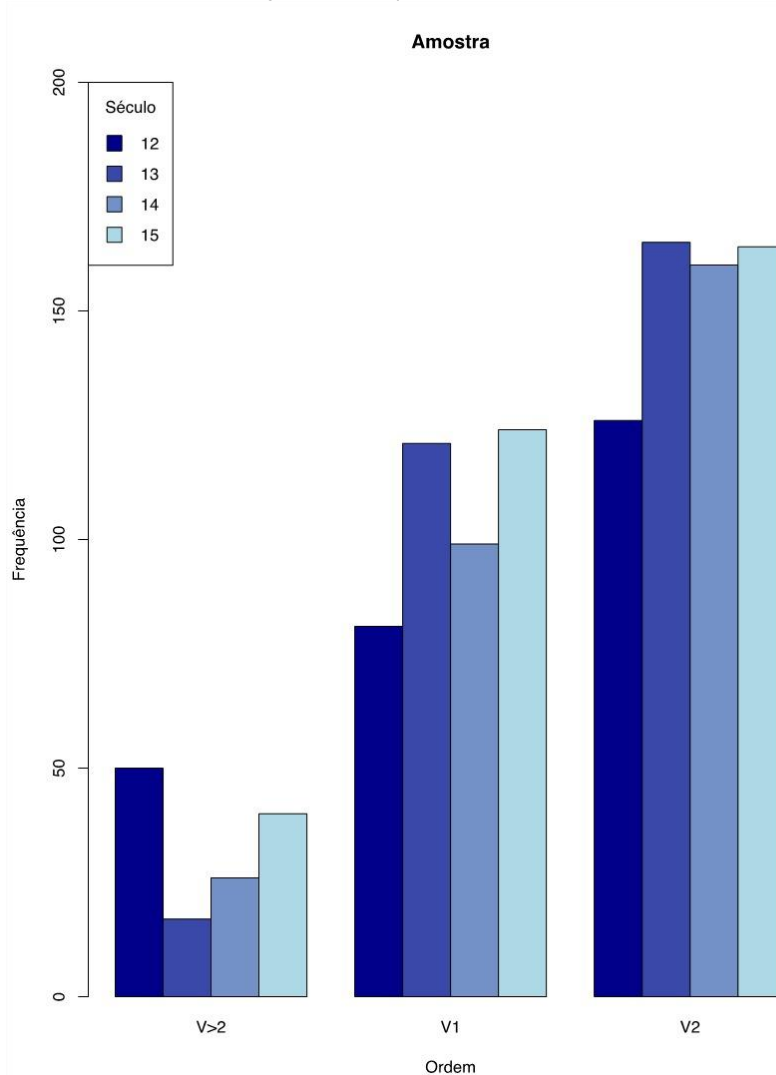
Tabela 9- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências por ordem.

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
V>2	133			
V1	425	=301.52	<2.2e-16	Sim
V2	615			

O teste para V>2, V1e V2 mostra que a distribuição de frequências dessas ordens não é aleatória, portanto, deve-se rejeitar a H0. Ou seja, de fato, podemos considerar que V>2 é menos frequente e V2 mais frequente.

Na sequência apresentaremos a distribuição de frequência das ordens em cada século:

Gráfico 4- Distribuição de frequência das ordens em cada século.



É possível observar no gráfico acima que  $V>2$  aparece com maior frequência no século 12 ( $n=50$ ),  $V1$  aparece com maior frequência em 13 ( $n=121$ ) e 15 ( $n=124$ ), e  $V2$  cresce do século 12 ( $n= 126$ ) para o 13 ( $n=165$ ) e se mantém com relativa estabilidade.

Quadro 1- Distribuição de frequências das ordens em cada século.

	V>2	V1	V2	
Século 12	50	81	126	257
Século 13	17	121	165	303
Século 14	26	99	160	285
Século 15	40	124	164	328
Total	133	425	615	<b>1173</b>

Ao olharmos por séculos, é possível observar que  $V2$  também apresenta a maior frequência em cada século.

Na sequência apresentaremos o teste qui-quadrado da distribuição de frequências das ordens em cada século:

Tabela 10- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências das ordens em cada século.

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
V>2	133			
V1	425	=30.192	=3.614e-05	Sim
V2	615			

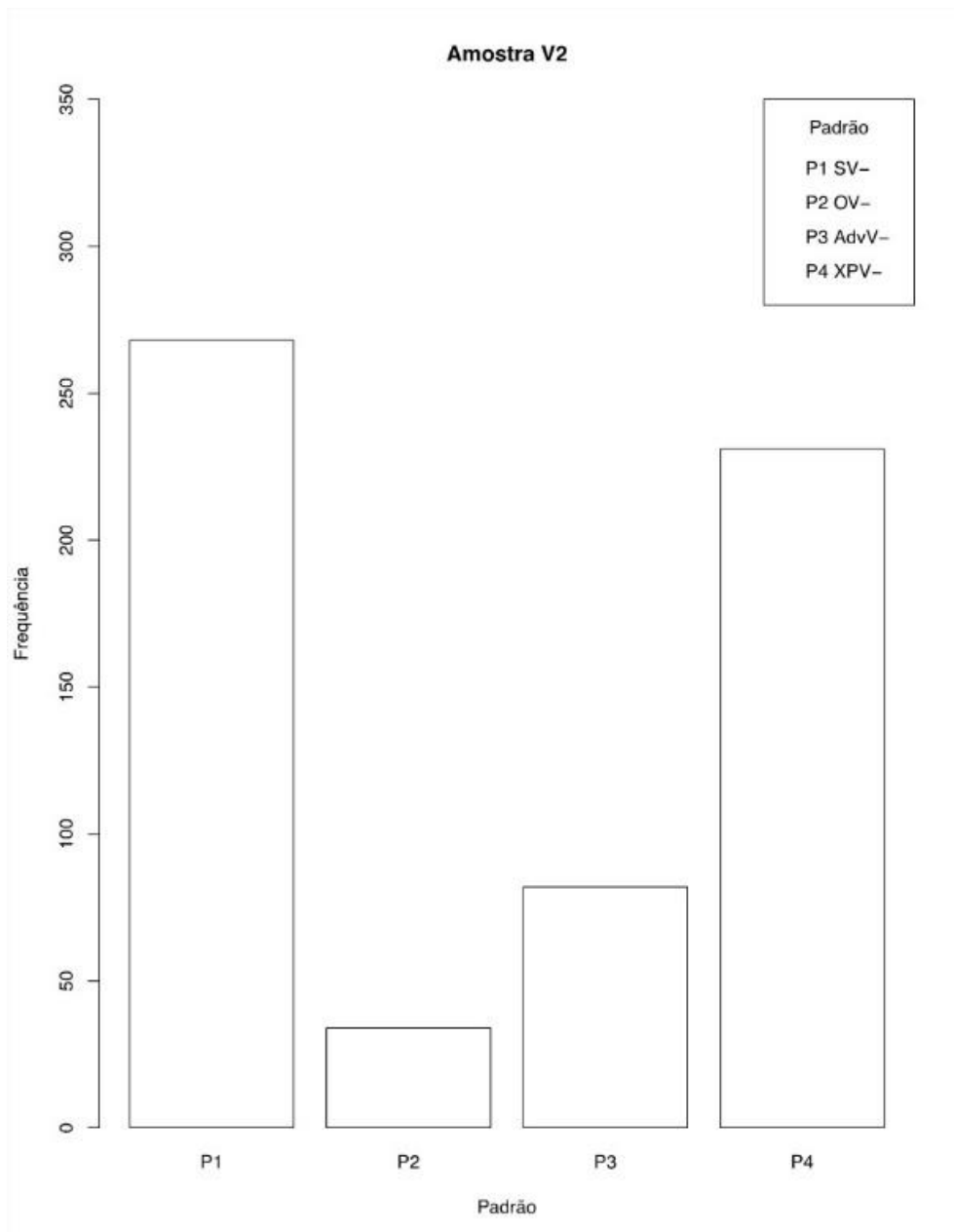
$V>2$  apresenta menor frequência ao longo dos séculos em relação a  $V1$  e  $V2$ .  $V2$  é a ordem que apresenta maior frequência ao longo dos séculos. O teste em  $V>2$ ,  $V1$  e  $V2$  mostra que a distribuição de frequências das ordens em cada século não é aleatória, portanto, deve-se rejeitar a  $H_0$  e assumir que, de fato, há associação entre as variáveis.

### 5.3.2 Distribuição de frequência na amostra $V2$

Na sequência apresentaremos a frequência dos dados por padrão na Amostra de  $V2$ :



Gráfico 5- Distribuição de frequência dos dados observados na amostra V2 por padrão.



É possível observar no gráfico acima que P1 (SV) aparece com maior frequência na amostra, P4 (XP-V) aparece com a segunda maior frequência, P3 (Adv-V) e P2 (O-V) aparecem com menor frequência na amostra, sendo P2 a menor frequência na amostra de V2.

A seguir apresentaremos o teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos dados por padrão na amostra de V2:

Tabela 11- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V2 por cada padrão

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
Padrão	615	=250.46	<2.2e-16	Sim
Padrão 1	268	=345.92	<2.2e-16	Sim
Padrão 2	34	=1040.90	<2.2e-16	Sim
Padrão 3	82	=867.93	<2.2e-16	Sim
Padrão 4	231	=430.96	<2.2e-16	Sim

O teste mostra que a distribuição de frequências em cada padrão na amostra V2 não é aleatória, portanto, deve-se rejeitar a H0, e assumir que, de fato, há validade estatística nesta análise.

A seguir apresentaremos o teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos dados por padrão na amostra de V2 dos padrões 2 e 3:

Tabela 12- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V2 nos padrões 2 e 3.

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
Padrão 2	34	=19.862	=8.324e-16	Sim
Padrão 3	82			

O teste mostra que a distribuição de frequências dos padrões 2 e 3 não é aleatória, portanto, deve-se rejeitar a H0, assumindo que, de fato, há uma associação entre os padrões 2 e 3.

A seguir apresentaremos o teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos dados por padrão na amostra V2 dos padrões 1 e 4:

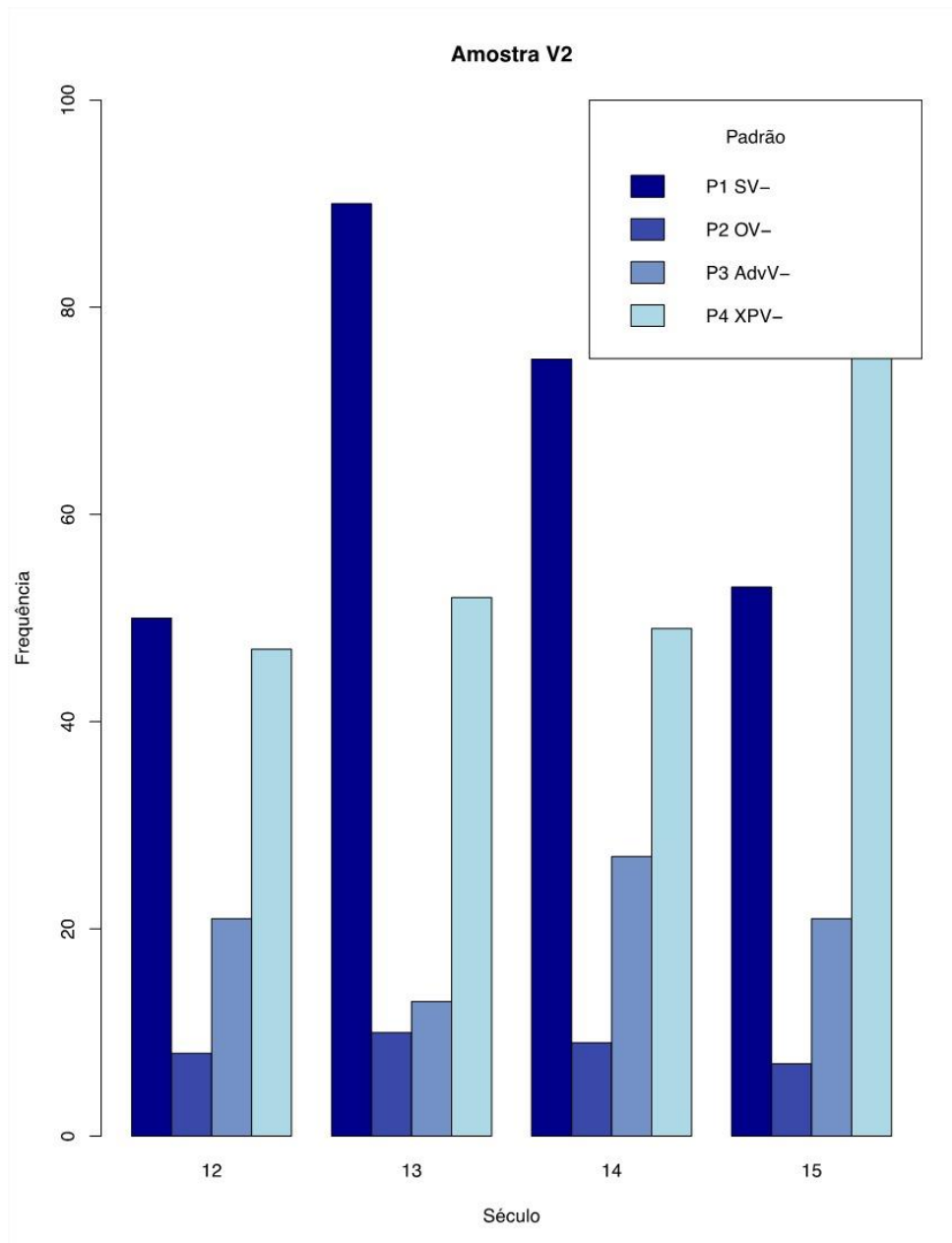
Tabela 13- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V2 nos padrões 1 e 4.

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
Padrão 1	268	=2.7435	=0.09765	Não
Padrão 4	231			

O teste mostra que a distribuição de frequências dos padrões 1 e 4 é aleatória, portanto, deve-se assumir a  $H_0$ , ou seja, não é possível comprovar que existe uma associação entre os padrões.

Na sequência apresentaremos a distribuição de frequências da ordem V2 por padrão em cada século:

Gráfico 6- Distribuição de frequências da ordem V2 por padrão em cada século.



Quadro 2- Distribuição de frequências da ordem V2 por padrão em cada século.

	Padrão 1 SV-	Padrão 2 OV-	Padrão 3 AdvV-	Padrão 4 XPV-	
Século 12	50	8	21	47	126
Século 13	90	10	13	52	165
Século 14	75	9	27	49	160
Século 15	53	7	21	83	164
Total	268	34	82	231	<b>615</b>

É possível observar acima que P1 tem uma variação de frequência de maneira que aumenta nos séculos 13 e 14, e diminui no século 15. P2 se mantém baixo, P3 também se mantém baixo e P4 aumenta ao longo dos séculos. P1 aparece com as seguintes frequências nos séculos 12 (n=50), 13 (n=90), 14 (n=75) e 15 (n=53). P2 aparece com as seguintes frequências nos séculos 12 (n=8), 13 (=10), 14 (n=9) e 15 (n=7). P3 aparece com as seguintes frequências nos séculos 12 (n=21), 13 (n=13), 14 (n=27), 15 (n=21). P4 aparece com as seguintes frequências nos séculos 12 (n=47), 13 (n=52), 14 (n=49) e 15 (n=83).

Na sequência apresentaremos o teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V2 por padrão em cada século:

Tabela 14- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V2 por padrão em cada século.

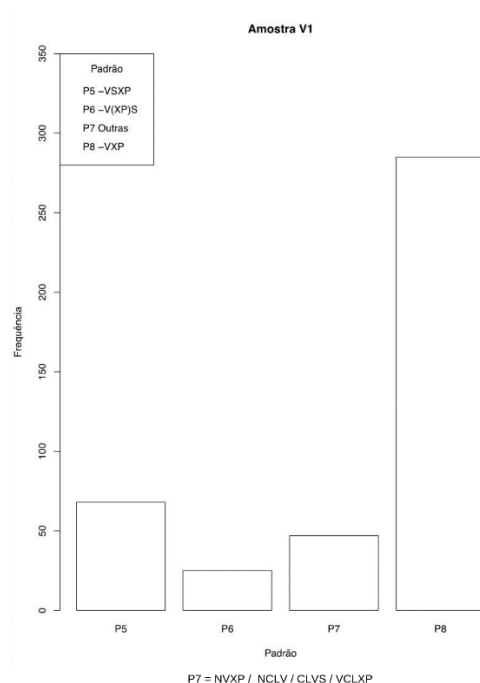
		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
Padrão				
Padrão 1	268			
Padrão 2	34	=28.239	=0,0008698	Sim
Padrão 3	82			
Padrão 4	231			

O teste mostra que a distribuição de frequências por padrão em cada século não é aleatória, portanto, deve-se rejeitar a H0, assumindo que, de fato, existe uma associação entre os padrões 1, 2, 3 e 4.

### 5.3.3 Distribuição de frequência na amostra V1

Na sequência apresentaremos a frequência dos dados por padrão na amostra V1:

Quadro 3- Distribuição de frequências da ordem V1 por padrão.



É possível observar no gráfico acima que P8 (V-XP) aparece com maior frequência na amostra, P5 (V-S-XP) aparece com a segunda maior frequência, P7 (N-V-XP, N-CL-V, CL-V-S, V-CL-XP) e P6 (V-XP-S) aparecem com menor frequência na amostra, sendo P6 a menor frequência na amostra V1.

A seguir apresentaremos o teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos dados por padrão na amostra V1:

Tabela 15- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V1 por padrão.

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
Padrão	425	=409.66	<2.2e-16	Sim
Padrão 5	68	=192.52	<2.2e-16	Sim
Padrão 6	25	=330,88	<2.2e-16	Sim
Padrão 7	47	=257.79	<2.2e-16	Sim
Padrão 8	285	=49.471	=2.014e-12	Sim

O teste mostra que a distribuição de frequências por padrão na amostra V1 não é aleatória, portanto, deve-se rejeitar a H0, assumindo que, de fato, existe uma associação entre os padrões acima.

Tabela 16- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V1 nos padrões 5, 6, 7 e 8.

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
Padrão 5	68			
Padrão 6	25	=308.30	<2.2e-16	Sim
Padrão 7	47			
Padrão 8	285			

O teste mostra que a distribuição de frequências nos padrões 5, 6, 7 e 8 na amostra V1 não é aleatória, portanto, deve-se rejeitar a H0. Ou seja, podemos afirmar que existe, de fato, associação entre os padrões.

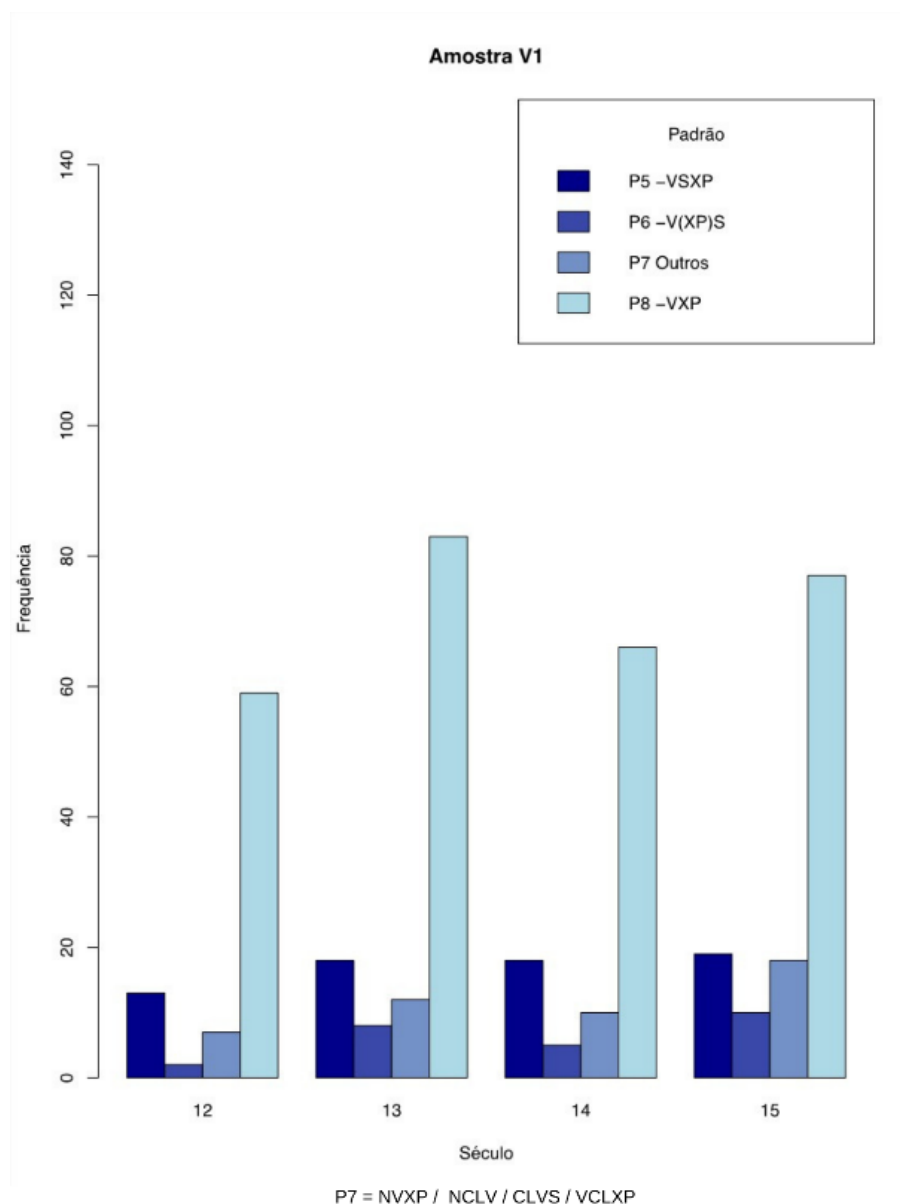
Tabela 17- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem V1 nos padrões 5 e 6.

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
Padrão 5	68	=19.882	=8.238e-06	Sim
Padrão 6	25			

O teste mostra que a distribuição de frequências nos padrões 5 e 6 na amostra V1 não é aleatória, portanto, deve-se rejeitar a H0. Ou seja, podemos afirmar que existe, de fato, associação entre os padrões.

Na sequência apresentaremos a frequência da ordem V1 por padrão em cada século:

Gráfico 7- Distribuição de frequências da ordem V1 por padrão em cada século.



Quadro 4- Distribuição de frequências da ordem V1 por padrão em cada século.

	Padrão 5 VSXP-	Padrão 6 V(XP)S-	Padrão 7 Outros-	Padrão 8 VXP-	
Século 12	13	2	7	59	81
Século 13	18	8	12	83	121
Século 14	18	5	10	66	99
Século 15	19	10	18	77	124
Total	68	25	47	285	<b>425</b>

No quadro acima é possível observar a frequência de P8 (V-XP) nos séculos 12 (n=59), 13 (n=83), 14 (n=66) e 15 (n=77). P5 nos séculos 12 (n=13), 13 (n=18), 14 (n=18) e 15 (n=19). P7 (N-V-XP, N-CL-V, CL-V-S, V-CL-XP) nos séculos 12 (n=7), 13 (n=12), 14 (n=10), 15 (n=18). P6 nos séculos 12 (n=2), 13 (n=8), 14 (n=5) e 15 (n=10). P5, P6, P7 apresentam frequências baixas, se comparadas com P8, que apresenta uma frequência mais alta ao longo dos séculos. Considerando o resultado do teste qui-quadrado apresentado na sequência a diferença na frequência dos padrões por século não é relevante, o que pode ser considerado um efeito da amostra.

A seguir apresentaremos o teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos dados por padrão e século:

Tabela 18- Teste qui-quadrado: padrão x século<sup>23</sup>

	qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
Padrão	=3.1605	=0.7885	Não

O teste qui-quadrado por padrão indica que esta variável é relevante, todavia a distribuição dos padrões por século não é relevante.

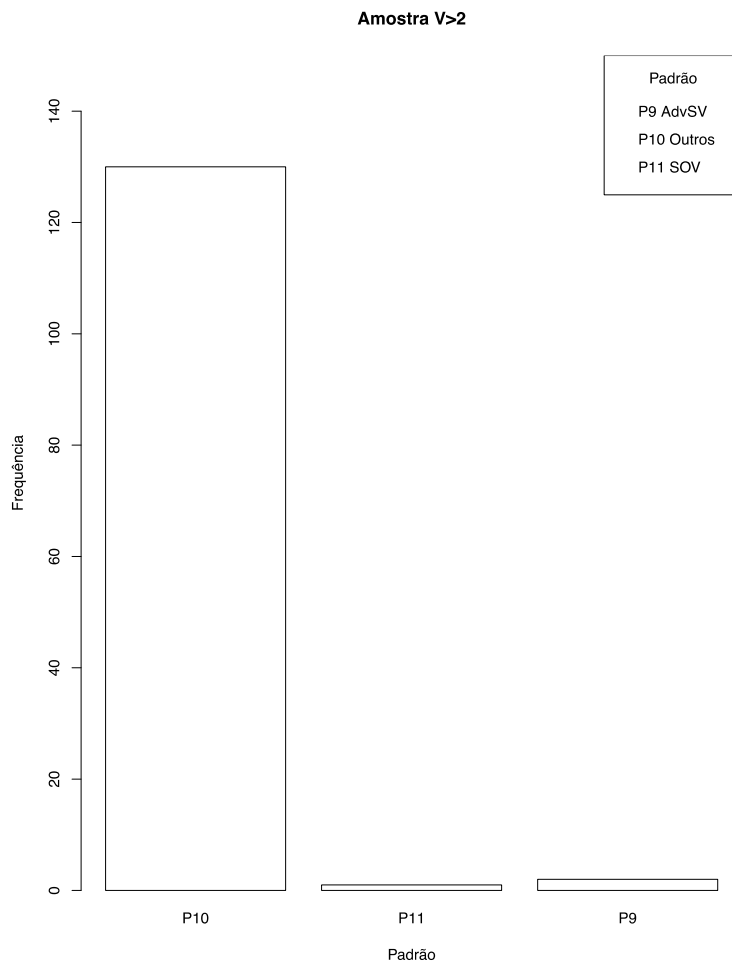
#### 5.3.4 Distribuição de frequência na amostra $V > 2$

Na sequência apresentaremos a frequência dos dados por padrão na amostra de  $V > 2$ :

<sup>23</sup> Para a realização do teste foi necessário excluir o Padrão 6 (P6) devido a sua baixa frequência.



Gráfico 8- Distribuição da frequência dos dados por padrão na amostra V&gt;2.



É possível observar no gráfico acima que P10 (outros) ( $n=130$ ) aparece com maior frequência na amostra, enquanto P9 e P11 são basicamente inexistentes na amostra de  $V>2$ .

A seguir apresentaremos o teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos dados por padrão na amostra  $V>2$ :

Tabela 19- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências da ordem  $V>2$  nos padrões 9, 10 e 11.

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
Padrão 10	130			
Padrão 11	1	=248.32	<2.2e-16	Sim
Padrão 9	2			

O teste mostra que a distribuição de frequências nos padrões 9, 10 e 11 na amostra  $V > 2$  não é aleatória, portanto, deve-se rejeitar a  $H_0$ . A aproximação do qui-quadrado pode estar incorreta devido à baixa frequência de P9 e P11, por apresentarem 2 e 1 caso, respectivamente. Neste caso, o correto é desconsiderar o resultado do teste qui-quadrado.

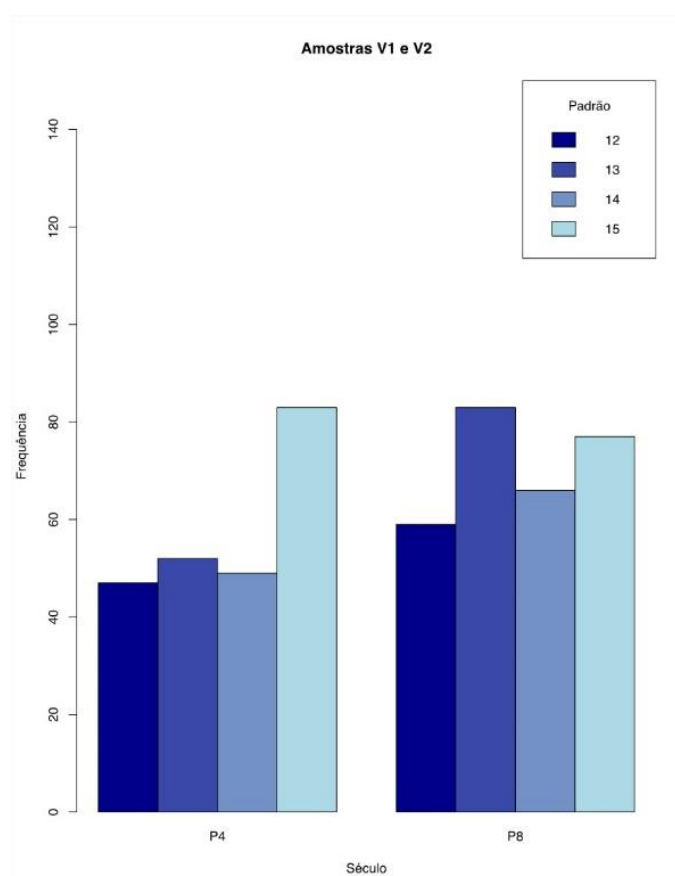
### 5.3.5 Outras análises

Na sequência apresentaremos outras análises que foram realizadas.

#### i. XP-V & SN-V-XP

Em seguida apresentaremos a distribuição de frequência de P4 (XP-V) X P8 (SN-V-XP) em cada século:

Gráfico 9- Distribuição de frequências de P4 e P8 em cada século.



Quadro 5- Distribuição de frequências dos padrões 4 e 8 em cada século.

	Padrão 4 XPV-	Padrão 8 SNVXP-	
Século 12	47	59	106
Século 13	52	83	135
Século 14	49	66	115
Século 15	83	77	160
Total	231	285	<b>516</b>

É possível observar acima que a distribuição de P4 e P8 é similar entre os séculos.

A seguir apresentaremos o teste qui-quadrado da distribuição de frequências nos padrões 4 e 8:

Tabela 20- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências nos padrões 4 e 8.

Padrão		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
Padrão 4	231	=5.6255	=0.1313	Não
Padrão 8	285			

O teste mostra que a distribuição de frequências nos padrões 4 e 8 na amostra é aleatória, portanto, deve-se assumir a H0. Ou seja, pode ser considerado um efeito da amostra.

## ii. OV & CLLD

Na sequência apresentaremos o teste qui quadrado da distribuição de frequência dos objetos com e sem clítico em função do século:

Tabela 21- Teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos objetos com e sem clítico em função do século.

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
O1 (OV)	34	=17.78	=2.479e-05	Sim
O2 (CLLD)	7			

O teste mostra que a distribuição de frequências dos objetos com e sem clítico em função do século na amostra não é aleatória, portanto, deve-se rejeitar a H0. Ou seja, existe, de fato, uma relação entre O1 e O2.

Em seguida apresentaremos o quadro de distribuição de frequências dos objetos com e sem clítico por século:

Quadro 6- Distribuição de frequências dos objetos com e sem clítico por século.

	O1	O2	
	OV-	CLLD-	
Século 12	8	0	8
Século 13	10	5	15
Século 14	9	1	10
Século 15	7	1	8
Total	34	7	<b>41</b>

É possível observar no acima que O1 (O-V) e O2 (CLLD) aparecem em baixa frequência ao longo dos séculos.

Na sequência apresentaremos o teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos objetos com e sem clítico século X padrão:

Tabela 22-Teste qui-quadrado da distribuição de frequências dos objetos com e sem clítico século X padrão.

		qui-quadrado	valor-p	Rejeitar H0?
O1 (OV)	34	=4.9197	=0.1778	Não
O2 (CLLD)	7			

O teste mostra que a distribuição de frequências dos objetos com e sem clítico em função do século X padrão na amostra é aleatória, portanto, deve-se assumir a H0. Ou seja, pode ser considerado um efeito da amostra.

## 5.2 Análise dos Resultados

Foram analisadas analisados um total de 1.173 orações V1, V2 e V>2 entre os séculos 12 e 15. Na análise acima foi empregado o teste de hipótese qui-quadrado de Pearson. Este teste permitiu tomar decisões sobre a distribuição de frequência, com base na relação entre a frequência esperada e a observada. Para aplica-lo foi adotado um nível de significância valor-p <0.05, isto é, assumimos 5% de risco de cometer um erro de decisão. Neste teste os erros de decisão podem ser de dois tipos: o erro de tipo I consiste em rejeitar a H0 quando ela é verdadeira, o que leva a considerar a ausência de efeito; o erro de tipo II consiste em aceitar a H0 quando ela é falsa, o que leva a considerar que há a presença de efeito. As hipóteses levantadas para esse tipo de teste são:

- a) H0: não há associação de variáveis.
- b) H1: há associação de variáveis

A hipótese H0 foi rejeitada quando o resultado do teste Qui-quadrado de Pearson indicar um valor-p <0.05. Ou seja, a decisão a ser tomada será a de que há um efeito estatisticamente significativo; portanto podemos afirmar que este achado não é aleatório.

Com base no resultado é possível observamos alguns pontos interessantes. É interessante que antes disso relembremos as perguntas que norteiam nossa pesquisa:

- (i) *o que configura a aquisição de uma gramática [+V2] no espanhol medieval?*
- (ii) *(ii) qual seria o gatilho para a criança adquirir essa gramática?*

O primeiro ponto a ser mencionado é acerca do banco de modo geral. Das 1.173 orações analisadas, 615 eram V2, 425 eram V1 e 133 eram V>2; ou seja, a grande maioria das orações matrizes do banco é V2, portanto V2 é a ordem mais frequente e o teste qui-quadrado confirma que há efeito significativo entre as ordens V1, V2 e V>2, portanto deve-se assumir a H1, o que indica que a distribuição de frequências não é aleatória nas amostras.

Acerca da amostra de V2 é possível afirmar que P1 e P4 são as ordens mais frequentes. P2 e P3 são as ordens menos frequentes (ordens que evidenciam uma gramática [+V2]). O fato de P2 (O-V) ser encontrado em menor frequência não é contra evidência para a aquisição de V2. Yang e Roeper (2010) afirmam que 1,2% de *input* da ordem O-V-S é suficiente para aquisição de V2 em alemão e holandês (entre os 3 anos e 3,2 anos), assim, embora O-V-S seja encontrada em baixa frequência no banco, essa aparição é significativa, levando em conta os estudos em aquisição.

Ainda que o nosso teste não tenha efeitos significativos entre os padrões 1 e 4, é interessante observarmos que estes são os padrões que mais aparecem na análise V2. Mais precisamente sobre P4 (XP-V), podemos observar no gráfico 6 que P4 sofre um aumento ao longo dos séculos, principalmente no século 15, o que é compatível com o período em que ocorre a perda do V2.

Com relação a V1, observa-se que é a segunda maior ordem no banco de dados. Para melhor análise agrupamos alguns padrões: P5 V-S-XP (v1 narrativo), P6 V- XP-S (inversão românica), P7 outras ordens do banco (NVXP/ NCLV/ CLVS/VCLXP) e P8 SN-V-XP (sujeito nulo). No que respeita ao banco V1, é possível afirmar que o sujeito nulo e a ordem V1 narrativo são mais frequentes no banco de dados. Acerca dos padrões, o teste comprova que há efeito

significativo em todos os padrões, portanto deve-se assumir a H1, o que indica que a distribuição de frequências não é aleatória nesta amostra, ou seja, a distribuição de frequência é estatisticamente relevante.

A distribuição de P4 e P8 é similar ao longo dos séculos, o que nos leva a supor que a evidência para a mudança de [+V2] para [-V2] seja uma gramática que licencia sujeitos nulos, considerando a alta frequência encontrada em P8 e o fato de que, sob uma abordagem paramétrica, adquirir uma propriedade (no caso, a omissão do sujeito pré-verbal) seria suficiente para a marcação do parâmetro. Comparando os resultados na amostra V1 e na amostra V2, o cenário parece ser: emergência de uma gramática que licencia sujeitos nulos e deslocamento de XPs (para tópico, focalização, interrogativa, por exemplo). A inversão românica seria, portanto, um efeito de uma gramática de sujeitos nulos que emerge, o que é coerente com os estudos em aquisição de L1 e L2 em uma abordagem paramétrica.

Quanto a  $V > 2$  podemos observar que é a ordem que aparece em menor frequência no banco de dados. Entre os padrões 9, 10 e 11, apenas o 9 e o 11 nos interessam. É de extrema importância ressaltar que não foi possível realizar mais testes, uma vez que as frequências nesta ordem eram praticamente nulas. O teste qui-quadrado comprova que há efeito significativo em todos os padrões, portanto deve-se assumir a H1, o que indica que a distribuição de frequências não é aleatória nesta amostra, porém como os padrões são muito baixos, podem ter influenciado na análise.

Ao realizar o contraste entre o objeto com e sem clítico (O-V versus CLLD) pudemos observar que O-V é mais frequente que CLLD (deslocamento clítico à esquerda), o que concorda com Cinque (1995) ao afirmar que O-V é oposto a CLLD e também é compatível com uma gramática V2. O teste qui-quadrado comprova que há efeito significativo entre os padrões, portanto deve-se assumir a H1, o que indica que a distribuição de frequências não é aleatória nesta amostra. Já no teste padrão x século, não há efeitos significativos, portanto, deve-se assumir H0, o que indica que a distribuição de frequências é aleatória por séculos, o que pode ser um resultado da amostra analisada.

No banco de dados foram encontradas ordens que evidenciam [+V2] e, portanto, configuram *input* para aquisição. Todavia, algumas dessas ordens aparecem em menor frequência, o que parece evidenciar uma aquisição incompleta ou uma dificuldade na aquisição de determinadas ordens, a exemplo de OV e AdvV, ordens tidas como evidência de V2, que aparecem em menor frequência<sup>24</sup>. OV é mais frequente que CLLD (deslocamento clítico à esquerda), o que é compatível com a gramática V2.

Assim, podemos observar que não há uma distribuição de frequências similar entre os padrões, o que poderia evidenciar uma gramática V2 [+/- consistente], já que a natureza do XP em posição pré-verbal parece ser relevante. [+ V2] pode ter sido adquirido mediante um processo de transmissão linguística irregular, pois as ordens tidas como evidências para a aquisição de V2 se apresentaram menor frequência nos dados, o que parece indicar que essas ordens apresentam mais dificuldade para serem adquiridas. Como as ordens que evidenciam a aquisição aparecem em baixa frequência, parece que a competição de gramáticas resultou em uma aprendizagem errônea, o que fez com que a gramática não tenha sido [+V2] nem [-V2], [+V2]. Em contrapartida, P4 e P8 se mantêm em crescente ao longo dos séculos no banco, o que evidencia um cenário de emergência de uma gramática com sujeito nulo e que permite o fronteamento de constituintes.

Portanto, conforme os dados analisados, parece que o gatilho para a aquisição seria uma gramática que licencia sujeitos nulos. Considerando que, sob uma abordagem paramétrica, adquirir uma propriedade seria suficiente para a marcação do parâmetro. A frequência de OV também é relevante, porque, independentemente de sua baixa frequência, não deixa de ser um gatilho para V2.

Assim, assumimos a hipótese de que havia um processo de competição de gramáticas [+V2] e [-V2] que pode ter sido decorrente da emergência dessa gramática de sujeitos nulos. Em termos minimalistas (Chomsky 2000), a competição parece ter ocorrido entre uma gramática em que CP era fase

---

<sup>24</sup> É importante lembrarmos que, como vimos com Yang e Roeper (2010), 1,2% de input da ordem OVS é suficiente para aquisição de V2 em alemão e holandês (entre os 3 anos e 3,2 anos).



(entenda-se, fase forte) e uma gramática em que TP era fase (entenda-se, fase forte). Em algum momento, a criança parece ter começado a adquirir uma gramática em que o verbo já não se deslocava para C.

## Conclusão

---

Pinto (2011), Fontana (1993, 1997), Fernández Ordóñez (2009), Rodríguez Molina (2010), Adams (1987), Antonelli (2011) e outros afirmam que as línguas românicas medievais eram línguas V2. Os autores que defendem a hipótese contrária, a exemplo de Kaiser (1999) e Sitaridou (2006, 2011, 2012, 2019), o fazem sob a hipótese de que as ordens V1 e V>2 não são compatíveis com uma gramática V2.

Nesta dissertação tivemos como objetivo encontrar evidências da aquisição de uma gramática V2, para isso foi necessário compreendermos o processo histórico e de contatos linguísticos sofridos na península ibérica. Assim, a dissertação foi dividida em 5 capítulos.

No capítulo I discutimos acerca do efeito V2 e deste fenômeno nas línguas românicas medievais, em particular o espanhol. Observamos que no espanhol medieval o efeito V2 pode ocorrer por meio do deslocamento do verbo para spec-CP ou deslocamento do verbo para C° (VIKNER, 2011, 1995; BAUER 2009; ADAMS, 1987). Também vimos que Pinto (2011) defende que o movimento do verbo ocorre para CP.

No segundo capítulo abordamos o panorama histórico acerca dos contatos linguísticos que ocorreram dentro da península ibérica, desde os povos pré-romanos até a reconquista, buscando traçar um apanhado histórico de contato entre os povos germânicos e latinizados.

No terceiro apresentamos teorias sobre a sociolinguística histórica, tentamos compreender como os cinco problemas propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006) podem ter influenciado na aquisição do efeito V2, a saber: (i) Quais os fatores condicionantes à mudança? (Problema da restrição); (ii) Como ocorre a mudança de um estágio para outro? (Problema da transição); (iii) Como estão as mudanças encaixadas na estrutura linguística e social? (Problema do encaixamento); (iv) Como podem ser avaliados os efeitos desta mudança acerca da eficiência comunicativa do falante (Problema da avaliação); (v) Por que uma mudança ocorre em determinado momento, o que desencadeou esta mudança? (Problema da implementação). Em seguida

abordamos conceitos acerca da aquisição de L2, primeiro estágio da aquisição do efeito V2 no espanhol medieval, considerando os contatos vivenciados pelos povos.

No capítulo IV apresentamos pesquisas em aquisição de L1 e aquisição do efeito V2 para compreendermos como, possivelmente, ocorreu a aquisição deste fenômeno, associando aos trabalhos de Lightfoot (2003), Kroch (2001) e Yang (2018).

No capítulo V realizamos a análise de dados e discutimos como o fenômeno pode ter sido adquirido, considerando o cenário linguístico da península ibérica entre os séculos 12 a 15 d.C.

Yang & Roeper (2010), Yang (2002), Sopata (2010) e Unsworth (2014) afirmam que a evidência para a aquisição de V2 corresponde ao uso da ordem O-V-S e Adv-V-S.

Partindo dessas afirmações, com base nos estudos gerativistas em aquisição de primeira e segunda língua, buscamos responder a dois questionamentos:

- (i) *o que configura a aquisição de uma gramática [+V2] no espanhol medieval?*
- (ii) *(ii) qual seria o gatilho para a criança adquirir essa gramática?*

Para isso, foi analisada uma amostra constituída de 1.173 orações extraídas do banco de dados de Pinto (2011) e reorganizados em um novo banco de dados. O novo banco de dados foi composto de orações V1, V2 e V>2 matrizes. As orações foram agrupadas por padrões e analisadas.

Como resultado encontramos que não existe uma distribuição de frequências similar entre os padrões. Essa não similaridade poderia evidenciar uma gramática V2 [+/- consistente], já que a natureza do XP em posição pré-verbal parece ser relevante, o que evidencia um processo de transmissão linguística irregular.

Portanto, podemos concluir que o espanhol medieval foi formado por um processo de Koineização, por meio de transmissão linguística irregular fruto de uma competição de gramáticas, o que fez com que a gramática não

tenha sido [+V2] nem [-V2], e sim [+/-V2]; assim, também é possível afirmarmos que a motivação para a aquisição de V2 se deu tanto por fatores internos como externos à língua. Como evidências para essa conclusão temos as ordens V1 e V>2 que evidenciam a aquisição encontradas no nosso banco de dados de forma não aleatória, assim como as ordens V2.

Em termos minimalistas (Chomsky 2000), a competição parece ter ocorrido entre uma gramática em que CP era fase (entenda-se, fase forte) e uma gramática em que TP era fase (entenda-se, fase forte). Em algum momento, a criança parece ter começado a adquirir uma gramática em que o verbo já não se deslocava para C. Também é possível afirmar a emergência de uma gramática com sujeito nulo e que permite o fronteamento de constituintes. Seria interessante uma análise mais detalhada acerca do sujeito nulo, o que deixo para trabalhos futuros.

## Referências

---

ADAMS, Marianne. From Old French to the Theory of Pro-Drop. *Natural Language & Linguistic Theory* 5, no. 1: p. 1-32. 1987. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4047573>. Acesso em 21 de ago. de 2020.

ANTONELI, André Luís. Posição do Verbo no Português Clássico: Evidências de um Sistema V2. *Alfa*, São Paulo, 55 (2): p. 501-522, 2011.

AQUILAR, Rafael Cano. *El Español a través de los tiempos*. 2ª edição. Madrid: Arco/Libros AS, 1992.

AUER, Anita; VOESTE, Anja. *Grammatical Variables* In: CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo HERNÁNDEZ-CAMPOY; Juan Manoel. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*, Blackwell Publishing Ltd: USA, 2012, p. 253-270.

BAUER, Brigitte. *Word Order*, em BALDI, Philip e CUZZOLIN, Pierluigi (eds.), *New Perspective on Historical Latin Syntax*, volume I: *Syntax of the Sentence*, Berlin, New York, Mouton de Gruyter, p. 241-316, 2009.

BENINCÀ, Paola; POLETTI, Cecília. *Topic, Focus, and V2*. *The Structure of CP and IP*, p.52-75, 2004.

BIBERAUER, Theresa. Reconsidering embedded verb second: how 'real' is this phenomenon?. *Working Papers in English and Applied Linguistics*, v8, pp.25-60, 2002b.

BICKERTON, Derek. *Pidginization and creolization: language acquisition and language universals*. In: VALDAM, Albert. (ed.). *Pidgin and creole linguistics*. Indiana: Indiana University Press, 1977a.

CATALÁN, Diego. *Linguística Íbero-románica: crítica retrospectiva*. Madrid: Gredos, 1974.

CHOMSKY, Noam. & LASNIK, Howard. The theory of principles and parameters. In: J. Jacobs, A. von Stechow, W. Sternfeld, T. Vennemann (eds): *Syntax: An International handbook of contemporary Research*. Berlin/New York.: Walter de Gruyter, 1993.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of Language: its origin, nature and use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. *Lingüística Cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EdUSP, 1972.

CHOMSKY, Noam. *Review of Skinner. Language*, 35. p. 26-58. 1959.

CHOMSKY, Noam. *Some notes on Economy of Derivation and Representation*. MIT Working Papers in Linguistics. p. 43-74, 1989.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. MIT Press, 1995.

COELHO, IZETE L. [et.al]. *Para conhecer a sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CURCHIN, Leonard A. *España Romana*. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1991.

CZINGLAR, Christine. Finiteness and V2 in second language acquisition: Longitudinal evidence from two late learners of German. *Wiener Linguistische Gazette*, p. 51-60, 2017.

DEN BESTEN, Hans. On the Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules. *Studies in West Germanic Syntax*, n.20, p.14-100, 1989.

DEN BESTEN, Hans; MOED-VAN WALRAVEN, Corretje. The syntax of verbs in Yiddish. Em HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic Languages*. Dordrecht: Foris, p.77-110, 1986.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés. *Orden de palabras, tópicos y focos en la prosa alfonsí*, Alcanate, VI, p.139-172, 2008-2009.

FONTANA, Josep. On the integration of second position phenomena. *Kemenade and Vincent*. p. 207-249, 1997.

FONTANA, Josep. *Phrase structure and the syntax of clitics in the History of Spanish*. Dissertation (Doctor of Linguistics) - University of Pennsylvania, Philadelphia, 312f, 1993.

GUERRAS, Maria Sonsoles. *Os Povos Bárbaros*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

HICKEY, Raimond. *Internally - and Externally - Motivated Language Change* In: CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo HERNÁNDEZ-CAMPOY; Juan Manoel. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*, Blackwell Publishing Ltd: USA, 2012, p. 387-407.

KAISER, Georg. *A ordem de palavras e a posição do verbo finito no português antigo*. Actas do Congresso Internacional organizado pelo Departamento de Língua e Literatura Portuguesas da Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, p. 248- 261, 1999.

KAISER, Georg. *A ordem de palavras e a posição do verbo finito no português antigo*. Actas do Congresso Internacional organizado pelo Departamento de Língua e Literatura Portuguesas da Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, p. 248- 261, 1999.

KAISER, Georg. *V2 or not v2? Subject-verb Inversion in Old and Modern French Interrogatives*. In: BRANDNER, Ellen; FERRARESI, Gisella. *Language Change and Generative Grammar*. Hamburg, 1995-6.

KREMER, Dieter. *Hispania Germanica*. En torno a las relaciones lingüísticas germano-hispanicas. In: HEMPEL, Wido; BRIESEMEISTER, Dietrich (orgs.). *Actas del Colóquio hispano-alemán Ramón Menéndez Pidal*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p. 138-149.

KROCH, Anthony. *Syntactic Change*. In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chirs. *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Malden, MA & Oxford: Blackwell, 2001.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. 8ª edição. Madrid: Editorial Gredos, 1981.

LEDGEWAY, Adam. "Late Latin Verb Second: The Sentential Word Order of the 'Itinerarium Egeriae'". *Catalan Journal of Linguistics*, [online], Vol. 16, pp. 163-216, 2017. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/CatalanJournal/article/view/331409>. Acesso em 06/08/2020.

LIGHTFOOT, David. *Catastrophic change and learning theory*. *Lingua* v. 100, p.171-192, 1997.

LOHNDAL, Terje; WESTERGAARD, Marit; VANGSNES, Øystein. *Verb Second in Norwegian: Variation and Acquisition*. In Rebecca Woods & Sam Wolfe (eds.), *Rethinking V2*. Oxford University Press, 2020.

MARTINS, Ana Maria. *Against V2 as a general property of Old Romance languages*, in: FELDHAUSEN, Ingo; ELSIG, Martin; KUCHENBRANDT, Imme e NEUHAUS, Mareike (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 15*, John Benjamins, p. 10-33, 2019.

MOURA, Rafael Aguiar; MARTINS, Marco Antonio. Fronteamento de Constituintes e Padrões de Ordenação do Sujeito em Cartas Particulares Brasileiras dos Séculos XIX e XX. *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 16 Números 1/2: 47-62, 2014.

MÜLLER, N. Erwerb und Wortstellung im Französischen und Deutschen: Zur Distribution von Finitheitsmerkmalen in der Grammatik bilingualer Kinder. Rothweiler, p. 127-151, 1990.

MÜLLER, N. Komplexe Sätze: Der Erwerb von COMP und von Wortstellungsmustern bei bilingualen Kindern (Französisch/Deutsch). Diss., University of Hamburg. In: *Tübinger Beiträge zur Linguistik* (Language Development, 16.), Tübingen: Narr, 1991.

NEVALAINEN, Terttu; RAUMOLIN-BRUNBERG, Helena. *Historical Sociolinguistics: Origins, Motivations, and Paradigms*. In: CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo HERNÁNDEZ-CAMPOY; Juan Manoel. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*, Blackwell Publishing Ltd: USA, 2012, p. 22-40.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Lingüística Histórica. In: Claudia Pfeiffer; José Horta Nunes. (Org.). *Introdução às Ciências das Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento*. 1 ed. Campinas: Pontes, 2006, v. 3, p. 11-48.

PIÑEIRO VALVERDE, Maria de la Concepción. Terra de Fronteiras: A Espanha do século XI ao século XIII. In: MONGELLI, Lênia Márcia. *Mudanças e Rumos: O Ocidente Medieval* (séculos XI-XIII). Cotia: Íbis, p. 151-183, 1997.

PINTO, Carlos Felipe. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. 341f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas- São Paulo, 2011.

PINTO, Carlos Felipe. Los contactos de lengua y el español medieval. *Labor Histórico*, vol 7 (especial), p.40-66, 2021.

PINTO, Carlos Felipe. Variação na ordem O-V no espanhol antigo: evidências de um processo de competição de gramáticas a partir do contato entre línguas. In: CARVALHO, Daniel da Silva; SOUSA, Lilian Teixeira de. *Gramática Gerativa em Perspectiva*. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2018. v. 1, cap. 6, p. 133-158. ISBN 9878580293361.

RIBEIRO, Ilza. *A sintaxe da ordem no Português Arcaico: o efeito V2*. 1995. 286f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas- São Paulo, 1995.

RINKE, Esther. *Verb placement in Old Portuguese*. In. DUFTER, Andreas; JACOB, Daniel. *Focus and Background in Romance Languages*. Vienna, Austria. 2009, p. 309-332.



RIZZI, Luigi. *The Fine Structure of the Left Periphery*. In *Elements of Grammar: Handbook of Generative Grammar*, 281-338. Dordrecht: Kluwer, 1997.

RIZZI, Luigi; IAN Roberts. *Complex Inversion in French*. *Probus* 1: p.1-30, 1989.

ROBERGE, Paul. *The Teleology of Change: Functional and Non - Functional Explanations for Language Variation and Change* In: CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo HERNÁNDEZ-CAMPOY; Juan Manoel. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*, Blackwell Publishing Ltd: USA, 2012, p. 369-386.

ROBERTS, Ian G. *Diachronic syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

RODRÍGUES MOLINA, Javier. *La Gramaticalización de los Tiempos Compuestos en Español Antiguo: Cinco cambios diacrónicos*. 2010. 2498f. Tese (Doutorado em Linguística) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2010.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-Historical Linguistics*. New York: Cambridge University Press, 1982.

RUAS, Samara. A perspectiva gerativista em aquisição de segunda língua: uma revisão. In: CARVALHO, Daniel da Silva; SOUSA, Lilian Teixeira de. *Gramática Gerativa em Perspectiva*. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2018. v. 1, cap. 7, p. 159-186. ISBN 9878580293361.

SAUTER, Kim. *Transfer and access to universal grammar in adult second language acquisition*, 2002. 212 p.

SIEGEL, Jeff. Two Types of Functional Transfer in Language Contact. *Journal of Language Contact*, v. 5, p.187-215, 2012.

SITARIDOU, Ioanna . The (dis)association of Tense, phi-features EPP and nominative Case: case studies from Romance and Greek. In J. Costa & M. C. Figueiredo Silva (eds.), *Studies on Agreement*. Amsterdam: John Benjamins. p.243-260, 2006.

SITARIDOU, Ioanna. A comparative study of word order in Old Romance. *Folia Linguistica*, 46/2, "The pace of Grammaticalisation in Romance", (guest eds.) A. Carlier, B. Lamiroy & W. De Mulder. p.553-604, 2012.

SITARIDOU, Ioanna. Against V2 in Old Spanish In: Breitbarth, Anne, Miriam Bouzouita, Melissa Farasyn, Lieven Danckaert (Eds.), *The Determinants of Diachronic Stability*. Amsterdam: John Benjamins. p.131-156, 2019.

SITARIDOU, Ioanna. Word order and information structure in Old Spanish. *Catalan Journal of Linguistics*, Special issue on 'Word Order and Information Structure', (eds.) M. Battlori & M.-L. Hernanz. p.159-184, 2011.

SOPATA, Aldona. V2 Phenomenon in Child Second Language. In: MATTHEW Prior et al (eds.) *Selected Proceedings of the 2008 Second Language Research Forum*, p.211-228, 2010.

TORRES MOARAI, Maria Aparecida. *Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

TUTEN, Donald. *Koineization in Medieval Spanish*. Berlin/Nova Iorque, Mouton de Gruyter, 2003.

UNSWORTH, Sharon. Early child L2 acquisition: Age or input effects? Neither, or both?. *Journal of Child Language*, 43(3), p. 608-634, 2016.

VASCO DA GAMA, Nilton. A Formação da Língua Espanhola: uma visão sociolinguística. *Universitas*, p. 125-142 (out/dez), 1979.

VIKNER, Sten. *Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

VIKNER, Sten. *Verb movement variation in Germanic and Optimality Theory*. 2001.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

WESTERGAARD, Marit; SORACE, Antonella; HEYCOCK, Caroline; BENTZEN kristine. *Variable verb placement in embedded clauses: comparing English and Norwegian children and adults*. Papers offered to Adriana Belletti on the occasion of her 60th birthday, CISCL, Siena, 2014.

WESTERGAARD, Marit. Unlearning V2: Transfer, markedness and the importance of input cues in the acquisition of word order in English by Norwegian children. In Foster-Cohen, Susan., Pekarek-Doehler, Simona. (Eds.), *EUROSLA yearbook*, Amsterdam: John Benjamins, p. 77-10, 2003.

WOLF, Sam. *On the left periphery of v2 languages: Evidence from romance fin and force V2 systems*. *Revista di Grammatica Generativa*, 2016.

WOLF, Sam. The nature of Old Spanish verb second reconsidered. *Lingua*. V164A, p.132-155, 2015.

YANG, Charles. A Formalist Perspective on Language Acquisition, *Linguistic Approaches to Bilingualism*, Volume 8, Issue 6, p. 665 - 706, Nov 2018.

YANG, Charles. *Knowledge and Learning in Natural Language*. 140 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Department of Electrical Engineering and Computer Science, Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 2002.

YANG, Charles. *Three Factors in Language Variation*, 2008. Disponível em: [http://www.biolinguistics.uqam.ca/Yang\\_2009.pdf](http://www.biolinguistics.uqam.ca/Yang_2009.pdf). Acesso em: 08/10/2020

YANG, Charles; ROEPER, Tom Roeper. *Minimalism and Language Acquisition*. 2006. Disponível em: <https://people.umass.edu/roeper/>. Acesso em: 08/10/2020